

O que Orta nos diz brevemente do *Pico de Adão*, e da pégada do primeiro homem, é perfeitamente conhecido de todos os nossos escriptores do tempo, e de muitos outros, anteriores e posteriores; e Couto dedicou a esta questão um capitulo completo e muito interessante. Camões tambem dizia:

Olha em Ceilão, que o monte se levanta  
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;  
Os naturaes o tem por cousa santa,  
Pela pedra, onde está a pégada humana.

A pégada, ou *sri-pada*, encontra-se no mais alto da montanha, e é uma depressão na rocha, de dimensões muito superiores ás de um pé humano, mas reproduzindo grosseiramente a sua fórma. Para os buddhistas foi ali impressa pelo seu Gautama Buddha; para os brahmanes por Siva; para os mahometanos por Adão; e para os portuguezes da India por S. Thomé, ainda que outros se inclinavam para o eunuco da rainha Candace. De modo que todos os povos e todas as religiões a veneravam. A tradição mahometana, cuja origem se póde talvez encontrar entre os christãos gnosticos, não situava propriamente em Ceylão o paraizo —como diz Orta—; mas unicamente o lugar em que Adão fez penitencia depois da expulsão, e antes de se encontrar outra vez com Eva (Póde ver-se o que dizem os nossos escriptores, nomeadamente Couto, *Asia*, v, vi, 2; e tambem, Tennent, *Ceylon*, II, 132; Yule, *Marco Polo*, II, 302; Gerson da Cunha, *Memoir on the tooth-relic of Ceylon*, Bombay, 1875).

É n'este *Coloquio* que Orta tem a phrase singular, que já citámos a pag. 18: ... «que alguns dixeram ser Trapobana ou Çamatra». Ninguem disse que Ceylão fôra Sumatra, mas uma e outra ilha se identificaram com a antiga Taprobana; o que, de resto, Orta explica mais claramente em outro *Coloquio*.

#### NOTA (10)

Pela primeira vez, Orta cita n'este *Coloquio* o seu compatriota João Rodrigues, ou *Amatus Lusitanus*. Os commentarios d'este a Dioscorides haviam sido impressos em Veneza (1553) e de novo (1557), alem de outras edições. Podia, pois, tel-os na India, como tinha mais livros publicados por aquelles tempos; mas cita-o tão brevemente, que parece conhecê-lo mal, e talvez apenas por alguma referencia de outro escriptor.

Cita tambem Francisco Tamara, professor em Cadix, mencionando o seu livro, *Juan Bohemo de las costumbres de todas las gentes*, publicado em Antuerpia no anno de 1556.



O Thomaz Rodrigues, de quem falla, era o famoso professor de medicina, ao qual — como antes vimos — foi dirigida a epistola latina de Dimas Bosque. Parece que Thomaz Rodrigues, picado pela «exhortaçam» do celebre Matthioli aos medicos portuguezes, havia escripto antes a Garcia da Orta sobre o assumpto; e este desempenhava-se da obrigação que lhe fôra imposta, publicando o resultado das suas observações na India.



## COLOQUIO DECIMO SEXTO

DO COQUO CHAMADO, SCILICET, DO COQUO COMUM  
E DO DAS MALDIVAS

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do arvore dos *coquos*, chamado assim dos Portuguezes, me dizei; que sempre ouvi dizer, que era hum arvore que dava muitas cousas nesseçarias á vida humana.

ORTA

Dá tantas e nesseçarias, que não sey arvore que dê a sesta parte; e pois assi he, bem he que saybaes do que nós chamamos *palmeira*; mas os Gregos antigos delle não escreveram cousa alguma que eu visse, e os Arabios escreveram pouco; e isto será bem pera contardes em Castella, sem embargo de ser sabido isto muito por os que vam, por ser cousa nota. E, vindo aos nomes, diguo que se chama *maro*, e o fruto *nael*; e este nome *nael* he comum a todos, porque o usam os Persas e os Arabios; e Avicena lhe chama *jauzialindi*, que quer dizer *noz da India*; e Serapio\* e Rasis chamam ao arvore *jaralnare*, que quer dizer *arvore que dá coquos*; e os Malabares chamam ao arvore *tengamaram*, e o fruto, quando he maduro, se diz *tenga*; e em malaio chamam ao arvore *tricam*, e o coco *nihor*; e nós, os Portuguezes, por ter aquelles tres buracos, lhe pusémos o nome *coquo*; porque parece rosto de bugio ou de outro animal. He arvore muito grande de comprimento, e tem a folha no mais alto, como as folhas da nossa palmeira ou das canas, as folhas da nossa palmeira são mais meudas; e a frol he como

---

\* Avicena, lib. 2, 506; Serapio, cap. 228 (nota do auctor).



a do castanheiro; o páo he muito esponjoso; e quer lugares areosos perto do mar, porque fóra no sartão nam se dam. Semeam os mesmos *coquos* e deles nascem palmeiras pequenas, as quais traspõem; e, em poucos anos, dam fruto, se as tratam bem, e lhe lanção agoa e cinza, ou esterco no inverno, e agoa, como dixe, no verão. Fazemse grandes e fermosas as que estão perto das cazas moradas, que parece que a gente lhe faz bem; isto póde ser por causa da çugidade, e tambem se querem bem entulhadas.

## RUANO

Começay a dizer os proveitos desta arvore.

## ORTA

A madeira, posto que não he muyto boa, aproveita, por ser alta, para muytas cousas; e nas ilhas de Maldiva fazem hum navio que, assi elle como a pregadura, e as véllas e cordoálha, he feyto de palmeira; dos ramos (a que chamamos *olla* em Malabar) cobrem as casas e navios. Fazem duas maneiras de palmeiras, humas pera fruta, e outras pera darem *çura*, que he vinho mosto; e quando he cozido, chamamlhe *orraqua*; e estas de *çura*, se as querem para isso, cortamlhe huns cabos, e atamlhes alli as vasilhas, donde tiram a *çura*; e sobem a tirála açima, atadas aos pés humas péas, ou fazendo algumas falças no arvore; desta *çura* estilam ao modo de agoa ardente; e deitam hum vinho como agoa ardente; e queimam hum pano molhado nella, como faz agoa ardente; a esta fina chamam *fula*, que quer dizer frol; e á outra que fica chamam *orraqua*, mesturando nella estoutra alguma pouca cantidade; e da *çura*, até que se estile, fazem vinagre, pondoa ao sól porque se azede; e fica, ás vezes, muyto forte. E depois que se tira esta vasilha da *çura*, se dá muyta, tiram outra de que fazem açucare, embastecido ao sól ou a fogo, a que chama *jagra*; e o melhor de todos he o das ilhas de Maldiva, e este não he tão preto como o das outras terras. O fruto, quando he novo, tem em si hum casca muito tenra, a qual sabe a alcachofa



molhada no sal, ou sem elle; tem dentro meolo muito lan-  
guido e doce, e agoa tambem muito doce e suave; e com  
sua doçura não faz fastio; a qual agoa dura muito tempo,  
e se faz do sutil das cortezas do meolo; de modo que fica  
o que nós chamamos *coquo*, e os Malabares *tenga*; e dentro  
nelle alguma agoa, não tam doce como a primeira, porque  
às vezes se azeda algum tanto. Este *coquo*, quando he verde,  
chamão os Malabares *elevi*, e aqui em Goa *lanha*; tem este  
*coquo* duas cascas grandes até que cheguem ao meolo; e o  
meolo, quando he maduro, pera se comer, he bem que se  
raspe a casca de cima; porque assi o diz Avicena e Sera-  
píam. A primeira das cascas he muito lanuginosa e desta se  
faz *cairo*, que assi he chamado dos Malabares e de nós:  
delle se faz a cordoálha, emxarçia de totalas náos; serve  
muyto nesta terra, porque he muyto gentil cordoálha, por-  
que nam se apodrece na agoa salgada: e por esta causa he  
boa esta lã destes cocos de que fazem o *cairo*; porque  
todos os navios sam calafetados com elle, de maneira que  
serve de linho e de estopa e de esparto. E por esta causa he  
boa mercadoria pera Portugal, senão fizesse tanto volume,  
esta he a causa porque se gasta tanto delle; porque sem-  
pre faleçe, com aver na India tantas palmeiras, e darem a  
elrey de parias tanto *cairo* das ilhas de Maldiva, e certo  
que no calafetar dos navios acertam muyto; porque incha  
este *cairo* metido na agoa salgada.

## RUANO

Boa cousa he esta arvore; pois tanto dá de si, porque tam-  
bem diz Laguna que fazem della tapizes ou esteiras pintadas.

## ORTA

Não teve razão, nem boa enformação diso. E a outra  
casca serve de vasos pera beber a gente mezquinha; e tam-  
bem queimada serve de carvão muyto bom pera os ourives.

## RUANO

E nam he bom pera beberem os paraliticos, como diz Se-  
pulveda?



ORTA

Sempre ouvi yso dizer sendo moço; mas em doutor de autoridade não o achei yso escripto; por onde creio ser fen-gido, e mais porque nesta terra nam o tem asi. E desta fruta não se louva pera os nervos, senão o oleo que he tam separado da corteza, tam fóra de sua naturaleza.

RUANO

A fruta já a provey muitas vezes.

ORTA

Todavia vos digo que, quanto he mais novo o que chamamos *coquo*, he a agoa mais saborosa; e a corteza do meio, porque a derradeira não he ainda formada, que he a que cobre o meolo quando he dura, e depois o *coquo* sabe a amendoas verdes; e este comem algumas pessoas com a *jagra* que acima disse, ou com açucare. E se não fosse a multidão desta fruta seria em mais preço extimada, como he no Balagate. E deste *coquo* pisado, e tirado o leite, fazem\* (que assi parece) e cozem arroz com elle, e he como arroz de leite de cabras. Fazem comerres das aves e carnes (a que chamam *caril*); e tambem secam estes *coquos*, e, desque elles despedem a casca, ficam secos em pedaços, e chamamlhes *copra*, e os levam a Ormuz e ao Balagate, e ás terras que tem pouca fruta desta e nam lhe abasta pera se secar, ou onde carecem della. E fruta saborosa, e usada como castanha seque da nossa terra; porque sabe melhor que os *coquos* que levam a Lixboa.

RUANO

E como se faz o azeite?

ORTA

Desta mesma *copra* se faz em alagar; e fazse em muyta cantidade; e he muyto craro que parece agoa; alumia muyto

---

\* Deve faltar aqui alguma palavra; o sentido é claramente, que do *coco* pisado fazem uma especie de leite.



bem; e gastase muito, por ser muy delgado; comeo a gente da terra com arroz, e dizem ter bom sabor.

## RUANO

Assi diz Avicena e Serapio que he melhor que a manteiga, e que nam molifica o estamago como ella.

## ORTA

Duas maneiras ha de azeite; hum he feito de *coquos* frescos, e o outro da que chamamos *copra*, que he os *coquos* sequos; e este que se faz dos *coquos* frescos he feito pisando o *coquo* e deitando-lhe agoa quente; e tiram a corpulencia, que no fundo reside, e per cima a espremem, e o oleo nada sobre agoa; e esta he humá mézinha purgativa, que purga lubrificando ou fazendo brando; a muitos a damos qua pera evacuar as tripas e o estomago somente; e purga muyto bem, sem nenhum perigo, nem damno. E muytos a mesturam com expresam de tamarinhos; e por esperiencia achei ser muito boa. E se Avicena entende deste oleo, que he bom nutrimento, diz verdade; mas nam a diz em dizer que nam molifica o estamago, em dizer que nam he lubrico ou correção. E o outro que se faz da *copra* he muyto boa mézinha pera os nervos; e muyto proveito achamos nelle pera o espasmo, ou dores de juntas antigas, scilicet, metendo o paciente em humá almadia pequena, mais que de comprimento de homem, ou em humá gamella grande; e nelle quente deixão dormir e estar o paciente, e milagrosamente aproveita.

## RUANO

Dizem que mata as lombrigas o oleo, e que o *coquo* comido tambem as faz saír, e isto dizem Avicena e Serapiam.

## ORTA

Não tenho por esperiencia o oleyo matar as lombrigas, nem parece muyto conforme á rezam; e de as o *coquo* causar e gerar, he comum openião dos Indios, e vêse cada dia ao olho.



RUANO

Alegua Serapio a Mansarunge (que diz ser o Mesue antigo) que estanca as camaras o *coquo*.

ORTA

Não he emconveniente que estanque o ventre comido; e o olyo que relaxe o ventre; porque o oleo he fundado nas partes do ar, e o *coquo* nas da terra.

RUANO

Diz Laguna que alguns tiveram o *oleo mel\**, de que tracta Dioscorides no primeiro livro, seja hum dulcissimo azeite, que mana desta palma: dizey o que sentis disto.

ORTA

Digo que esta palmeira não deita olyo por outra parte senam o que he feito per expresam do *coquo*, por onde crede que se enguanarão nisso.

RUANO

Queria saber do *coquo* que levam a Portugal, que dizem das Maldivas, que he contra a peçonha, se se contem ambos debaixo de huma mesma especia; porque eu vi em Portugal o casco sem medulla alguma, e deziem muytos bens delle; e da medulla, que eu não vi, deziem muyto maiores louvores.

ORTA

Eu vos responderey a isso; mas primeiro vos quero dizer de hum saboroso comer desta palmeira, ainda que não he muyto proveitoso; e he o olho da palmeira ou amago, e folhas ajuntadas as mais delgadas (a que chamamos *palmitos*) e sabe melhor que os nossos *palmitos*, e algum tanto sabe a castanhas das brancas e muyto tenras, ante que caiam do ouriço; e todavia sabe melhor que isto, o *palmito*. E porém quem come hum *palmito* come huma *palmeira*,

---

\* Ou *elæomel* (Ελαίουμέλιτος), cuja natureza é duvidosa; mas que seguramente se não extrahia do *coqueiro*.



porque loguo sequa; e quanto a *palmeira* he mais velha, tanto he melhor o *palmito* (1). E tornando ao *coquo* das ilhas Maldivas, he muyto louvado da gente das mesmas ilhas e dos Malabares, que conversam as ditas ilhas.

RUANO

E destoutros reis que curais, e da gente das suas terras he estimado este *coquo*?

ORTA

Não, nem ouvi falar lá nelle; por onde lhe não dou tanto credito; e, porque não se offreceo caso onde curasse com elle alguma pessoa, somente ouvi dizer a muytas pessoas, dinas de fé, ser muyto bom pera a peçonha; e averemse achado muyto bem com elle pera muytas enfermidades, assi como pera colica, è paralesia, gota coral, e muytas enfermidades de nervos: e á colica me diziam que aproveitava fazendo sair e arrevesar; ás outras enfermidades me dixeram que preservava dellas, bebendo aguo deitada no mesmo *coquo*, deitando nelle hum pouco de miolo, e que andasse nelle muytos dias.

RUANO

Muyto negligente fostes em não o esprementar.

ORTA

Deixeio de fazer, por não se offerecer caso pera iso; e no da peçonha, que he o principal, não o usey porque ha outras milhores mézinhas, asi como sam *pedra bezar*, *triaga*, *páo da cobra*, de que ao diante falarey, *páo de Malaca de contra erva*, *esmeraldas*, *terra segillata*; e porque com estas me achei bem, não quis esprementar estoutros. E seyvos dizer que muytos homens bebem por estes *coquos*, e dizem que se achão muyto bem; mas não sey se o faz a emaginacão: e por esta razam não quis afirmar ser bom nem máo, nem vos direy cousa alguma ser boa, senão sendo testemunha de vista ou\* pesoas dinas de fé.

\* Parece que se devem intercalar as palavras: «sabendo-o por».



RUANO

Dixeramme que a rainha, nossa senhora, mandava todos os anos por este *coquo*, e lho levam de cá; e por tanto não me negueis ser pera a peçonha bom; porque pôde ser que o esprementem lá alguns bons fisicos.

ORTA

Quando mo elles dixerem crerloey, e affirmáloey; mas agora nam, pois o não vi; e como o vir desdizermey, e nam averey vergonha disse.

RUANO

Pois eu o ey de levar pera Portugal, se o achar, e for lá a salvamento; portanto mostraimo ou dizeime a feiçam delle.

ORTA

A casca deste *coquo* he preta, e mais luzidia que a dos outros *coquos*; he de figura oval, por a maior parte, e não redonda como a dos outros; o miolo de dentro he muito duro, e he branco, declinando um pouco a amarello, e, no fim do amaguo, com gretas e muyto poroso; nam tem sabor algum excesivo; tomam deste miolo até dez grãos de trigo de peso, em vinho ou agoa rosada, segundo a necessidade he.

RUANO

He da especia deste outro *coquo*, porque parece não o ser; por quanto os *coquos* que della comemos sam muyto maiores e de outra figura?

ORTA

Não faz isso ao caso; porque os *coquos* das ilhas das Maldivas sam muyto grandes; e eu tive já hum, que cabiam nelle sete quartilhos. E tambem ha nestas ilhas dos *coquos* de contra peçonha ou veneno, alguns pequenos e redondos; portanto a vossa razam não conclue.

RUANO

Pois dissei vosso parecer, e o que sabeis disse.



## ORTA

A fama comum he, que estas ilhas eram terra firme; e por serem baixas se alagáram, e ficáram alli essas palmeiras; e que de muyto envelhecidas se fizeram tam grandes *coquos* e tam duros enterrados na terra, que he agora coberta com o mar. Não tem folhas nem tronco, por onde se posa compreender se he da mesma especie ou não; parecem serem de diversas especies os *coquos*, por terem diversos efeitos e obras: quando souber o contraio disto, vos escreverei a Portugal o que qua achei nisto, se me Deos der dias de vida; porque espero de o saber bem, quando for ao Malabar, Deos querendo. Despois soube que os *coquos* vem pegados dous em hum, como arcos de bésta; e despois os despegam; e, ás vezes, vem despegados alguns. Deitaos o mar na praia: o *coquo* não he tam duro como este que vemos, nem tam pouco he tam mole como os *coquos* das palmeiras, que comemos.

## RUANO

Pois diz hum doutor moderno muytas cousas dos louvores da palmeira usual destes *coquos*; e em todas as mais acerta, senão onde diz que o vinho se fazia da expersam do *coquo*; isto diguo, segundo vos ouvi; porque me dixestes que da lagrima se fazia cozendoa, ou estilandoa, como fazemos a agoa ardente: dizeime se diz a verdade?

## ORTA

Nisso do vinho erra; e tambem erra na maneira que diz do fazer do mel, e em algumas outras cousas que não fazem ao caso. E concluindo no *coquo* das ilhas, diguo que tiram o amago dos *coquos*, e o põem a secar da maneira que secam os outros de que fazem a *copra*, e fica tam duro como vedes; pois a cor já a vedes que parece como queijo de ovelhas muyto bom; e mais me dixe este Portugues, que sabe muyto das ilhas, que nunca pessoa alguma vio o arvore que dá estes *coquos*, senão que o mar os deita de si; e que he pena de morte apanhálo alguma pessoa quando o achar na praia, senão leválo a elrey, e isto dá ao *coquo* das ilhas



mais autoridade (2). E deixemos isto, e falemos no *costo*, pois he mais usado na fisica.

---

NOTA (1)

O zeloso investigador da botanica do Malabar, Rhede van Drakenstein, dizia, enumerando os auctores que antes d'elle se occuparam do *coqueiro*: *et in primis præ aliis Garzias ab Horto* ... Collocava assim o nosso escriptor na cabeça do rol (*Hortus malabaricus*, 1, tav. 8).

Esta palmeira — *Cocos nucifera*, Linn. — e os seus numerosos productos são bastante bem conhecidos para que se torne inutil uma nota muito extensa.

O *coqueiro*, extremamente commum ao longo da costa meridional da India, Canará, Malabar, Coromandel, e nas ilhas proximas, Maldivas, Lacadivas e outras, alarga-se pouco para o interior, para o «sartão», como bem notou o nosso escriptor. E tambem parece ser verdade que prospera melhor na vizinhança das povoações, das «casas moradas». Os singhalezes dizem, que não póde viver, onde não ouve a voz do homem.

Os nomes vulgares, mencionados por Orta, são quasi todos bem conhecidos e de facil identificação:

— «Narel» commum entre «Persios e Arabios». Este nome foi e é um dos mais usados em todo o Oriente, nas fórmulas *naril*, *naral*, *nariyal*, *nargil*, melhor *nardjil*. Maçudi falla repetidas vezes no *coco*, النارجيل, *en-nardjil*, dando-lhe tambem o nome de الزانج, *ez-zandj*. As primeiras fórmulas devem derivar do nome sanskritico d'aquelle fructo, नारिकेल, *nārikēla*.

— «Jausialindi», isto é, *el-janz-el-Hindi*, a *noz da India*, é uma designação vulgar na Persia, e entre os arabes.

— «Tenga», ou *tanghā*, ou *taynga* ou *tenna* são os nomes vulgares do fructo nas linguas do sul, como o tamil e o maláyalam, sendo a arvore chamada *tenga-maram*, ou *tenna-maram*.

— «Nihor», o nome malayo do *coco*, vem citado por Ainslie na fórmula *nyor*, e por Crawford na fórmula *ñur*.

De resto, em muitas localidades, o fructo tem nomes diversos segundo o seu estado de desenvolvimento; assim em Goa, o *coco* verde chama-se *coco lanho*, ou *lanha*, como Orta diz (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 800; Ainslie, *Mat. ind.*, 1, 78; Piddington, *Index*, 22; Crawford, *Dict. of the Indian Islands*, 114; Maçudi, *Prairies*, 1, 338; e para a complicada nomenclatura do *coco* e *coqueiro* nas terras de Goa, Lopes Mendes, *A India port.*, 1, 172 etc.; e Costa, *Manual do agricultor indiano*, no 1.º vol.).



Os usos das diversas partes do *coqueiro* como materiaes de construcção, a que se refere o nosso escriptor, são bem conhecidos na India: o da madeira em vigamentos e postes; o das folhas ou *ola* («ramos» de Orta) em tectos e coberturas; e o do *cairo*, extrahido do involucro fibroso do fructo, em cordas, calafetagens, etc. O *cairo*, que ainda hoje se exporta em quantidades consideraveis para a Europa, onde é empregado no fabrico de diversos objectos, era então principalmente apreciado como materia prima dos cabos, usados na navegação — fazia «muito gentil cordoalha» como diz o nosso auctor. João de Barros tambem louva os cabos de *cairo* em umas phrases graciosamente portuguezas. As causas de as amarras de *cairo* serem as melhores e mais duradouras, diz elle:

«he porque enverdece com a agua salgada; e faz-se tão correento nélla, que parece feito de coiro, encolhendo e estendendo á vontade do mar: de maneira, que hum cabre d'estes bem grosso, quando a não com a furia da tempestade, estando sobre ancora, porta muito per elle, fica tão delgado, que parece não poder salvar hum barco; e no outro saluço, que a não faz arfando, torna a ficar em sua grossura.»

(Cf. Barros, *Asia*, III, III, 7; Drury, *Useful plants of India*, 146.)

Com o *cairo* calafetavam tambem e cosiam os barcos; e estes barcos *cosidos* e não pregados eram uma das curiosidades dos mares orientaes, da qual fallaram todos os viajantes, desde o auctor do *Periplo*, até Marco Polo, Monte Corvino, e aquelle excellente fr. Jordão, que explica muito bem o caso em muito mau latim: *et de cortice istius fructus* (Nuces de India) *fiunt cordæ cum quibus suuntur navigii in partibus illis*. As mais celebradas d'estas embarcações eram as construidas nas Maldivas, a terra classica dos *coqueiros* e do *cairo*, onde — como diz Orta — barco, pregadura, vellas, cordoalha, tudo era feito d'aquella palmeira. Chamavam-lhes *gundras*, segundo diz Gaspar Corrêa, que dá a seu respeito uma noticia interessante:

«... gundras, que são huns barcos das Ilhas de Maldiva, onde se faz o fio de *cairo* de que se fazem as amarras e enxarcias de toda a navegação da India, afora outro muito serviço da terra. Gundras são feitas da madeira das palmeiras juntas e pegadas com tornos de páo, sem nenhum prégo, e as vélas são esteiras feitas de folha secca das palmeiras.»

(Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, I, 341; *Mirabilia*, em *Recueil de Voyages*, publié par la Soc. de Géogr., IV, 43, Paris, 1839; Yule, *Marco Polo*, I, 111 e 119.)

Das substancias alimentares fornecidas pelo *coqueiro* dá Orta uma enumeração muito completa, fallando do *palmito*, que é o «olho ou amago da palmeira»; da agua e do miolo do coco, que é «muito languido e doce»; do azeite, feito do miolo fresco, ou do miolo secco, chamado *copra*. Enumera tambem detidamente todos os productos da



palmeira *layrada á sura*; isto é, para fornecer a seiva: o liquido fermentado ou *sura*; os espiritos distillados da *sura*, o mais fino chamado *fula* ou flor, o mais ordinario chamado *orraca*; o vinagre; e finalmente o assucar, ou *jagra*. Tudo isto são productos muito conhecidos, e que não carecem de explicação (Cf. Drury, l. c.; Lopes Mendes, l. c.; Costa, l. c.).

Nas propriedades medicinaes do *oleo*, Orta distingue o *oleo* dos cocos frescos do *oleo* de *copra*, louvando muito o primeiro como uma excellente «mézinha purgativa», que elle receitava varias vezes. Não propriamente o *oleo*, mas o succo espremido da amendoa pisada ou raspada — o que se appproxima da preparação indicada — tem sido recomendado como fortificante, aperiente, e em certos casos activamente purgativo. Quanto ao *oleo* de *copra*, que era bom para «dores de juntas antigas», podemos notar que ainda o applicam no Concan do mesmo modo, em contusões e inflammações rheumaticas (Cf. *Pharmacopœia of India*, 247; Dymock, *Mat. med.*, 800).

A cultura dos *coqueiros*<sup>1</sup> nas terras portuguezas da Índia era importante já nos tempos de Orta. Folheando o tão interessante e tão valioso livro de Simão Botelho, vemos que o coqueiro dava logar a uma exploração activa, da qual, pelo systema das arrematações ou exclusivos, resultavam algumas rendas para o estado. Em Goa as *orracas* andavam arrendadas; e Simão Botelho explica que erão de tres sortes:

«çura que he asy como se tira, orraqua que he çura cosida hũa vez, xaráo<sup>2</sup> que he cosida duas vezes e he mais forte do que a orraqua, por ser confeytada.»

Pelas condições do arrendamento só podia vender *orraca* o rendeiro, ou quem com elle se concertasse; e este pagava ao estado pelo exclusivo uma quantia, que variava de 3:200 a 3:600 pardáus annuaes proximamente. Nas pequenas ilhas de Divar e outras, proximas da de Goa, tambem as «buticas de orraqua e çura», isto é, as tavernas, entravam n'um arrendamento. Igualmente estava arrendado o exclusivo da venda em quasi todas as aldeias das terras de Baçaim; e ahi encontramos uma especie de imposto industrial:

«as pessoas que tem foguões em suas casas pera fazerem çura preta, paguão por cada ffoquão catorze fedas por ano».

Estes fogões devião serapparelhos grosseiros de distillação, semelhantes ou mesmo identicos ao que ainda se emprega na Índia, e chamão

<sup>1</sup> E subsidiarimente de outras palmeiras; o *Borassus*, por exemplo, fornecia *suras* e *orracas* analogas ás do *Cocos*.

<sup>2</sup> A palavra *xaráo* vinha sem duvida do arabico *scharáb*, que significou primitivamente qualquer bebida; e da mesma palavra arabica procederam na península, o hespanhol *xarave*, e o portuguez *xarope*. *Orraca* era o arabico *arak*, propriamente transpiração, e d'ahi a exsudação ou seiva de palmeira. *Çura* ou *sura* é o sanscritico *Sura*, com a mesma accepção.



ali *zontró*. Também se cobravam direitos dos *bandarys* (*Bhandāri* em marathi), os membros de uma casta especial, que se empregava no cultivo e exploração dos palmares; e a este tributo ou imposto pessoal dava-se o nome de direito de *bandrastal*. Finalmente, os moinhos de azeite, em que se moía *gergelim* e outras substancias, mas principalmente *meolo de coco*, também andavam arrendados, ou pagavam impostos especiaes.

De tudo isto resulta, que os palmares constituíam uma das principaes riquezas da população rural, e ao mesmo tempo uma importante materia collectavel (Cf. *Tombo do estado da India*, nos *Subsidios* de Felner; Lopes Mendes, *India port.*, 1, 189; Gerson da Cunha, *Words and places in and about Bombay*, no *Ind. ant.*, vol. III, 294).

Reservámos para ultimo logar o exame de uma questão secundaria, mas curiosa—a origem da palavra *coco*, *coquo*, ou *quoquo*, que de todos os modos se encontra escripta.

Orta diz, que por o fructo ter aquelles tres buracos, os portuguezes lhe pozeram o nome de «coquo porque parece rosto de bugio ou de outro animal». Linschoten dá a mesma noticia, ou que a encontrasse no livro de Orta, ou que a ouvisse em Goa. Barros escreve: «os nossos lhe chamaram coco, nome imposto pelas mulheres a qualquer cousa com que querem fazer medo ás creanças, o qual nome assi lhe ficou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como lhe os Malabares chamam, Tenga, e os Canariis, Narle». Do livro classico de Barros passou esta derivação para os *Lexicons* da lingua, para o *Vocabulario* do padre D. Raphael Bluteau, e para alguns dictionarios modernos, como o de Moraes.

Fallando dos *coqueiros* da America, Oviedo diz também (cito pela versão de Ramusio): «chamam aquelle fructo *coco*, porque se parece com a figura de um bugio» (*gatto maimone* na versão italiana). E o mesmo repetem os dictionarios hespanhoes, o famoso *Thesoro de la lengua castellana* de D. Sebastian Covarrubias, e o *Diccionario de la Real Academia Española*, onde se citam varios exemplos da applicação da palavra *coco*, no sentido de *figura espantosa y fêa*.

Fallando dos *coqueiros* da Africa, o portuguez Duarte Lopes—na relação de Pigafetta—diz: que ha diversas palmeiras no reino do Congo, e entre ellas a noz da India, chamada *Coccos*, porque dentro do fructo ha uma cabeça parecida com a de um bugio (*dette Coccos, perche hanno dentro una testa che somiglia ad una Simia*); e explica que na Hespanha existe o costume, quando querem assustar as creanças, de dizer a palavra *Coccola*.

De todas estas citações —e omitto varias— se vê, que entre portuguezes e hespanhoes houve unanimidade em adoptar para a palavra *coco* a mesma etymologia que dá o nosso auctor; e no emtanto, quando a queremos estudar de perto, suscitam-se algumas difficuldades.



Comecemos por examinar outras origens possíveis. Diz-nos Yule (no *Glossary*), que C. W. Goodwin encontrou no antigo egypcio uma palavra, *kuku*, designando o fructo de uma palmeira elevada, o qual continha agua no interior. E recorda tambem que Theophrasto dá o nome de *κίμας* a uma palmeira da Ethiopia, a qual Sprengel quiz identificar com o *Cocos*<sup>1</sup>. A coincidência de nomes é notavel, mas não deve passar de uma coincidência. Como bem adverte Yule, é custoso admittir que um nome desaparecesse durante longos seculos, sem deixar vestigio da sua existencia, para reaparecer subitamente na bôca dos portuguezes no fim do xv. Alem do que, é extremamente difficil saber o que fosse o *kuku*.

Rumphius teve noticia da etymologia corrente entre portuguezes, mas não está disposto a acceital-a, e julga encontrar outra melhor. Diz elle, que os arabes chamaram aquelle fructo *gauzoz-Indi*, isto é, *noz da India*, e os turcos *cock-Indi*, com a mesma significação. Este nome de *cock* passaria — na sua opinião — para os mouros africanos (em holandez *Africaansche mooren*, que Burmanno traduziu mal para *Ethiopes africani*), e d'estes para os hespanhoes e portuguezes, sendo a origem da palavra *coquo*. Francamente, é difficil imaginar como um nome turco se podesse generalisar no norte da Africa, onde não ha *coqueiros*, até chegar aos povos da península; e demais não temos outra noticia do tal nome turco, não sendo possível saber onde Rumphius o foi desencantar.

O sabio geographo Ritter suppoz, que este nome fosse uma designação usada pelos habitantes das ilhas dos Ladrões, adoptada e generalisada depois pelos companheiros de Magalhães; mas isto é claramente um erro, pois nós vamos ver a palavra *coco*, empregada pelos portuguezes alguns annos antes da viagem de Magalhães.

Postas de lado estas etymologias, vejamos que valor pôde ter a de Orta, Barros e outros.

Em primeiro lugar será necessario demonstrar, que o nome de *coco* não foi usado antes das viagens portuguezas e hespanholas. Isto, quanto eu pude averiguar, parece ser assim. Um dos primeiros viajantes do Occidente ás terras orientaes, Cosmas (545 J. C.), chama aquelle fructo *ἀργέλινα*, por *ναργέλινα*, o que é uma simples hellenisação do sanscritico *narikela*, ou do persiano *nargil*, como já advertiram Gildemeister e Yule. Seculos depois, o celebre Marco Polo, e pelo mesmo tempo fr. João de Monte Corvino (1292), dão-lhe o nome de *noz da India*, que era a traducção do nome arabico, quadrava bem á fórma e aspecto do fructo, e foi de todos o mais usado pelos viajantes. Fr. Jordão (1328) conhece o nome

<sup>1</sup> Os caracteres attribuidos por Theophrasto á *κίμας* de modo algum concordam com o *coqueiro*, pois diz que não tem um só tronco, mas muitos (Cf. *Hist. Plant.* II, 6, p. 29, ed. Wimmer).



oriental, e liga-o ao nome mais vulgar: *arbor quædam quæ Nargil vocatur ... hi fructus sunt quos nos vocamus Nuces de India*. O mesmo faz poucos annos depois fr. João de Marignolli, o qual latinisa completamente a palavra *Nargil*, e chega mesmo a declinal-a, fallando das fibras *nargillorum*. Nicolo di Conti (1444) escreve como todos os anteriores *nucis indicæ*; e Jeronymo di S.<sup>to</sup> Stephano, escrevendo mesmo á chegada dos portuguezes (1499), continúa a usar da expressão *noci d'India*. Em resumo, vemos que nenhum viajante da idade media emprega a palavra *coco*, nem outra qualquer parecida com esta no som ou na fórma; e vemos que os nomes orientaes, *jauz-el-Hindí*, *nargil*, *tenga*, *nyor*, não têm a mais leve semelhança com *coco*. Julgo pois, que a adopção no Oriente da palavra *coco* ou *coquo* para o fructo, e naturalmente *coqueiro* para a arvore, é puramente portugueza, qualquer que seja a origem da palavra.

Vejamos agora o que dizem os primeiros portuguezes que viram os *coqueiros*. Estes devem ter sido Vasco da Gama e os seus companheiros<sup>1</sup>. Ao chegar a Moçambique, escreve o auctor do *Roteiro* o seguinte:

«As palmeiras desta terra dam hum frutu tam grande como melões, e o miolo de dentro é o que comem, e sabe como junça avellana-da.»

Esta phrase é de uma significação clarissima. Os viajantes encontram uma arvore que reconhecem ser uma palmeira, e isto era facil estando familiarisados com a *palmeira das tamaras* e outras da Africa; mas reconhecem ser uma palmeira nova para elles. Notam as dimensões desusadas do seu fructo, o gosto do miolo, e não lhe dão nome. Evidentemente não o sabiam. Seguem d'ali na sua derrota bem conhecida, vão a Calicut, saem de lá, e na costa da India, junto á ilha de Anchediva, tomam uma nau de mouros. Dentro da nau, diz o auctor do *Roteiro*, havia:

«mantimentos e armas, e o mantimento era coquos, e quatro talhas de huuns queijos d'acucar de palma.»

Esta phrase —ao contrario da primeira— é de difficilima explicação. O nome de *coquo* vem aqui com toda a naturalidade, como uma palavra conhecidissima, de uso corrente. Não me parece natural, que a gente da armada, na curta demora em Melinde e Calicut, se habituassee a ver o fructo, notasse que elle se parecia com o *rosto de um bugio*, se lembrasse dos *cocos* com que as mulheres em Portugal mettiam medo ás creanças, e começasse a dar-lhe correntemente aquelle nome. Ha evidentemente aqui uma difficuldade.

<sup>1</sup> Segundo as opiniões mais seguidas e seguras, o *coqueiro* não existia então na costa de Guiné, onde nos annos seguintes foi introduzido pelos portuguezes; e a phrase do *Roteiro* citada nas linhas seguintes, é favoravel a este modo de ver, pois se ali existisse, de certo haveria nas guarnições quem o conhecesse. Na costa oriental tambem não era espontaneo, mas havia sido introduzido pelos arabes muito antes de ali chegarem os portuguezes.



Alem d'isso, a palavra *coco*, no sentido de figura *espantosa y fêa*, de *papão* de creanças, só se encontra empregada por escriptores hespanhoes e portuguezes muito posteriores, como Quevedo, Hurtado de Mendoza, fr. Luiz de Sousa, ou fr. Amador Arrais; e não achei noticia de que tivesse aquella significação na peninsula, no xv seculo. Ha na verdade, a velha palavra hespanhola *coca*, d'onde *cocôte*, que significava cabeça —segundo o *Dicc. de la Real Academia Española*—, e esta póde em rigor ser a origem da designação dada mais tarde ao fructo.

A etymologia de Orta tem, pois, a seu favor, por um lado a opinião unanime dos escriptores portuguezes e hespanhoes, alguns dos quaes, como Barros e Oviedo, escreviam pouco depois da sua adopção; e por outro o facto de que o emprego do nome data das viagens dos nossos. É certo todavia, que apesar d'isso levanta um certo numero de duvidas.

Afóra esta etymologia corrente, haveria ainda uma mais ou menos aceitavel. Seria a derivação do latim *coccus*, grego *κόκκος*, palavra que propriamente se applica a uma cousa distincta, mas se poderia tomar no sentido de grão ou noz de maiores ou menores dimensões<sup>1</sup>; mas tambem não parece natural, que os rudes companheiros de Vasco da Gama se lembrassem d'esta classica origem.

É forçoso confessar, que a questão permanece muito obscura; e não é facil encontrar uma solução de todo o ponto satisfactoria.

#### NOTA (2)

Varios escriptores nossos fallam d'este *coco das Maldivas*, ou *coco do mar*, tendo-o sempre por uma producção marinha. Camões diz o seguinte:

Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,  
No profundo das aguas soberana,  
Cujo pomo contra o veneno urgente  
É tido por antidoto excellente.

João de Barros dá-lhe a mesma origem: «em algumas partes debaixo da agua salgada nasce outro genero dellas (arvores), as quaes dão hum pomo maior do que o coco». E muitos annos depois, Rumphius, que era um naturalista perito e investigador, insiste na mesma idéa: *hujus miri miraculi naturæ quod princeps est omnium marinarum rerum ...*

<sup>1</sup> N'este caso o nome tomaria dois c e c; e os botanicos, numerosos no principio do nosso seculo, que escreveram *Coccus nucifera*, lembraram-se evidentemente d'esta origem.



Reprehende mesmo Garcia da Orta, por este não acceitar francamente a origem submarina d'aquelle fructo (Cf. *Lusiadas*, x, 136; Barros, *Asia*, III, III, 7; Rumphius, *Herb. Amb.*, VI, 210 a 217).

O fructo não nascia, porém, debaixo da agua, pertencia a uma grande palmeira, *Lodoicea Seychellarum*, de habitação muitissimo restricta, pois se encontra espontanea apenas na ilha Praslin, e mais algumas do pequeno archipelago das Seychelles (Cf. Hooker, *Botanical magazine*, tab. 2734).

As Seychelles, ficando fóra do caminho habitual da navegação pelo canal de Moçambique, permaneceram muito tempo desconhecidas ou mal conhecidas. Os portuguezes tiveram, no emtanto, noticia d'aquellas ilhas, a que chamaram as *Sete irmãs*, ou os *Sete irmãos*, assim como dos recifes madreporicos, que lhes demoram a sueste, e ainda conservam nas cartas o nome portuguez de *Saia de malha*<sup>1</sup>. Mas as ilhas ficaram deshabitadas, e raro visitadas até ao meado do seculo passado. Era, portanto, desconhecida a *Lodoicea Seychellarum*; mas não succedia o mesmo aos seus fructos. Estes, caíndo no mar, fluctuavam á mercê das correntes e dos ventos; e, impellidos por essas correntes, ajudadas em parte do anno pela monção de S.W., eram levados principalmente na direcção das Maldivas, em cujas praias se encontravam com certa frequencia — d'ahi o nome de *coco das Maldivas*. Outros, porém, passavam mais ao sul, e não raro — segundo Rumphius — iam dar ás praias meridionaes de Sumatra, Java, e outras ilhas d'aquella corda vulcanica, que se estende até Timor. Das grandes dimensões e fôrma singular d'estes cocos, e do facto correctamente apontado por Orta, e verdadeiro no seu tempo: «que nunca pessoa alguma vio a arvore que dá estes coquos, senão que o mar os deita de si», se originaram naturalmente todas as lendas relativas á sua origem marinha.

Os malayos, que lhes chamavam *calapa laut*, ou *boa pausengi*, diziam: que, nos grandes abysmos do mar do sul, *laut kidol*, se encontrava uma unica arvore, o *pausengi*, a qual dava estes cocos, e cuja copa emergia fóra das aguas. N'essa copa fazia o seu ninho o *Geruda*, aquella enorme ave, que arrebatava nas garras elephantes, rhinocerontes, e outros grandes animaes; e quando alguns barcos para ali se dirigiam, nunca mais podiam sair do abysmo, onde as guarnições eram fatalmente devoradas pelos *Gerudas*. Vemos assim aquella grande extensão dos mares do sul povoada de lendas assustadoras, tal qual o Atlantico ou *Mar tenebroso* da idade media. Rumphius, que escrevia em Amboyna, e já conhecia a

<sup>1</sup> Nas cartas ainda inéditas de Vaz Dourado (1571) estão marcadas numerosas ilhas a nordeste de Madagascar: as do Almirante, de Mascarenhas, do Corpo Santo, os Sete Irmãos, os Tres Irmãos, etc.; parecendo que a maior dos Sete Irmãos deve corresponder á ilha de Mahé das Seychelles. Tive occasião de consultar o exemplar que se encontra no Arquivo da Torre do Tombo, assim como o que hoje pertence á livraria particular de el-rei.



Australia, diz, que tal abysmo não existe no mar, mas que no emtanto as plantas podiam talvez ser submarinas; e, em face de outras difficuldades, resigna-se a não profundar muito a questão: *Relinquamus itaque incertam istam arborem in matris naturæ abscondito gremio* ...

Francisco Pyrard de Laval, que naufragou nas Maldivas, e ali permaneceu muito tempo (uns quarenta annos depois de Orta), dá a mesma noticia que este. Diz que os naturaes chamavam ao coco *Tauarcarré*, e acrescenta ... «e julgam que é produzido por algumas arvores, que ha no fundo do mar». Mas em outra passagem dá uma indicação mais chegada á verdade, a qual se póde talvez referir a algum vago conhecimento das Seychelles, que possuissem os navegadores das Maldivas. A passagem é interessante, e merece ser citada um pouco mais largamente; diz assim:

«Algum tempo depois, el-rei (o das Maldivas) enviou por duas vezes um piloto mui experimentado ao descobrimento de certa ilha chamada *Polluoy*s, que para elles é ainda quasi incognita, e só dizem que antigamente uma sua barca ahi aportou casualmente, como em suas historias se contém, mas foram forçados a sair d'ella por causa dos grandes tormentos, que lhe fizeram os diabos ... a ilha é fertil em toda a sorte de fructos, e são mesmo de opinião que aquellos grandes côcos medicinaes, que tão caros são, se dão n'aquella ilha; posto que alguns penssem que vem do fundo do mar.»

É bem possivel, que esta vaga tradição tivesse por fundamento uma viagem ás Seychelles, viagem que se não repetiu, porque — como diz Pyrard — quando buscavam a ilha «de proposito ainda a não tem podido achar; e quando a ella tem aportado é por acaso».

Á parte esta curta e vaga noticia, todos tinham o coco por uma produção do mar, não só no tempo de Orta, mas mesmo muitos annos depois (Cf. *Viagens de Pyrard de Laval*, I, 192 e 248; Rumphius, l. c.).

Sobre os effeitos do «antidoto excellente» é o nosso medico evidentemente muito sceptico; faz notar com rasão, que as lendas e mysterios davam «ao coquo das ilhas mais auctoridade»; diz que as curas se podiam talvez attribuir á «emaginação»; e termina com um certo desprezo: «e deixemos isto e fallemos no costó, pois hé mais usado na fisica». Rumphius, que acreditava piamente nos effeitos do coco, não lhe perdoa a sua indifferença: *Garziam porro miror, ipsum harum nucum non majorem habuisse experientiam*. É que de feito o coco era então muito procurado e muito louvado; e o mesmo Rumphius conta que um almirante hollandez, Wolferio Hermano — o que no anno de 1602 commandou uma acção nos mares de Bantam contra a esquadra portugueza de André Furtado de Mendonça — possuia um d'estes cocos, pelo qual o imperador Rodolpho II offereceu quatro mil florins. Aquelle coco era então o unico que existia na Hollanda. Em Portugal eram mais frequen-



tes. Clusius viu em Lisboa (1563) mais de um; e encontrou tambem o miolo secco á venda, mas por um alto preço: *Vidimus cum Ulysipone, tum aliis locis, vascula ex hoc Cocco de Maldiva confecta, oblongiora plerumque iis quæ ex vulgari cocco parantur, magisque nigra et nitida. Quinimo ipsam medullam nucis siccata Ulysipone venalem reperire licet, cujus facultates mirifice extollunt . . . ob quam causam ingens ejus pretium*. Mais notavel do que todos estes vasos, era um, que foi tomado pelos inglezes em uma náó, apreçada no anno de 1592, do qual o seu amigo *Jacobus Garetus* (James Garet) lhe mandou o desenho, e que vem figurado no *Exoticorum*. Está montado em prata, de trabalho evidentemente oriental, e representa uma ave, tendo as garras fortes, e a cabeça de dragão com grandes dentes á mostra. Será uma representação do *Geruda*, e resultaria na imaginação do artista que o cinzelou d'aquella lenda, que ligava o *Geruda* ao *boa pausengi*? (Cf. Rumphius, l. c.; *Exoticorum*, 192; *Flora dos Lusíadas*, 86; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Coco de mer*).







## COLOQUIO DECIMO SETIMO

DO COSTO E DA COLERICA PASSIO

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA, PAGEM, DOM GERONIMO  
E PACIENTE

RUANO

Muyto estimado foy o *costo* antigoamente, e aguora tambem tem seu louvor; portanto regeberey grande merce em me abrires o caminho da verdade em esta mézinha, não tendo afeçam nem odio a algumas pessoas de qualquer calidade que sejam.

ORTA

Eu não tenho odio senão aos erros; nem tenho amor senão á verdade; e com este preposito vos diguo, que eu pera mim nam tenho duvida alguma em esta mézinha.

RUANO

Pois todos a temos; porque Galeno com todos os Gregos, e Plinio com todos os Latinos antigos, e todos os Arabios\* põem muytas maneiras do *costo*; e ainda que os boticairos me dizem que o ha em Espanha, e os Italianos em suas terras, e asi todas as nações, mas que não vem a nós senão esta *indica*, e que das outras, se carecemos, he per descuido e avaricia.

ORTA

Eu pera mim tenho não aver outra; e desta vos direy os nomes, e a feçam, e o uso pera que se usa.

---

\* Galenus, lib. 7, Simplicium; Plinius, lib. 12, cap. 12; Avicena, lib. 2, cap. 165 (nota do auctor).





RUANO

Dizei, com protêstação de vir com meu contraponto, quando fôr necessario.

ORTA

Diguo que *costo* em arabio se chama *cost* ou *cast*; e em guzarate se chama *uplot*; e em malaio, pera onde he grande mercadoria e se guasta muyto, se chama *pucho*; disevos o nome em arabio porque por este he chamado dos Latinos e Gregos; e o do Guzarate porque he a terra mais chegada onde nasce; e disevos o nome malayo, porque a maior quantidade se gasta pera lá, scilicet, pera levar á China (1).

RUANO

E não nasce o *costo indico* no Guzarate?

ORTA

Nace na terra sogeita muitas vezes ao Guzarate, scilicet, confins entre Bengala e o Dely e Cambaya, isto he, terra do Mandou e Chitor; e day vem muytas carretas carregadas d'este *uplot* e de *espique* e de *tincar*, e de outras muytas mercadorias, as quaes vem ter á cidade principal do reino, dita Amadabar, que está no sertam, e tambem vem ter á cidade de Cambayete (cotovello do mar da enseada); e dali se provê a mór parte da Asia das nomeadas mercadorias, e toda a Europa, e alguma parte da Africa (2).

RUANO

Como se podem criar tantos arvores, pois a raiz he o *costo* que gastamos?

ORTA

O mais pouco he raiz; porquanto todo o mais he o páo, nam val mays o páo que a raiz; o arvore em que nasce o comparam alguns que o viram ao sabugo; tem flores e cheira bem; e a feiçam delle he ser branco per dentro, e a casca parda; e algum d'elle tem a cor de buxo e a casca amarella. Onde está, dá grande fragancia e cheiro, que a alguns se lhe mette pollos narizes, e lhes faz dor de cabeça



com sua fortidam; o sabor delle não he amarguo, nem tam pouco doce; posto que alguma cousa amargua, quando he velho; porque, quando he novo, tem o sabor agudo como as outras especiarias; desfaz-se muito em pó, e cheira mais pouquo, e amargua; e esta he a verdade. Deste guastam em muitas mézinhas os fisicos Indianos; este levão a Ormuz os mercadores; donde se provê todo o Coraçone e a Persia. Tambem dahi se leva a Adem, donde se provê a Arabia e Turquia, e nam he muyto ser este *costo* falsificado lá, segundo levam pouca quantidade a Portugal; por onde he de crer que, ou he falso o que usam nas partes distantes de Portugal, ou põem outra cousa por elle.

RUANO

Serapio lhe chama *chost*\*.

ORTA

Está a letra corruta, e em alguns livros se acha escrito *cast* e *costus*; e os Arabios, com que faley, huns lhes chamam *cast*, outros *costo*, e outros *costi*; e nisto nam tenhaes duvida.

RUANO

Todos põem tres especias; scilicet, *arabio*, este dizem ser branco e leve e aromatico; outro dizem ser *indico*, negro e leve e amarguo; e outro dizem que he da *terra da Siria*, de cor de páo de buxo; o cheiro he estitico. Tambem\*\* *costo doce* e *costo amarguo*; posto que eu não vi *costo doce*, nam pode deixar de o aver, pois doutores de tanta autoridade escrevem delle.

ORTA

Perguntei a muytos mercadores da Arabia e Persia e da Turquia, que me dicesem onde se gastava este *costo* que vay da India, amostrandolho com a mão, elles responderam

---

\* Serapio, cap. 318 (nota do auctor).

\*\* Deve faltar aqui a palavra «dizem», ou outra semelhante.



todos que na Turquia se gastava a mór parte, e na Suria; e os Arabios e Persios me dixeram que tambem o levavam pera sua terra por mercadoria em que se ganhava dinheiro. Pergunteilhe, se avia outro algum em sua terra, todos me dixeram que nam. Perguntei aos fisicos do Nizamaluco, e dixeram-me que nunca viram outro *costo*, senam este da India; e destes fisicos hum delles foy fisico do Xatamaz\*, e andou muyto tempo curando no Cairo e em Costantinopla; pois todos estes rezam tinham de conhecer o *costo*.

RUANO

E o que dizeis do *costo doce e amargo*?

ORTA

Bem sabeis que as cousas, quando se vam podreçendo, que amargam muyto; e a cor, que no principio era branca, se faz, quando se corrompe, preta; e no meio deste tempo se faz amarela; e porque este *costo* vem ter de longes terras a nós, ha muyto pouquo delle que não esté começado a corromper. E o que já se vay corrompendo e não he branco, chamão-lhe *amargo*, e ao outro, que está bom, *doce*. E porque os mercadores, que este *costo* levam a vender, eram de diversas partes, tomaram ocasião de dizer, que hum avia na Arabia e outro na India e outro na Siria, vindo todo este da India, e tendo lá seu nascimento.

RUANO

Laguna, escritor deligente, diz que sam dinos de reprensam os boticairos que, por avaricia ou pouco cuidado, nam trasem o *costo* de Veneza, donde vem da Alexandria, e gastam em seu logar huma mézinha, que nam se paresce mais com o *costo*, que o marmelo com abobra; e outros usam de rai-  
zes de *menta romana*, a que chamam *costo falso*; e muytos herbolarios vi em Espanha que me dixerão avelo lá visto;

---

\* Isto é, de Thamasp scháh, o successor de Ismael.



e hum me mostrou huma frutice de altura de cinco palmos, e indo lendo pelo livro, achavamos que lhe convinhão os sinaes escritos no livro.

ORTA

Digo que Laguna diz bem, se levarem o *costo* de Veneza, que haja vindo da India, nam falsificado nem podre; e pera mais seguridade e certeza seria melhor que o levassem de Lixboa, onde vai melhor e mais fielmente feito; porque eu o mandei a elrei em cantidade, o anno que fiz as drogas; e se vay pouco de qua, he porque nam tem lá requesta, nem o pedem tanto. E ao que dizeis do herbolario, que em Espanha vos mostrou a frutice do *costo*, nem vós, nem o herbolario, nem o autor do livro, vistes em algum tempo o arvore do *costo*; e por isso vos enganaveis todos; porque, com perdão de todos, hum cego, que era o Pandetario\*, guiava ao herbolario e a vós: isto vos digo, porque o arvore do *costo* he tamanho como hum azimbro ou medronheiro grande, ou sabugueiro. E a frutiçe, como tinha o páo? era mole, ou delgado ou groso; despedia bem a casca ou não?

RUANO

Mole, e despedia bem a casca.

ORTA

Pois estoutro he contrairo, que he páo duro, e não tem casca separada (3).

RUANO

Nam se podia perder este *costo doce* pollos muytos tempos e distancia dos lugares?

ORTA

Não: porque as terras são agora mais descubertas e mais sabidas; senam que agora se descobrem mais os erros pa-

---

\* Mattheus Sylvaticus, o auctor do *Liber pandectarum*, já citado antes no *Coloquio do aloés*.



sados, e enganos de gente, que, por venderem melhor suas mercadorias, põem nomes diversos, e dizem ser de longes terras. E abastenos, pera não aver outro *costo* senão este, que os Chins, gente tam descreta e tam sabida, usam desta mézinha e a gastam tanto.

RUANO

Aleguaes com gente muyto barbara e fera, pois sam os Scitas Asianos?

ORTA

Sam os Chins homens muy sutis em comprar e vender, e em officios macanicos; e em letras não dam vantagem a alguns outros, porque tem leis escritas, conformes ao direito comum, e outras muito justas; como se pode ver bem por hum livro que ha dellas nesta India; e huma destas leis, que me dixerão, he, que não pode o homem casar com molher que conheceo, sendo casada com outro marido; quanto mais que os homens que vão á China veem lá praticar muyta justiça e usar della; damse lá grãos e muytas onrras aos letrados, e elles sam os que governão o rei e a terra. Nas pinturas que fazem vem pintadas catedras, e homens que estão lendo, e ouvintes que estão ouvindo; quanto mais que, pera vos convencer seu gram saber, abasta que a arte de exprimir sempre foy lá usada, e nam ha em memoria de homens, ácerca delles, quem a enventou.

RUANO

Isso he verdade, porque quem enventou esta arte foy em Ungria, ou nessas partes mais setentrionaes, as quaes dizem que confinam com a China (4).

SERVA

Um moço está alli, que traz um recado.

ORTA

Venha.



PAGEM

Dom Geronimo lhe manda pedir que queira hir visitar seu irmão, e ha de ser logo, ainda que nam sejam oras de visita-ção, por ser perigo na tardança; e que lhe fará muyta merce em o fazer.

ORTA

Que doença he, e quanto ha que está doente?

PAGEM

He *morxi*, e ha duas horas que adoeço.

ORTA

Eu vou após vós.

RUANO

He esta enfermidade a que mata muyto asinha, e que poucos escapam della? Dizeime como se chama ácerqua de nós, e delles, e os signaes, e a cura que nella usaes.

ORTA

Acerqua de nós he *colerica passio*; e os Indianos lhe chamão *morxi*; e nós corruptamente lhe chamamos *mordexi*; e os Arabios lhe chamão *hachaiça*, posto que curruptamente se lea em Rasis *saida*. Cá he mais aguda que em nossas terras, porque comummente mata em vinte e quatro oras; e eu já vi pessoa que não durou mais que dez oras, e os que mais duram sam quatro dias; e, porque não ha regra sem exçeisam, vi um homem com muyta costancia de vertude, que viveo vinte dias, sempre arrevesando cora curginosa\*, e emfim morreo. Vamos ver este enfermo; e por os signaes vereis vós, como testemunha de vista, que cousa he.

RUANO

Vamos.

---

\* A significação d'esta palavra é para mim muito duvidosa, e é possível que esteja alterada por algum erro typographico.



ORTA

O pulso tem muyto sumerso, que poucas vezes se sente; muyto frio, com algum suor tambem frio; queixase de grande incendio e calmosa sede; os olhos sam muyto sumidos; nam podem dormir; arrevesam, e saem muyto, até que a vertude he tam fraca que nam póde expelir cousa alguma; tem caimbra nas pernas. Subí, após mim, que eu vos ensinarei o caminho. Muyta saude dê Deos em esta casa. Quanto ha que este mal veio?

ENFERMO

Póde haver duas oras que me tomou este sair e revesar, com grande agastamento; não arreveso senão agoa, sem nenhum amargoso, nem azedo sabor.

ORTA

Tivestes alguma caimbra nas pernas?

ENFERMO

Per tres ou quatro vezes me tomou, e com fortes esfregações com isto se me tirou, molhando as mãos em azeite de coquo quente; e porém tornou a vir, e fizlhe o mesmo, e tornou-se.

ORTA

Que comestes oje?

ENFERMO

Comi pexe de muytas maneiras, e arroz de leite, e alguns pepinos; e asi o que arreveso cheira a pepinos.

ORTA

Isto não padeçe tardança; emtanto ponham fogareiros e esquentemlhe o corpo; e esfreguemlhe o corpo com panos asperos; e agoa nenhuma beba, em nenhuma maneira della; se fordes constrangido a darlhe a beber alguma pouca, será onde ajam apagado algum ouro fervendo; cautirizemlhe os pés com ferros quentes; e darlheam a beber hum vomitivo; e lançarlheam hum cristel lavativo; o qual tudo vou ordenar á botica; e untalloam com olios quentes pola nuca e espinhaço



tudo; e asi lhe untaram as pernas. E como revesar com este vomitivo, e fizer camara com o cristel, vãome dar conta do que pasa, e dirmeam se arrevesa ainda muyto, ou se sae muyto, ou se se esquentou já, ou se tem ainda caimbra, ou se lhe parece o pulso mais, e está mais descoberto; porque conforme a isto he necesario que obremos, porque nesta infirmitade nam ha de aver descuido no medico, nem nos servidores do enfermo.

DOM GERONIMO

Tudo se fará muyto depressa; eis aqui o boticairo.

ORTA

Façamlhe muyto asinha hum vomitivo de agoa cozida com çevada e cominhos e açucare; porque os acho muito bons pera esta paixão; o cristel será de cozimento de çevada e farélos e olio rosado, e mel rosado, coado; e os olios pera se untar serem de castoreo e de ruda; porque tem respeito ao veneno, tudo misturado. E ácerqua do comer da casa estilem huma galinha gorda, tirandolhe primeiro a gordura que tem; e deitemlhe dentro humas talhadas de marmelos, e se os não acharem frescos sejam de conserva, lavados primeiro com vinho branco, e lançemlhe huma pouca de agoa de cannella e rosada, e coral e ouro; e posto que o doutor, que presente está, saiba melhor isto que todos, pera o que se deve fazer, elle me dá a mão a isso, como homem esprementado nesta terra. E porque elle está presente, diguo que melhor fôra perdiz ou de Ormuz ou da terra, ou guallo, ou galinha de mato; mas em quanto se isso não acha, podem fazer o que disse.

RUANO

Em todo cabo podeis falar, porque ha muyto tempo que nos conhecemos.

ORTA

Deos dê muita saude nesta casa, e não esqueça levarme recado do que passa.

RUANO

Espantado estou daquesta enfermidade; porque vi muitos doentes de peste, e nam tem a vertude tam derubada, nem



dura tam pouquo polla mór parte. E porque dixe, que comêra pepinos, me lembra, que os doutores dizem de alguns comeres, que, se se corrompem, sam convertidos em natureza de veneno; e estes, se bem me lembra, sam melões, cogombros, e pepinos, e pexegos, e albocorques; por tanto nam he muyto virlhe aquella enfermidade, depois de comer pepinos. E vi mais este paciente ter o hanelito muito frequente.

ORTA

Sabeis em quanta maneira se acontece isto, que vi hum fidalgo, muito virtuoso, que avia trinta oras que padecia esta enfermidade, e me dizia: já nam saio, nem arreveso, nem tenho caimbra na perna, senam que não posso tomar folego, e isto me mata. Oulhay em que estado estava prós-trada a vertude, que nam podia deitar o folego.

RUANO

A que homens toma mais esta enfermidade? E em que tempos do anno vem mais?

ORTA

Aos homens que muyto comem, e aos que comem máos comeres; como acontece aqui a hum conego mancebo, que de comer pepinos morreo; e aos que sam dados muyto á conversação das molheres; e acontece mais em junho e julho (que he o inverno nesta terra); e porque se causa do comer lhe chamam os Indios *morxi*, que quer dizer, segundo elles, enfermidade causada de muyto comer.

RUANO

Como curam os fisicos da terra esta enfermidade?

ORTA

Damlhe a beber agoa de espresam de arroz com pimenta e cominhos (a que chamão *canje*\*); cautirizamlhe os pés, como

---

\* Como se vê, a palavra *canje* ou *canja* ainda então não tinha fóros de portugueza.



mandei fazer áquelle fidalgo; e mais lançamlhe *pimenta longa* nos olhos pera esprementar a virtude; e pera a caimbra arrocham com percinta a cabeça, e braços e pernas, mui fortemente até os gíolhos, e dos gíolhos até os pés; e damlhe a comer o seu *betre*. E todas estas cousas nam careçem de rasam, senam que sam feitas toscamente.

RUANO

E vós os Portuguezes que lhe pondes, ou que lhe fazeis?

ORTA

Damoslhe a comer perdizes e galinhas estiladas, ou çumo dellas: tambem lhe damos toradas de vinho com canella; postoque estas cousas quentes eu nam uso muyto nos comes, senam postas pela parte de fóra, scilicet, untando o estomago com olio de *almecega* e *nardino* quentes; trabalho com muyta presa de limpar o estomago com mézinhas lavativas somente, e com cristeis; vam mistos segundo que a natureza mais se vay inclinando.

RUANO

Nam se ha de ajudar essa natureza, que he cega, e contrangida de humor venenoso.

ORTA

Todavia porque esse humor, que he venenoso, não enfeccione o outro, he bem que se deite fóra cedo; e he bem evacuar-se; depois com olios de *almecega* e pós de canella, confortando o estomago, e a virtude retentiva com algumas ventosas; mas ha de ser isto vacuandose primeiro a mór parte do humor (5).

RUANO

Tendes alguma mézinha particular esprementada?

ORTA

Algumas; scilicet, *triaga* bebida, ou deitada em vinho, ou agoa rosada, ou de canella, segundo a neçesidade o requiere; o *páo de cobra*, de que adiante diremos; o *unicornio* espre-



mentado; e o *páo de contra erva* de Malaca, com que se acham bem os feridos de frécha com peçonha; porém a mézinha que mais aproveita, e com que melhor me achei, he tres grãos de *pedra bezar* (a que chamam *paçar* os Persios), que daqui ao diante falarei, que em tanta maneira aproveita, que casi milagrosamente dilata as forças do coração. Já ouve muytos doentes, que, dandolhe a beber esta pedra, me dizião, nam sabendo o que lhe dera, como desque comeram aquella mézinha lhe parecia que lhe viera novas forças e lhe tornára a alma ao corpo; e em o bispo de Malaca (6) me achei muyto bem, dandolhe esta *pedra bezar* e a *triaga*, depois de vacuada muyta parte da materia, deitáralhe muyta *triaga* em cristeis, acrescentandolhe a quantidade.

RUANO

Nunca vi deitar nessas enfermidades *triaga* em cristeis?

ORTA

He conforme á rezam deitalos nas enfermidades venenosas, como a mim me aconteeço, curando a hum védor da fazenda de elrey, nosso senhor, de humas camaras venenosas, o qual não querião consentir os meus companheiros fisicos; e porém vendo que se achou bem, folgáráo com isso, e o usaram em muytas pessoas depois.

RUANO

Ha algumas enfermidades na India como esta, que derubem a virtude tanto como esta? E a estas que mézinhas lhe pondes por fóra?

ORTA

Muitos homens morrem com a virtude derubada, ou porque tiveram camaras ou pello muyto uso das molheres; e a estes (chamão os fisicos indianos *mordexi seco*, scilicet, á enfermidade d'elles) façolhes fomentaçam por fóra, com vinho de cozimento de cominhos, e sobre elles lanço olio *nardino* e de *almecega*, e os comeres quero que cheguem a quente, mais sustancialmente que em calidade; e não quero que se-



jam gemas de ovos, porque sam soversiveis e corruptiveis; e porque da *pedra bezar* ei de falar ao diante, não mais. E, tornando ao *costo*, digo que Mateolo Senense alega alguns que tem que a *raiz angelica* he especia do *costo*, mas que elle nem o dana nem o aprova; e que usam mais conforme á rezam os que usam della em logar do *costo* que os que usam da *menta romana*; e eu diguo que ella não he *costo*, e pôde ser melhor mézinha.

---

NOTA (I)

Julgou-se durante muito tempo, que a droga chamada *costus* fosse a raiz de uma especie do genero *Costus* da familia das *Scitamineæ*; e o nome dado ao genero resultou mesmo d'aquella persuasão. Sabe-se hoje, que pertence a uma planta absolutamente distincta e muito afastada, da familia das *Compositæ*, a *Saussurea Lappa*, Clarke (*Auklandia Costus*, Falconer; *Aplotaxis Lappa*, Decaisne), a qual se encontra, como logo veremos, nas regiões elevadas e centraes da Asia.

Os nomes vulgares, mencionados por Orta, são ainda hoje bem conhecidos:

— «Cost» ou «Cast» em «Arabio». Isto é, قسط, que vem transcripto nos livros inglezes *kust*; mas devia soar *cast*, melhor *gast*. D'este nome deve vir, como Orta diz, o latino *costus* e o grego κόστος; mas é necessario advertir, que o arabico *gast* já vinha do sanscritico *kustha* (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 449; Ainslie *Mat. ind.*, II, 165, salva a identificação botânica).

— «Uplot» no Guzerate. Este nome vem mencionado por Dymock, na fôrma *ouplate*, como sendo ainda usado em Bombaim (Cf. Dymock, l. c.).

— «Pucho» em malayo. O dr. Royle, comparando o *costo* do norte da India, com uma raiz conhecida nos mercados de Calcuttá pelo nome de *puchuk*, reconheceu serem cousas identicas, e acrescenta: *this identity was long ago ascertained by Garcias ab Horto*. Dymock tambem cita o mesmo nome, na fôrma *patchak*, como usado em Bengala (Cf. Royle, *Ant. of Hindoo med.*, 88; Dymock, l. c.).

## NOTA (2)

Podia-se dizer com uma certa approximação, e sem grande erro geographico, que as terras de «Mandou» e de «Chitor» ficavam entre os reinos de Guzerate e Dehli e Bengala; e tambem era verdade,



que aquellas terras haviam sido tomadas, perdidas, e retomadas pelos exercitos do Guzerate, justamente alguns annos antes.

Os portuguezes chamaram terras ou reino de «Mandou» ao reino mussulmano de Malwá. Mandú era propriamente o nome de uma cidade fortificada, situada na vertente meridional das serras de Vindya, e que foi muito tempo capital d'aquelle estado. Do mesmo modo chamaram reino de Chitor ao principado rajpút de Mewár ou Udipúra, quando o nome pertencia especialmente a uma famosa fortaleza d'este estado. Tanto Barros como Gaspar Corrêa fallam largamente d'estas terras, quando tratam das guerras do sultão Badur; mas sem fixarem bem as suas posições respectivas.

Orta estava enganado, quando julgava que o *costo* vinha d'ali, vinha simplesmente *por ali*, mas procedia de muito mais longe. O conhecido viajante francez, Victor Jacquemont, encontrou (1831) a planta que produz o *costo* nos valles do Kachmira, e vertentes do Himalaya, em altitudes consideraveis. Na mesma região a observou o dr. Falconer, alguns annos depois, verificando bem que d'ella procedia a droga do commercio. Colhe-se ali a raiz da *Saussurea* em grandes quantidades, e uma parte d'esta raiz aromatica é empregada pelos negociantes para conservar e preservar da traça os celebres e preciosos chailes, fabricados n'aquella região. Alguma segue por terra para a China, *via* Thibet; outra parte é levada a Calcuttá, d'onde se exporta principalmente para a China; e finalmente alguma vem aos portos do occidente, sobretudo a Bombaym (Cf. Falconer, nas *Trans. Linn. Soc.*, xix, 23; Dymock, l. c.).

No tempo de Orta, Bombaym não existia como porto commercial, sendo apenas uma ilha meia deserta, de que elle era foreiro, e as mercadorias affluíam ás cidades do norte, á cidade interior de «Amadabar» (Ahmedábád), e ás cidades maritimas de Diu, de Surrate, ou de Cambayete. Esta ultima, situada no fundo de um golpho, ou — como Orta diz — «no cotovello do mar da enseada», era geralmente chamada Cambaya; mas o nome de Cambayete é correcto, e mais proximo mesmo do antigo nome hindú *Khambavati*, e da fórma arabica *Kambáyat*. Vendo chegar a Cambayete as longas filas de carretas indianas, carregadas de *espique*, de *uplot*, e de *tincar*, os nossos portuguezes não suppunham que o *uplot* viesse de tão longe, das alturas do Himalaya, e o *tincar* ainda de mais longe, dos planaltos do Thibet.

O *uplot*, mais geralmente chamado *pucho*, era então uma mercadoria importante, principalmente no commercio com a China; e d'isso temos uma prova no facto de el-rei D. Manuel reservar o seu trafico para o estado, pouco depois de nós estabelecermos relações com aquelle imperio. Logo no anno de 1520, estando em Evora, D. Manuel prohibiu o commercio da *pimenta* para a China; e, em um regimento sem data, mas provavelmente pouco posterior, enviado a Diogo Ayres, feitor na China, diz o seguinte:



«nós temos defeso a pimenta pera a China, e asi defendemos aguora o pucho e emcenso, que se nom leve desas partes da India pera a China» (*Archivo port.-oriental*, fasc. 5.º, part. II, 49).

Era pois verdade o que Orta dizia, que «a maior quantidade se gasta pera levar a China»; e continua a ser verdade que ainda hoje a maior parte do *costo* vae para o Celeste Imperio. Attribuem-lhe ali numerosas propriedades medicinaes, carminativas, estimulantes, antisepticas e muitas mais; mas é sobretudo empregado para queimar, com uma significação religiosa. Em todas as casas, em todos os juncos e barcos que fluctuam nos enormes rios do Imperio, o *patchak* arde reverentemente, e as espiraes do seu fumo aromatico sobem para a imagem de Buddha, que invariavelmente se encontra em toda a habitação chinesa.

### NOTA (3)

Parece fóra de duvida, que o *costo* mencionado por Theophrasto, e depois d'elle por Dioscorides, Galeno, Plinio e outros, era este de que tratámos, e vinha já então do Kachmira aos portos da India occidental, e d'ali, pelos caminhos bem conhecidos, aos mercados do Mediterraneo. As distincções em *arabico*, *indico* e *syriaco*, que Orta menciona pela bôca de Ruano, foram feitas por Dioscorides, o qual falla do *κόστος ἀραβικός*, do *ινδικός*, e do *συριακός*; mas não é facil saber hoje se eram realmente drogas distinctas, e Sprengel é de opinião, que, pelo menos os dois primeiros, deviam differir apenas no estado de conservação, acrescentando: *quod jam Garcias autumavit*.

A distincção entre doce e amargo tambem devia resultar do estado mais ou menos perfeito da droga. Guibourt, que estudou muito cuidadosamente esta questão do *costus*, e reconheceu que devia pertencer a uma *Composita*, mesmo antes da planta ser conhecida, é da opinião do nosso Orta, admite como elle que nunca houve mais de uma especie, a mesma que hoje temos, e cita as suas affirmações: *Garcias dit s'être informé des commerçants arabes, turcs et persans, s'il nais-sait chez eux quelque autre espèce de costus que celle tirée de l'Inde, et que tous lui ont répondu ne connaître que le costus de l'Inde*.

Vê-se pois, que as opiniões do nosso escriptor têm sido admittidas geralmente, e citadas como auctoridade. A sua descripção da droga, do aspecto e côr da madeira e da casca, e d'aquelle cheiro forte e que ataca a cabeça, é bastante conforme com os caracteres apontados nos livros modernos de Pharmacographia. Quanto á planta, é claro que a não viu, nem tinha sobre a sua feição idéas muito positivas; e se a comparou com o «sabugo» foi provavelmente pela disposição e dimensões da medulla, que pôde observar nos troncos seccos da droga (Cf. Sprengel, *Diosc.* I, 29 e II, 353; Guibourt, *Hist. nat. des drogues*, II, 28).



## NOTA (4)

Quasi todos os nossos escriptores quinhentistas, que se occuparam das cousas do Oriente, louvaram a civilisação da China. Quasi todos admiram a «policia» dos chins, as suas leis, a sua pericia nas artes e officios, a sua perspicacia nos negocios commerciaes. Parece que aquella civilisação material, methodica e regrada, os impressionou mais do que a cultura intellectual dos hindús, muito superior sob alguns pontos de vista, e que elles em geral não comprehenderam.

Garcia da Orta tem, pois, as opiniões dos seus contemporaneos; e, sobre isso, tem um sentimento natural em um antigo estudante em Salamanca, e antigo professor de *Summulas* em Lisboa — uma grande admiração pela importancia dada aos homens de letras, por aquella serie de exames e de «graos», donde saía e ainda sáe toda a rede de funcionarios do Celeste Imperio, desde os infimos, até aos que constituem os mais altos conselhos, e — na sua phrase — «governam o rei e a terra».

Mas a referencia mais interessante d'esta passagem, é sem duvida a que diz respeito á invenção na China da «arte de emprimir». Vemos que ainda neste ponto o nosso escriptor andava bem informado, tendo naturalmente as idéas correntes então, de que a origem d'aquella arte se perdia na noite dos tempos, e não havia em «memoria d'omens . . . quem a inventou». Muito depois de Orta, uma das maiores auctoridades sobre as cousas da China, o padre Du Halde, dizia do mesmo modo, que a imprensa existia ali *de temps immémorial*. E se isto não é absolutamente exacto, é pelo menos certo, que a invenção é antiquissima, pois um decreto do imperador Wan-ti (593 J. C.) mandava já que os livros mais importantes fossem reunidos, para serem gravados em madeira, e depois publicados.

Em uma das suas phrases — collocada na bôca do dr. Ruano — o nosso escriptor parece admittir, que a invenção da imprensa tivesse vindo da China para a Europa. A idéa não é nova; e o velho Garcia de Rezende tambem appproxima a recente arte europêa da pratica anteriormente seguida na China:

E vimos em nossos dias  
A letra de forma achada,  
Com que a cada passada  
Crescem tantas livrarias,  
E a sciencia he augmentada:  
Tem Allemanha louvor,  
Por della ser o auctor  
Daquesta cousa tam digna,  
Outros affirmam na China  
O primeiro inventor.



Modernamente mesmo, aquella idéa não foi de todo abandonada. Disse-se, por exemplo, que um certo Panfilo Castaldi imprimira algumas folhas em Veneza, antes de Gutenberg e de Faust, sendo guiado na sua invenção pelo exame dos livros impressos, que Marco Polo trouxera da China. Estes direitos de prioridade de Castaldi não resistem a um demorado exame, como o que fez sir Henri Yule. Mas é certo, que algumas impressões *xylographicas*, anteriores ás impressões com *typos* moveis, apresentam uma notavel semelhança com os trabalhos chins; e é possível que alguns livros impressos fossem trazidos da China, se não por Marco Polo, por algum d'aquelles numerosos frades, franciscanos e dominicos, que então penetraram nas terras do remoto Oriente, e que a inspecção d'esses livros influísse nas primeiras tentativas européas.

Admitindo, porém, esta influencia —que ainda assim é muito problematica— deveríamos attribuir-a a um ou outro specimen, trazido pelos viajantes, e nunca áquellas communicações directas de que falla o nosso escriptor. É pelo menos singular a phrase, que elle colloca na bôca do seu interlocutor Ruano: «... em Ungria, ou nessas partes mais setentrionaes, as quaes dizem que confinam com a China». Esta aproximação entre a Ungria e a China faz-nos á primeira vista a impressão de um monstruoso erro geographico. E, no entanto, a phrase tem uma explicação, se não uma desculpa.

O erro de Orta devia resultar da grandissima extensão, que, nos dois ou tres seculos anteriores, tivera o poder dos tartaros —tomando esta palavra *tartaros* na sua mais larga e mais vaga accepção. Por um lado os tartaros haviam conquistado a China, confundiam-se mesmo com os chins; e Orta mostra ter conhecimento d'esta approximação, chamando aos ultimos os *scitas asianos*. Por outro, os tartaros haviam invadido a Europa, occupado a maior parte do que hoje é a Russia, entrado nas terras da Polonia e da Ungria. Das fronteiras d'estas provincias orientaes da Europa, estendia-se para leste uma enorme Tartaria, que vagamente se fundia com a China do norte, com as terras de Cathayo ou de Kitai. Imaginar, que por este caminho as invenções da civilisada Pe-King se podiam communicar á civilisada Moguncia, seria hoje absurdo, dado o conhecimento que temos das regiões intermedias. Mas não conhecendo essas regiões, não podendo rectificar as idéas pela inspecção de uma carta exacta, comprehende-se como se podia chegar á singular phrase pronunciada pelo dr. Ruano. O dominico fr. Gaspar da Cruz, que era illustrado, que esteve muito tempo na China, que conheceu bem os habitos e costumes, e mesmo a geographia das provincias do sul, tambem, depois de uma nebulosa dissertação sobre as fronteiras da China pelo lado do norte, chega á seguinte conclusão: «e aqui parece claro a China confinar com o ultimo d'Allemanha».

Não encontrei propriamente noticia d'aquelle impedimento dirimente do matrimonio, que Orta menciona com louvor; mas é certo



que a lei, pela qual estas cousas se regulavam, era na China muito minuciosa. O padre Du Halde enumera longamente muitos casos de nulidade, observados nos casamentos chins.

(Cf. Du Halde, *Description de la Chine*, II, 123 e 249, Paris, 1735; Firmin Didot, *Essai sur la Typographie*, p. 565 e 918; Garcia de Rezende, *Miscellanea*, na *Chron. de D. João II*, 163 v.<sup>o</sup>, Lisboa, 1622; Yule, *Marco Polo*, I, 132, e na primeira edição II, 473; fr. Gaspar da Cruz, *Tratado da China*, 24.)

#### NOTA (5)

Garcia da Orta descreve um caso de *cholera* de fôrma grave, do *cholera asiatico* ou *cholera morbus* propriamente dito. Conhecia o *cholera europeu*, que havia sido estudado pelos antigos medicos, Hippocrates, Aretêo, Celso e outros, e a que chama *colerica passio*; conhecia a analogia d'esta enfermidade com aquella que observava na India; mas conhecia tambem a maior gravidade da ultima, dizendo: «ca he mais aguda que em nossas terras».

As temerosas epidemias que devastaram a India no anno de 1817 e seguintes, chamaram especialmente a attenção para esta doença, e levaram quasi a crer que fosse nova, ou pelo menos que se apresentasse então com uma gravidade antes desconhecida. Parece, porém, ter existido na India, tanto na fôrma sporadica como na fôrma epidemica, desde tempos muito antigos; e se alguma dúvida se levantou a este respeito, essa duvida deve unicamente resultar dos nomes variados, dados á doença, e das descripções imperfeitas dos seus symptomas. Diz-se que já se encontram referencias ao *cholera* nos escriptos do lendario medico hindú, Susrúta, ou pelo menos em versões tamicas de fragmentos, que lhe são attribuidos. E o investigador Whitelaw Ainslie dá-nos variados nomes da doença em quasi todas as linguas falladas na India: *ennērum vandie* em tamil; *dānk-lugnā* em deckani; *chirdie-rogum* em sanskritto; *vāntie* em tellingu; *nirtiripa* em maláyalam. Isto parece denunciar um conhecimento muito geral, e provavelmente muito antigo, d'aquella enfermidade, conhecimento espalhado por todas as regiões da India (Cf. W. Ainslie, *Mat. ind.*, II, 531).

Deixando, porém, este campo escorregadio dos remotos periodos hindús, dos quaes parece haver poucas noticias, ou pelo menos poucas noticias seguras, vejâmos o que diz respeito ao tempo dos portuguezes. Na *Vida* de João de Empoli, aquelle florentino que andou na companhia e na armada dos Albuquerque, diz-se que, estando elle nos portos da China, a guarnição dos navios em que ía foi atacada por uma grave doença, da qual rapidamente morreram 70 homens, e entre elles o proprio João de Empoli; a doença era uma *pessima malatia di frusso*, por onde parece que seria o *cholera*. Quando Martim Affonso de Mello



nafragou na costa de Arracán, se refugiou em uns ilhéos onde a agua era má, e a sua gente foi obrigada a comer umas sementes de leguminosas que encontrou, appareceram na guarnição «humas desinterias ... que he hum mal que em vinte e quatro horas mata», tendo os atacados «sede grandissima, os olhos mui sumidos, grandes vomitos». Estes e outros exemplos seriam sufficientes para mostrar como o *cholera* existia então no Oriente, e tomava facilmente uma fórma epidemica grave (Cf. *Archivo storico Italiano*, 3o, citado por Yule e Burnell; Couto, *Asia*, IV, IV, 10).

Mas a noticia mais interessante, é sem duvida a que nos dá Gaspar Corrêa ácerca da epidemia do anno de 1543. Comquanto as suas *Lendas* andem em todas as mãos, a noticia completa tão bem o que diz Garcia da Orta, que a transcrevemos na integra, apesar de longa. E ainda mais somos levados a fazel-o pelo facto de vir incorrectissimamente citada em livros de medicina de auctoridade. O moderno *Dict. Encycl. des Sciences médicales* de Dechambre diz o seguinte (vol. xvi, p. 749): *L'académie des Sciences de Lisbonne a publié sous le nom de Lendas da India des documents dus a Gaspar Corrêa dans lesquels le Dr. Gaskain a retrouvé ce passage du á Christoval d'Acosta ...* E na transcripção encontra-se a seguinte phrase: *Il est fréquent d'observer dans l'Inde á Morschy une épidémie épouvantable et violente ...* É forçoso confessar, que tudo isto é o mais completo documento de leviandade, que será possível encontrar em um livro serio. As *Lendas da India* transformadas em uma collecção de documentos já não é mau; mas um d'esses documentos attribuido a Christovão da Costa, é a perfeição no erro. Não fallaremos n'aquelle *Morschy*, que significava um lugar ou região! Deixemos o Diccionario, e vejâmos o que disse Gaspar Corrêa:

«N'este inverno<sup>1</sup> ouve em Goa huma dôr mortal, que os da terra chamão moryxy, muy geral a toda calidade de pessoa, de minino muy pequeno de mama até velho de oitenta annos, e nas alimarias e aues de criação da casa, que a toda cousa vivente era muy geral, machos e femeas; a qual dôr dava na criatura sem nenhuma causa a que se pudesse reputar, porque assy vinha aos sãos como aos doentes, aos gordos como aos magros, que em nenhuma cousa deste mundo tinha resguardo. A qual dôr daua no estamago, causada de frialdade segundo affirmauão alguns mestres; mas depois se affirmou que lhe nom achauão de que tal dôr se causasse. Era a dôr tão forte, e de tanto mal, que logo se conuertia nas sustancias de forte peçonha, a saber: d'arrauesar, e beber muyta agoa, com deseqamento do estamago, e cambra que lh'encolhia

<sup>1</sup> Isto é no verão do anno de 1543, no periodo das chuvas e dos ventos de travessia, que lá chamavam *inverno*.



os neruos das curuas, e nas palmas dos pés, com taes dôres que de todo o enfermo ficava passado de morte, e os olhos quebrados, e as unhas das mãos e dos pés pretas e encolheitas. Á qual doença os nossos fisi-quos nunca acharão cura; e durava o enfermo um só dia, e quando muyto huma noyte, de tal sorte que de cem doentes nom escapauão dez, e estes que escapauão erão alguns por lhe acodirem muy em breve com meizinhas de pouqua sustancia, que sabião os da terra. Foy tanta a mortindade n'este inverno que todo o dia dobrauão sinos, e enterrauão mortos de doze e quinze e vinte cada dia; em tanta maneira que mandou o Governador que se nom tangessem sinos nas igrejas, por nom fazer pasmo á gente. E por esta ser huma doença tão espantosa, morrendo hum homem no espirital d'esta doença de moryxy o Governador mandou ajuntar todos os mestres, e o mandou abrir, e em todo o corpo de dentro lhe nom acharão mal nenhum, sómente o bucho encolheito, e tamanino como huma muela de gallinha, e assy enverrugado como coiro metido no fogo. Ao que disserão os mestres que o mal d'esta doença daua no bucho, e o encolhia, e fazia logo mortal. E porque hauia grande apressão no enterramento dos mortos, que os crelgos da sé nom podiam tanto soprir, então o bispo dom Affonso<sup>1</sup> d'Albuquerque repartio freguezias pola cidade, e fez freguezias Santa Maria do Rosario, e Santa Maria da Luz; sobre que tiverão muytos debates, porque os crelgos da sé nom quizerão consentir que as freguezias levassem os dizimos de seus freguezes» (*Lendas*, iv, 288).

Vê-se bem claramente d'esta pagina, que na capital da India portugueza se deu no anno de 1543 uma d'estas explosões epidemicas de *cholera*, que se póde comparar em gravidade com todas as dos seculos posteriores e mesmo do nosso. Garcia da Orta devia estar então em Goa, observou a epidemia, foi talvez dos mestres que se juntaram para assistir á autopsia do cholerico; mas de nada d'isto falla no *Coloquio*. Como, na sua longa clinica, elle tratou numerosos casos de *cholera*, já sporadica, já epidemica, quiz de certo fundir os resultados da sua experiencia na descripção de um caso unico, sem especificar a epocha ou circumstancias em que o observou.

O exame d'esta parte do *Coloquio*, sob o ponto de vista medico, a confrontação dos symptomas descriptos com os mencionados nos livros da actualidade, a discussão do methodo de tratamento, poderiam ser o objecto de uma memoria especial muito interessante; mas saíriam completamente do plano d'estas notas, e entrariam no dominio do *commentario*, que cuidadosamente temos evitado<sup>2</sup>. De resto, a exposição de Garcia da Orta é por si só bastante clara e interessante.

<sup>1</sup> Um lapso de Gaspar Corrêa, o bispo chamava-se D. João.

<sup>2</sup> Veja-se Garcia da Orta e o seu tempo, pag. 313 a 320, onde dêmos algumas indicações, muito incompletas e imperfeitas.



Ha, porém, um ponto a elucidar em breves palavras—o que se refere aos nomes orientaes da doença. Gaspar Corrêa chama-lhe *moryxy*. Orta diz, que os indianos lhe davam o nome de *morxi*, e os portuguezes corruptamente o de *mordexi*; e mais adiante afirma que *morxi* significa «enfermidade causada de muito comer». Diogo do Couto dá *morxis* como a boa fôrma correctâ, e *mordexim* como a alteração da palavra usada pelos nossos. Esta alteração não me parece provavel; de *morxi* os portuguezes deviam fazer *morxim*, por uma modificação, que foi regular e constante, do *i* terminal agudo, mas não havia razão para introduzirem a syllaba *de* de *mordexim*. Devemos procurar esta syllaba na origem indiana. Yule e Burnell, em um excellente artigo do seu *Glossary*, no qual aproveitaram os trabalhos do dr. Macpherson e de Macnamara, dizem que o nome do *cholera* em guzerati parece ser *môrchi* ou *môrachi*, e este é evidentemente e quasi sem alteração o *moryxy* de Corrêa, e o *morxi* de Orta; dizem tambem que em marathi e concani se chama *modachi*, *modshi*, ou *modwashî*, que se deriva do verbo *modnen*, significando abater-se, deprimir-se, pelo collapso especial dos ultimos momentos do *cholera*, aquillo a que o nosso medico chamava «vertude derrubada». Os portuguezes ouviram de certo os dois nomes, e fizeram uma certa combinação de que safu o nome constantemente usado *mordexim*.

Durante mais de dois seculos esta palavra foi empregada pelos portuguezes — e por todos os europeus que viajaram na India — para designar o *cholera*: umas vezes escripta *mordicin* pelos italianos, como Carletti; outras escriptas *mordisin* pelos francezes, como Pyrard; algumas *mordexi* pelos que usavam a lingua latina, como Boncio. Depois, os francezes lembraram-se de lhe dar uma significação, e combinando o som da palavra com os horrores da morte, chamaram á doença, *mort de chien*. Nas *Lettres édifiantes* para o anno de 1702 vem a seguinte phrase, que marca o momento de adopção do novo nome: «*cette grande indigestion qu'on appelle aux Indes mordechîn, et que quelques uns de nos Français ont appelée mort-de-chien*». Apesar de ridiculo, este nome foi adoptado, não só em obras francezas, como tambem nos livros escriptos em outras linguas, e houve mesmo um inglez que traduziu á letra: «*the extraordinary diseases of this country are the Cholick, and what they call the Dog's Disease . . .*»

Nem sempre, porém, se identificava correctamente a *mort-de-chien* com o *cholera*. Sonnerat, por exemplo, que descreve as duas graves epidemias de *cholera*, que reinaram em Pondichéry alguns annos antes do de 1782 em que elle escreveu, chama-lhe *flux aigu*, e diz logo adiante: «*les indigestions appellées dans l'Inde mort-de-chien son fréquentes*». Parece não ter a noção clara de que o seu *flux aigu* e a *mort-de-chien* eram a mesma cousa. Mais tarde, a identificação fez-se, e Johnson diz em 1813: «*Mort-de-chien is nothing more than the highest degree of*



*Cholera Morbus*». No nosso seculo os antigos nomes *mordexim* e *mort-de-chien* caíram em desuso, sendo geralmente substituidos pelo de *cholera*.

O *morxi*, segundo diz Orta, chamava-se em arabico *hachaiça*, nome que na versão de Rasis se encontrava incorrectamente *saida*. Diogo do Couto escreve *sachaiça*, mas n'esta e n'outras passagens suspeito que apenas segue o nosso Orta. Este termo arabico ainda é conhecido na forma *haiçah*, e é commummente usado em hindustani para designar o *cholera*; mas encontra-se nas antigas relações mussulmanas de successos da India, applicado a epidemias, que nem sempre talvez fossem de *cholera*; por onde parece que primitivamente significaria em geral uma doença grave e contagiosa.

(Cf. Couto, l. c.; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Mort-de-chien*, donde principalmente extrahi as citações; e tambem Sonnerat, *Voyages*, I, 111 a 115.)

#### NOTA (6)

Este bispo de Malaca devia ser o primeiro d'aquella diocese, D. fr. Jorge de Santa Luzia. O bispado de Nossa Senhora da Assumpção da cidade de Malaca foi creado pelo papa Paulo IV, juntamente com o de Santa Cruz de Cochim, e na occasião em que o bispado de Goa foi elevado a arcebispado, a pedido dos tutores de D. Sebastião. Os dois novos bispos, fr. Jorge de Santa Luzia de Malaca, e fr. Jorge Themudo de Cochim foram na armada do anno de 1559, commandada por Pero Vaz de Siqueira. O bispo de Malaca ia na nau Algaravia — Figueiredo Falcão chama-lhe Assumpção — da qual era capitão Francisco de Sousa. N'esta mesma armada passou á India um dos seus mais conhecidos historiadores, Diogo do Couto.

É provavel que o bispo tivesse um ataque de *cholera* logo á chegada a Goa, do qual o curou Garcia da Orta, dando-lhe *pedra bezar* e *triaga*. É licito attribuir maior acção ao *opio* da *theriaca* do que á *pedra bezoar*; mas, fosse como fosse, o bispo escapou (Cf. Couto, *Asia*, VII, VIII, 2).



## COLOQUIO DECIMO OCTAVO

DA CRISOCOLA E CROCO INDIACO, QUE HE AÇAFRÃO  
DA INDIA, E DAS CURCAS

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Encomendaramme e ensinaramme em Portugal que le-  
vase de qua *tincal*; e porque se chama *crisocola*, será bem  
que façamos delle aqui mençam, e que o leve de qua.

ORTA

Si; mas he das drogas defesas, e por pouquo perdereis  
o muyto.

RUANO

Não o quero levar, senam quero saber onde o ha e o nome  
delle.

ORTA

Chamase *borax* e *crisocola*, e *tincar* em arabio, e os Gu-  
zarates asi o chamam: não se usa na fisica indiana senão  
muyto pouco, e pera sarna e cirurgia: nem nós a usamos  
muyto, senão entra no unguento *cestrino*, e nos outros afei-  
tes das molheres; e pera os dentes e sarna. E he mercado-  
ria que se gasta em todas as partes, pera o ouro e os ou-  
tros metaes serem bem feitos e conglutinados; e esta, que  
vay de qua, he minerio em huma serra que está apartada  
da cidade de Cambayete cem leguas nossas; e trazem a ven-  
der ahi e a Amadabar\*, e vem das bandas de Chitor e Man-  
dou, em muyta cantidade delle; porque em todas as terras  
se gasta muyto (1).

---

\* «Madabar» na ed. de Goa; mas por erro evidente. Veja-se o *Colo-  
quio* anterior.



RUANO

Pois nisto nam ha mais que falar, falemos no que chamais *açafram da terra*.

ORTA

Essa mézinha he pera falar nella, porque a usam Indianos medicos; e he mézinha e mercadoria que se leva muyta pera Arabia e Persia; e nesta cidade ha pouco della, e no Malavar muyto, scilicet, em Cananor e Calecut. Chamão os Canarins a esta raiz *alad*; e os Malavares tambem lhe chamão asi, mais propriamente *manjale*; e os Malayos *cunhet*; os Persios *darzard*, que quer dizer *páo amarello*; e os Arabios *habet*: os quaes todos, e cada um per si, dizem que não o ha na Persia, nem na Arabia, nem na Turquia este *açafrão*, senão o que vay da India.

RUANO

Pareçe rezam, pois esta he mézinha e tem nome arabio, que esteja por algum Arabio autor escrita?

ORTA

Rezão tendes, mas não ouso afirmar as cousas sem primeiro as ver bem; e porém eu tenho pera mim por certo que Avicena escreve deste *açafram da terra* no capitulo 200\*, chamandolhe *calidunium* ou *caletfium*; e fala nisto Avicena como homem que o nam sabe bem; e alega as sentenças doutros, como de cousa que não avia em sua regiam; e não he muito inconveniente o nome arabio agora ser corrompido; porque parece que os Arabios lhe chamavam como os Indios, *aled*, e lhe corromperão o nome chamandolhe *caletfium*; e mais me faz cuidar isto ser verdade ver, o capitulo de *feçe de curcuma*\*\* ou *curcumani*, que tambem se conforma com elle; e por tanto vede ambos, e achareis ser verdade o

---

\* Avicena, lib. 2, cap. 200 (nota do auctor); veja-se a nota (2).

\*\* «De feçe», isto é de *fæx*, ou das *fezes de curcuma*; veja-se a nota (2).



que digo; porque Avicena, quando duvidava de huma cousa, fazia della dous capitulos.

RUANO

Não me parece rezam isso; porque diz que he *meimiram*, que sabemos ser *cilidonia*.

ORTA

Não tenho isto por muyto certo; porque nestes dous capitulos faz esta mézinha amarella, e diz aproveitar muyto aos olhos; e porque estas cousas convém á *cilidonia*, dixerão ser esta mézinha *cilidonia*; mas muyto maior rezão será qualquer destes simples conteudos nestes capitulos ser *açafram da terra*.

RUANO

Pera que o usam nestas terras?

ORTA

Pera tingir e adubar os comeres; asi aqui como na Arabia e na Persia; inda que lá aja o nosso *açafram*, usam deste por mais barato; e qua usam do *açafram* tambem em fisica, mais que pera tudo, pera os olhos e pera a sarna, misturado com çumo de laranja e azeite de coquo. E pois nestes capitulos o louva Avicena pera estes efeitos, este deve ser, que asi he usado; e Avicena falou com duvida nisto, porque por ser cousa fôra de sua terra o não sabia bem; e por isso vos fique ser mézinha boa pera levar pera Portugal (2).

SERVA

As *curcas* que de Cochim vieram, quer vossa mercê que lhas façam em *caril* com galinha, ou que as lance no carneiro?

ORTA

Em ambas as cousas as podes lançar; e entanto traze hum pouco de *açafram da terra*, verde.

RUANO

E que cousa he *curcas* do Malavar?



## ORTA

São huns grãos brancos, mayores que avellans, com casca e não tam redondas; sam brancas, e sabem como tubaras da terra cosidas; e ha as no Malavar, onde lhe chamão *chiquilengas*, que quer dizer *ynhames pequenos*: tambem me convidou com ellas em Çurrate, cidade de Cambaya, Coje Çofar, natural de Apulha, feyto mouro; e dixeme que as avia no Cairo muytas, e que tambem lá se chamavão *curcas*; e em Cambaia, donde isso era, me dixe que se chamavão *carpata*; semeãose no Malavar, onde as eu vi primeiro, e naçem em ramos. E pois não he cousa de fisica, pasemos avante, sem mais falar nella; e se vos souberem bem, levalaseis perá o caminho quando fordes (3).

## SERVA

Vedes aqui o *açafram verde* e o *seco*; scilicet, a raiz.

## RUANO

Primeiro quero que me digaes se escreveu algum escritor deste simple, ao menos Arabio.

## ORTA

Não me affirmo muyto aver capitulo desta mézinha; senam falando por huma congeitura, acho que escreveo della o Serapio, e chamalhe *abelculcut*; e está corrompida a letra, e ha de dizer *hab alculcul*, que quer dizer *curcas*, ou per ventura nós lhe corrompemos o nome em lhe chamarmos *curcas*. Isto digo porque *hab* quer dizer em arabio *semente grande*, e *al* he articulo de genetivo; e tambem me movia dizer isto, porque o Serapio diz que o muyto uso dellas faz *colerica passio*, e que acrescenta a semente; e todas estas cousas dizem os mesmos Malavares, por onde me parece que tudo he hum. Tambem Rasis\* falla destas *curcas*, e chamalhe *quilquil*, por ventura corrompidamente. E oulhay a raiz do *açafram verde* e sequa.

---

\* Rasis, 3, ad Almansorem (nota do auctor).



## RUANO

Por dentro he bem amarella; e por fóra parece como *gengivre*; e a folha he como da cana do milho; he maior, e o ramo he feito de folhas\*; e a raiz nam queima, nem amarga muyto quando he verde; e se queima, com a muyta humidade não se sente.

## ORTA

Provay a seca: esta raiz queima, mas não tanto como o *gengivre*; por onde me parece que não será mal tomada por dentro, e asi não ponho duvida em ser *curcuma*.

## RUANO

A merce que de vós quero he que cuideis bem nisto, e saibais dos fisicos cada dia o que sabem della, e torneis a ver os capitulos: e eu tambem os verei oje, pera amanhã tornarmos a falar niso. E isto he bom, porque o que oje nam sabemos, amanhã saberemos.

## ORTA

Quanto mais ólho os capitulos, tanto mais me parece ser verdade o que digo; porque alguns dizem que *curcumani* e *meimiram* he *ruiva de tingir*; e ambas as raizes se parecem humas com outra.

---

\* Esta expressão, um tanto singular na forma, póde todavia applicar-se ás folhas envaginadas de uma *Scitaminea*, ou de uma *Musacea*; e prova que Orta examinou com attenção aquelles falsos caules, formados de peciolos sobrepostos.

## NOTA (1)

O «borax», ou «crisocolla», ou «tincal» de Orta, era uma substancia bem conhecida, um *borato de soda* natural, que teve importancia no commercio; mas hoje é geralmente substituido pelo que se prepara com o *acido borico*, extrahido das *lagoni* da Toscana.

O nome de *chrysocolla* vinha-lhe do seu emprego como fundente nos trabalhos de ourivesaria; e o de *tincal*, aliás muito conhecido, é



uma ligeira alteração do persiano — Orta diz arabico — تينكار, *tinkar*, que deve vir do sanscrito *tankana*.

Em muitos livros antigos e relativamente modernos, como nos tratados de *Mineralogia* de Dufrénoy, de Delafosse e outros, se lê a afirmação vaga de que esta substancia vinha da India; mas não encontrei confirmação segura de tal noticia, e muito menos de que fosse «mine-rio em huma serra . . . apartada de Cambayete cem leguas nossas». Parece que se extrahia principalmente de alguns lagos do Thibet, e d'ali, pelos desfiladeiros do Himalaya, a traziam aos portos occidentaes da India. Vinha, portanto, *pela* India, e não *da* India. Orta, suppondo-a procedente das montanhas de Mandú e de Chitor, teve o mesmo engano, que já no *Coloquio* anterior tivera a proposito do *costo*.

É conhecido o uso industrial d'esta substancia no trabalho dos me-taes; e o seu emprego na medicina indiana foi tambem mencionado por Ainslie, se não propriamente na «sarna», pelo menos em affecções apthosas e cutaneas (Cf. Ainslie, *Mat. ind.*, I, 45).

Pelo que diz Orta se vê, que era «droga defesa», isto é, cujo commer-cio estava vedado aos particulares. Já, nas notas ao *Coloquio* anterior, vimos como o *costo* e o *incenso* eram *drogas defesas* no trato com a China, e a proposito da *pimenta* teremos occasião de fallar mais larga-mente d'estas prohibições.

#### NOTA (2)

O «croco indiano» de Orta é o rhizoma da *Curcuma longa*, Linn., uma planta da familia das *Scitamineæ*, cultivada com frequencia na In-dia e outras terras da Asia. Esta droga é chamada pelos inglezes *tur-meric*, o que parece ser a corrupção de um nome da antiga pharmacia, *terra merita*; mas é mais geralmente designada pelo nome de *curcuma*, do persiano *kurkum*.

Vejamos agora os nomes vulgares do nosso escriptor:

— «Alad» entre canarins e malabares. Este é o conhecido nome hindí e bengali, *halad* (Dymock, *Mat. med.*, 764).

— «Manjale» entre malabares. O nome tamil *manjal* (Dymock, l. c.).

— «Cunhet» entre malayos. Varias fórmulas d'este nome se usam nas diversas partes do archipelago, por exemplo, *cunjet*, entre as gentes de Macassar (Rumphius, *Herb. amb.*, v, 165).

— «Habet» entre arabes. É um nome que não encontrei, quer esteja muito alterado, quer escapasse ás minhas investigações.

— «Darzard» entre os persas, significando «pau amarello». A explica-ção é exacta; *dar* significa pau ou madeira, e *zard* amarello. No nome hoje mais usado da droga, *zard-chubah*, entra o mesmo adjectivo (Dy-mock, l. c.).



— Alem de citar estes nomes orientaes, Orta designa a droga pelo de *croco indiano* e *açafraão da terra*<sup>1</sup>. Apesar de o rhizoma da *Curcuma* ser uma cousa absolutamente diversa dos stigmas do *Crocus*, que propriamente constituem o *açafraão*, houve sempre uma certa tendencia a approximar as duas substancias, pelo facto de servirem para temperar a comida e de a tingirem fortemente de amarello. É assim, que um dos nomes do *açafraão*, *kurkum*, veio a designar mais especialmente a *curcuma*. Ibn Baithar explica claramente esta deslocação de nome. Fallando do rhizoma da *curcuma*, diz assim: ... «os habitantes de Basra chamam a esta raiz *al-kurkum*, e *al-kurkum* é o *açafraão*; e chamam-lhe *açafraão*, porque tinge de amarello como faz o *açafraão* (Ibn Baithar, versão de Sontheimer, citado por Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *saffron*).

O commentario do nosso Orta aos capitulos de Avicenna é muito confuso, porque a questão é muitissimo obscura. O capitulo, que elle chama: «de feçe de *curcuma* ou *curcumani*», é o cap. 165, e começa por estas palavras: *Crocuma quid est? Dicitur quod est fæx olei de croco* ... O resto do capitulo, aliás curtissimo, nenhum esclarecimento dá. E por aquellas palavras, o medico arabe parece referir-se aos residuos de algum preparado do *Crocus*, e não á *Curcuma*.

O outro capitulo citado (199 e não 200, como Orta diz) intitula-se: *De Caucho i. Chelidonio maiori*. Em notas marginaes vem os nomes mencionados por Orta, *Chalidunium* e *Chaledfium*. O texto de Avicenna diz assim na versão: *Chaucum quid est? Dixerunt quidam, quod est Vene. Et ipsa quidem dicitur Memiran. Et dixerunt alii, quæ de ea est parva est Memiran, et quæ est magna, est Alvardachale, vel Alvardachule, vel Alxardahune*. Como se vê, a trapalhada não pôde ser mais completa, e difficil será encontrar a explicação d'este enigma. Na exposição do Bellunense temos a seguinte informação: *venæ citrinæ apud Arabes sunt curcuma, apud alios vero sunt radices memiran*. Da primeira parte pôde deduzir-se, que Avicenna quiz fallar da *curcuma*, como suppoz Orta; mas na segunda apparece-nos de novo o *memiran*. D'este, diz o mesmo Bellunense: *Memiran est radix nodosa, non multum grossa, citrini coloris sicut curcuma ... et aportatur ex India ... et usitatur in passionibus oculi*. Como se as cousas não estivessem ainda bastante enredadas, vieram os commentadores, e disseram que o *memiran* dos arabes era o *κελιδόνιον μέγα* dos gregos, e que este era a vulgar *celidonia maior* (*Chelidonium majus*, Linn.). Orta conhecia esta identificação, e — com toda a razão — a pôe em duvida, e se mostra pouco disposto a acceital-a. Mas, apesar de conhecer muitas drogas da India, não conhecia todas, e não conseguiu desfiar completamente a meada.

<sup>1</sup> Isto é, d'aquella terra. Esta expressão portugueza *da terra*, geralmente mal interpretada pelos traductores, e que significa o que é proprio da região, em opposição ao que vem de fóra, é equivalente ao qualificativo arabico *beladi*.



O que parece provavel, é que Avicenna e outros arabes conhecessem muito imperfeitamente varias drogas, consistindo em raizes ou rhizomas mais ou menos grossos, mais ou menos amarellos na fractura, trazidos em geral da India, e alguns considerados efficazes no tratamento das doenças de olhos. É claro, porém, que não distinguiam bem essas drogas entre si; e é hoje extremamente difficil procurar o que fosse o *alvardachale* ou o *alvardachule*. O que se póde apurar como provavel, é que, sob o nome de *Venæ*, de *Memiran* e outros, elles se deviam principalmente referir a tres drogas:

os rhizomas da *Curcuma longa*, Linn., de que antes fallámos;

os do *Coptis Teeta*, Wallich, uma planta da familia das *Ranunculaceæ*, espontanea nas montanhas de Michmi, a leste do Assam, e que ainda hoje se encontram nos bazares da India, são considerados um medicamento importante nas doenças dos olhos, e são designados pelo nome de *mahmira*;

os do *Thalictrum foliosum*, D. C., da mesma familia, que procedem das vertentes do Himalaya, têm nos bazares do Panjáb o nome de *momiri*, e são muitas vezes confundidos com os da planta precedente.

A primeira droga, a *Curcuma*, era bem conhecida de Orta; mas as outras duas vinham de mais longe, deviam ser raras nos bazares, sobretudo nos bazares da costa, e não admira que escapassem ás suas investigações. Por isso elle se achava um pouco desarmado em frente da intrincada e barbara nomenclatura de Avicenna. É certo, no entanto, que se não sabia bem o que fosse o *memiran*, não estava nada disposto a admittir que fosse a *celidonia*, e n'isso tinha toda a razão (Cf. Avicenna, lib. i, tract. ii, cap. 165, 199 e 486; Andreae Bellun. *Arabic. nom. interpretatio*, palavras *venæ* e *memiran*; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *mamiran*; *Pharmacographia*, 3; *Pharmacopœia of India*, 4 e 5).

O uso da *curcuma* para «tingir e adubar os comeres» é vulgarissimo em todo o Oriente, sendo um dos ingredientes essenciaes do *caril*. É considerada tambem cordial e estomachica; applicada ao tratamento das doenças cutaneas, e, segundo o nosso padre Loureiro, ao de variadissimas enfermidades (Cf. Drury, *Useful plants*, 169; Ainslie, *Mat. ind.*, 1, 454; Loureiro, *Flora Cochinchinensis*, 1, 9).

### NOTA (3)

As «Curcas» do nosso escriptor não são muito faceis de identificar<sup>1</sup>. Apesar de elle dizer que «nacem em ramos», creio que deve fallar de

<sup>1</sup> No meu trabalho sobre Garcia da Orta (p. 216) identifiquei-as sem bastante reflexão com a *Curcuma angustifolia*, o que é evidentemente um erro.



orgãos subterraneos; e por isso faz a referencia aos «ynhames», e ao gosto de «tubaras da terra». Parece pois que seriam uma especie de *Colocasia*, e provavelmente a *Colocasia indica* (*Arum indicum* de Loureiro e de Roxburgh). Esta especie tem uma raiz fibrosa, e numerosos tuberculos pendentes, por onde elle poderia dizer «necem em ramos». Alem d'isso os tuberculos são comestiveis, e entram ás vezes na constituição do *caril*, como Orta diz das *curcas* (Cf. Roxburgh, *Fl. indica*, III, 498).

Parte dos nomes vulgares, que Orta cita, pertencem no emtanto á especie mais conhecida, *Colocasia antiquorum*, Schott.

—O primeiro é o de *curcas*, o qual, segundo Orta diz, era tambem usado no Cairo, onde a planta era bem conhecida. Prospero Alpino, que, no seculo de Orta (1580-1584), viu a *Colocasia antiquorum* cultivada no Egypto, diz que lhe chamavam *culcas*; e o botanico francez, Delile, dá o mesmo nome nas fórmulas *golkas* e *koulkas* (pronunciar *kulkas*). O sr. Dymock menciona um nome arabico moderno, *kalkás*. De *culcas* para *curcas* vae uma leve e facil alteração (Cf. De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 59; Dymock, *Mat. med.*, 818).

—«Chiviquilengas» lhe chamavam no Malabar. Esta designação, apesar de muito alterada, é claramente o nome tamil da *Colocasia antiquorum*, que Dymock dá na fórmula *shema kalengu*, e Drury na fórmula *shema kilangu* (Cf. Dymock, l. c., 817; Drury, *Useful plants*, 154).

—Não encontrei o nome de «carpata», usado em Cambaya, segundo Orta.

Em resumo, a curtissima descripção do nosso auctor indicaria de preferencia a *Colocasia indica*, emquanto os nomes vulgares se podem melhor referir á *Colocasia antiquorum*. É, porém, admissivel que os seus informadores applicassem á primeira especie alguns nomes da segunda, que era muito mais conhecida.

É interessante virmos encontrar Coge Çofar, o grande inimigo dos portuguezes, o instigador e a alma dos cercos de Diu, mandando presentes de *curcas* a Garcia da Orta, e ensinando-lhe como se chamavam no Cairo. Orta dá-o como natural «da Pulha», e n'isto se conforma com outros escriptores nossos; Couto, que o diz natural de Otranto; e Barros, que, especificando mais, affirma que elle nascêra em Brinde ou Brindisi, e era filho de um albanez e de uma italiana.

Este mestiço, homem de «ardiz e invenções», é um perfeito exemplar do aventureiro levantino d'aquelles tempos. Captivo em rapaz pelos turcos, cujas galés corriam e infestavam então as costas da Apulia, fez-se mahometano, e andou depois mettido nas armadas dos mamelukos, dos turcos e dos rumes, como homem de guerra ou homem de finança — umas vezes «capitão de uma galé», segundo refere Couto; outras «tisou-reiro» da armada, segundo assegura Gaspar Corrêa. Vemol-o embarcado já na armada, que pelo anno de 1516 o chamado Soldão de Baby-



lonia, — o ultimo soberano mameluko do Egypto — mandou contra os portuguezes da India. Muitos annos depois, no de 1537, quando a grande armada de rumes foi atacar Diu, Coge Çofar, já então estabelecido na India, e que preparára o ataque por terra, veio logo a bordo combinar as operações com Soliman Pachá, como conta uma testemunha ocular: «... venne un chiamato il Cosa Zaffer, il quale é da Otranto, ma renegato, et fatto turcho, et era patrone di una galea quando il Signore Turcho mandò l'altra armata...» E finalmente, no segundo cerco, Coge Çofar foi o instigador, o agente diplomatico, e quasi o general em chefe das forças mussulmanas, que se congregaram contra os portuguezes. Dirigiu todas as operações do cerco, até que, no dia 24 de junho de 1546, dia de S. João Baptista e de Corpus Christi, «que se acertou este anno todo em hum dia», estando a observar a fortaleza, com a cabeça de fóra de um muro, «passou per hy hum pilouro perdido, que lh'a levou com a mão direita, sobre que a tinha acostada». E assim morreu no seu posto um dos homens, que mais habilmente e com mais persistencia combateram a influencia dos nossos nas terras do Oriente.

(Cf. Barros, *Asia*, III, I, 3; Couto, *Asia*, IV, III, 6; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 380, IV, 479; *Viaggio di Alessandria nelle Indie*, pag. 149, que faz parte de uma collecção: *Viaggi fatti da Vinetia alla Tana*, etc. impressa em Veneza, 1545. Esta curiosa relação de um prisioneiro italiano, que ia nas galés turcas, vem tambem na collecção de Ramusio, com o titulo: *Viaggio scritto per um comito venetiano*.)

Nos intervallos, porém, d'estes rompimentos de guerra, o intelligente e dissimulado italiano dava-se por muito amigo dos portuguezes; e prestou mesmo importantes serviços a Nuno da Cunha, quando foi da morte de Bahádur Schah, ajudando-o a pacificar a cidade de Diu. Talvez de haver sido «tisoureiro», e sobretudo pelo valimento do rei do Guzerate, havia-se tornado extremamente rico; e habitava umas vezes Diu e outras Surrate, onde levava a vida de um grande senhor oriental. Ali o conheceu o nosso Orta, e ali recebeu d'elle o presente das *curcas*.

Orta chama-lhe Coge Çofar, e Coge Çofar ou Coge Sofar lhe chama tambem Barros, e a maior parte dos escriptores portuguezes. Gaspar Corrêa escreve Coje Çafar, ao que parece com melhor orthographia. O veneziano, que citámos, escreve o nome Cosa Zaffer, e julgo que mais correctamente seria Khuádja Tzaffar, خواجه ظفر.



## COLOQUIO DECIMO NONO

DAS CUBEBAS

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Das *cubebas* falemos; postoque, como diz Sepulveda, poucas vezes usamos dellas per si, senam em composições.

ORTA

Nam he asi nesta India; antes sam muyto usadas dos Mouros deitadas em vinho pera ajudar a Venus em suas vodas; e na terra donde as ha, que he a Jaoa, as acustumão muito pera a frialdade do estomago; podeis crer que as tem por muy grão mézinha.

RUANO

Muyto me maravilho diso, porque as cousas de que mais temos abundancia estimamos em mais pouco.

ORTA

Não he esa regra em todo certa, porque no Malavar ha muyta quantidade de pimenta, que farta a todo mundo; e gasta tanta o Malavar só, como toda Europa.

RUANO

Dizey como se chama.

ORTA

Os Arabios *cubebe* e *quabeb*, e isto em escritores; e asi de todos *quabebechini*;<sup>\*</sup> e em Jaoa, donde as trazem, se

---

\* Póde talvez ler-se «de todos qua *bebechini*»; mas tendo Orta dado primeiro a fôrma *quabeb*, parece-me mais provavel a leitura que adoptámos; veja-se a nota (1).



chamão *cumucos*, ou em singular *cumuc*; e toda a outra indiana gente, ecepto a que fala malayo, lhe chama *cubabchini*.

RUANO

Não tam somente as ha em Malaqua senão na China; pois tem o apelido *da China*.

ORTA

Não as ha na China, senão levãonas da Çunda e da Jaoa pera lá. Como já vos dixe, os Chins navegavão este mar indico, e trazião as mercadorias que no caminho achavão, e por onde hião; e os de Goa e Calecut, e os Guzarates e Arabios ouvirão que lhe chamavão *cumuc*, e corruptamente lhe chamaram *cubabchini*, porque a trazião os Chins. E esta he a verdade, e a origem deste nome.

RUANO

Dizei a feiçam do arvore, pois já dixestes o nascimento; e asi direis se as ha mais que de hum maneira só; porque ao diante provarei averem muytas especias.

ORTA

O arvore he como maçeira no tamanho, e as folhas sobem açima trepando, como nos arvores da pimenta; ou, porque melhor me entendaes, trepam pelo arvore como a éra: e nam he este arvore como murta, nem tem a folha dessa feiçam, senam he como a folha da pimenta; e sam mais estreitas as folhas do arvore das *cubebas*: nadem como cachos, nam pegados os grãos em hum cacho, como uvas; mas dependem de hum pé cada hum; e sam na propria sua regiam tam estimadas estas *cubebas*, que as cozem lá primeiro que dahi as leixem levar: e isto porque, semeandose nas outras terras, nam naçam nellas; e póde ser que por isto se apodreçam na Europa e qua na India. E isto soube eu de Portuguezes, dignos de fé, que me dixerão, e aviam residido muito tempo nas ilhas de Jaoa.



RUANO

Pode ser que seja outro genero de pimenta?

ORTA

Nam o he; porque, em a Çunda, a principal mercadoria que de lá vem he a *pimenta*; e nam defere da do Malavar casi nada; e este arvore é deferente, e o fruto; e na mesma Çunda, postoque a levam á China, he em muyto pouca cantidade, scilicet, pera mézinha; e não pera comer, como a pimenta de que se carregam vinte náos ao menos pera a China: por onde não ha duvida em não ser pimenta. E dam estes arvores flores, que cheirão bem.

RUANO

Traz Mateus Silvatico por autoridade de Serapião\*, que o que chamam os Mauritanos *cubebas* he ácerca de Dioscorides *mirtus silvestris*, e que a descrição de Galeno ácerca das *cubebas* he do Dioscorides de *mirto agreste*. E porque nam fala nenhum delles nas *cubebas* nam se ha de presumir que o deixasem de escrever, senão Galeno trata das *cubebas* no *carpessio*, e Dioscorides no capitulo de *mirto agreste*.

ORTA

Não vos pareça que Galeno e Dioscorides escreverão tudo; que muytas cousas deixarão de escrever, que não vieram á sua noticia; e Serapio, e os outros Arabios, falarão de ouvida nas mézinhas da Índia, e como vião que aproveitava pera alguma cousa alguma mézinha escrita pellos Gregos, logo diziam esta he mézinha de que usam os Indios, e que os Gregos chamão por tal nome. E ajudaos a ser enganados não saber a lingoa grega muyto bem; e por esta rezam errou o Serapio no que dise, e a este emitou o Pandetario. E a causa que dam he muyto fraca, scilicet, porque de outra maneira ficavam faltos Galeno e Diosco-

---

\* Mateus Silvaticus, cap. 288 (nota do auctor).



rides; como que os mesmos nam leixaram muytas cousas de escrever, como diz Avenrrois no 5 do Coliget. Mas que nam seja *mirto agreste*, *cubebas*, he claro; porque o *mirtus silvestris* he o que chamão *ruscus*; e os que não falam tam bem latim lhe chamão *bruscus*; que he huma frutice conhecida, cuja raiz entra no xarope de raizes: e deste parecer he tambem Ruelio, diligente escritor novo; e mais este *mirtus agrestis* não cheira cousa alguma e as *cubebas* cheiram muyto bem, sam aromaticas; e as *cubebas* não tem dentro grãos, e o *mirto agreste* os tem e he mais doce, e as *cubebas* tem sabor agudo. E que *carpessio* não seja *cubebas*, tambem o provarei. E disto nam se segue mas inconveniente que Galeno leixar de escrever das *cubebas*: e não he inconveniente, porque as *cubebas* se criam em ilhas muito distantes donde elle habitava.

## RUANO

Day as razões disse; porque Ruelio tam douto, e os Frades italianos que fizeram hum livro de botica, tam curiosos, tam bons boticairos, não tem *carpessio* ser outra cousa senão as *cubebas* de Serapio e de Avicena; porque nas composições, onde Galeno põe *carpessio*, põem Serapio e Avicena *cubebas*, logo de sua entença he que tudo he hum?

## ORTA

Não vos disse eu já que Serapio errára nisto, e que não he muyto, pois era homem; e quis irse por a rezão arriba dita, scilicet, que Galeno e Dioscorides aviam de escrever tudo, e não leixar por escrever cousa alguma; pois agora vos digo que nam me maravilho muyto de Avicena errar tambem. E posto que Avicena e Serapio conheceram esta mézinha, não entenderam bem a Galeno nem Dioscorides. Diz Ruelio que he melhor *carpessio* o do Ponto, e que em Siria ha muyto: e pera isto alega Autuario. Dizei-me, pello amor que ha entre nós, quem deu em Ponto, ou Esclavonia, e na Siria *cubebas*! pois desta India as levam pera lá, por ser mercadoria em que muito ganhão. Gastão boa cantidade



della os Turcos e Arabios, e pera Portugal vay muyta pouca cousa dellas; e a causa he, porque os Mahometistas fazem com as *cubebas* a festa á rainha Venus; e bem póde ser que o *carpessio* tenha as mesmas forças que tem as *cubebas*.

RUANO

Pois que, será *carpessio* o *mirto silvestre* de Dioscorides?

ORTA

Nem he hum nem outro; porque Galeno diz, em o livro Antidotorum, que sam humas festucas\*, e pois sabeis que *cubebas* e *mirto agreste* sam frutos tam notos, como ha de ser tudo hum; porque vos afirmo que não vem da Jaoa senão este fruto, sem festucas; nem sam muytas especies, senam huma só; nem he arvore sativa, senam silvestre; e não averia eu por inconveniente que, se a plantasem, nascesse em as terras das mesmas calidades.

RUANO

Dizem os Frades que virão *cubebas* de muytas maneiras; e que estas sam humas sem sabor e outras amaras; e que elles tem outras na sua botica muyto melhores.

ORTA

Digo que sem sabor e amaras serem já as corrompidas; e as outras serem de mais pouco tempo colhidas e melhor conservadas. E se muyto aporfiardes dizendo que ha outra especie, vos digo que póde ser, mas eu não o vi até este dia de oje de outra especie, nem vi quem a visse (1).

RUANO

Pois não falta quem diga, que *cubebas* sam semente de vitiçe.

---

\* A palavra, que segundo creio nunca teve os fóros de portugueza, é tomada na sua acceção latina corrente.



## ORTA

Outra nova duvida he essa; diram isso porque huma especie da semente de vitiçe tem sabor de pimenta, estas *cubebas* tem casi o mesmo sabor; mas isto he falso, porque a *vilex* he *agnus castus*, e asi se interpreta; as *cubebas* sam amigas de Venus, e o *agnus castus* inabilita a Venus; e asi as suas forças e estimulos enfraqueçe. E o que diz Antonio Musa que careçemos das *cubebas*, e Serapiam, millhor será dizer que elles se enganaram em lhe dar o signal de *carpessio*, e do *mirto agreste*. E tambem tem o Pandetario que Galeno chama as *cubebas*, *cauli*; e he falso, porque isto he huma especie de *dauco*, scilicet, *dauco silvestre* (2).

## NOTA (1)

As *cubebas* são o fructo do *Piper Cubeba*, Linn. f. (*Cubeba officinalis*, Miq.), um arbusto scandente e lenhoso, cujo porte é acertadamente notado pelo nosso escriptor: «trepam pelo arvore como era». Do mesmo modo notou o pequenino pé do fructo, que á primeira vista o distingue da *pimenta*: «dependem de um pé cada hum».

O *Piper Cubeba* é espontaneo em Java, Sumatra e sul de Bornéo, sendo hoje cultivado na ilha de Java, e nas terras de Lampong, na parte meridional da de Sumatra. Orta menciona unicamente Java, pois a Sunda ou Çunda — de que falla — era a parte occidental d'aquella ilha, tida pelos nossos primeiros navegadores na conta de uma ilha separada.

Os nomes vulgares que cita são bem conhecidos:

— «Cubebe», «quabeb», «quabebechini», «cubabchíni», são as suas fórmulas do conhecido nome arabico كبابه, *kababah*, e do nome hindustani كباب چینی, *kabab chini*, cuja primeira parte é a simplificação do arabico. Que a segunda parte do nome, *chini*, procedesse de haver sido introduzida esta droga no commercio do Oriente pelos chins, é o que se afigura muito plausivel; mas que a primeira parte, *kabab*, ou *kababah* fosse uma corrupção do nome javanez parece-nos pouco provavel (Cf. Ainslie, *Mat. ind.*, 1, 97; Dymock, *Mat. med.*, 724).

— «Cumucos» ou «cumuc» é effectivamente o nome javanez, que encontrámos modernamente escripto *cumac* e *kumukus* (Cf. Dymock, l. c; Crawford, *Dict.*, 117).



Não ha rasão alguma para suppor que os antigos escriptores gregos ou latinos conhecessem esta droga<sup>1</sup>; mas parece ter sido introduzida no commercio pelos arabes, e foi repetidas vezes mencionada pelos seus escriptores—por Maçudi em uma enumeração, já citada, das especiarias que vinham das longinquas ilhas do Oriente; e por Edrisi, já citado tambem, entre as mercadorias trazidas a Aden.

A confusão entre as *cubebas* e o *καρπύσιον* dos gregos, que irritava o nosso escriptor a ponto de elle exclamar: Dizei-me pelo amor que ha entre nós, quem deu na Esclavonia ou na Syria cubebas?! essa confusão parece ter sido feita pelos escriptores arabicos. D'estes passou para os commentadores da Idade media e Renascimento, e para a linguagem ordinaria das boticas ou *apothecas*, em que as *cubebas* se chamaram muitas vezes *fructus carpesiorum*, ou como em uma lista de drogas, publicada em Ulm no anno de 1596, *fructus carpesiorum vel cubeborum*.

A outra confusão, entre as *cubebas* e o *myrtus agrestis* de Dioscorides—o qual era effectivamente uma especie de *Ruscus*—tambem é da responsabilidade de Serapio; e, segundo diz Sprengel, foi primeiro combatida por Nicoláo Leoniceno. Um e outro erro rectifica o nosso escriptor, assim como rectifica os erros relativos ao *Vitex*, e a uma *Umbellifera* (Cf. *Pharmac.*, 527; Sprengel, *Diosc.*, II, 634).

Segundo Orta, empregavam as *cubebas* no Oriente para «ajudar a Venus», e para «a frialdade do estomago»; e Ainslie diz-nos, que modernamente as consideram estomachicas, carminativas e estimulantes, o que confirma aquellas indicações. Na Europa, durante a Idade media, não foram simplesmente julgadas medicinaes, mas eram usadas regularmente como condimento, e pagas por um alto preço, o que de resto succedia então com todas as especiarias. Depois a importação diminuiu consideravelmente, e quasi se extinguiu; até que no nosso seculo voltou a adquirir importancia, pela sua applicação no tratamento da gonorrhæa (Cf. *Pharmac.*, I. c; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 98).

#### NOTA (2)

Orta menciona n'este *Coloquio* pela primeira vez os «frades ytalianos», mas refere-se a elles de novo nos seguintes com certa frequencia, e parece que teria na India o seu livro. Eram estes frades, os minoritas fra Bartholomeo e fra Angelo Palla. Effectivamente *Bartholomæus Urbevetanus* e *Angelus Palla Juvenatiensis* publicaram no anno de 1543

<sup>1</sup> A identificação, que se pretendeu fazer do *κάρυκον* de Theophrasto com as *cubebas* ou *kumukus* malayo, assenta unicamente sobre uma similhaça de nome, e não tem fundamento real.



em Veneza uns commentarios a Mesué Junior; e n'esse livro — que não vi — se encontram as passagens citadas, na parte 1, distinct. 1, cap. 36, como se deprehende do que diz Clusius na traducção ou resumo latino dos *Coloquios* de Orta (*Exotic.*, 184).

Sprengel, que faz menção d'este livro, não o tem em grande conta; e o nosso Orta, apesar de chamar aos seus auctores «curiosos» e «bons boticairos», quasi nunca o cita, que não seja para lhe notar algum erro. Parece que estes pobres frades tiveram uma contenda scientifica com o erudito Matthioli, o qual lhes respondeu dura mas sabiamente, como era seu costume: *acriter sed docte, ut solitus erat* (Cf. Sprengel, *Hist. rei herbariæ*, 1, 332, Amstelodami, 1807).



## COLOQUIO VIGESIMO

DA DATURA E DOS DORIÕES

### INTERLOCUTORES

SERVA, ORTA, PAULA DE ANDRADE, RUANO

SERVA

À minha senhora deu *datura* a beber huma negra da casa; e tomoulhe as chaves, e as joyas que tinha ao pescoço, as que tinha na caixa, e fogio com outro negro; merce me fará em a ir socorrer.

ORTA

Como sabeis isso?

SERVA

Porque já tomáram a negra no Passo-Seco e acháramlhe ametade das joyas, e ella confesa que deu outra metade a seu amigo, que vai por Agaçaim; póde ser que seja tambem já tomado.

ORTA

Vamos vela, que he huma mulher solteira mestiça (1); e folgareis de a ver, porque a quem dam esta mézinha não falam cousa a preposito; e sempre riem, e sam muito liberaes, porque quantas joyas lhe tomaes, vos deixam tomar, e todo o negocio he rir e falar muito pouco, e nam a preposito: e a maneira que qua ha de roubar he deitandolhe esta mézinha no comer; porque os faz estar com este acidente vinte e quatro oras. Deos vos salve, senhora.

PAULA DE ANDRADE

Im, im, im.

ORTA

Nam aveis de responder alguma cousa, mas que he isso?

PAULA DE ANDRADE

Im, im, im.



ORTA

Esfreguemlhe as pernas muyto rijo pera baixo, e atemlhas com huns cairos e os braços; e lançemlhe hum cristel, que lhe agora escreverei, e hum vomitivo; e, desde isso tomar, póde ser que lhe mande lançar algumas ventosas; e daqui a duas oras, se nam se achar melhor, mandalaei sangrar da vea do artelho, ainda que nisto tenho alguma duvida por ser a materia venenosa.

RUANO

Eu a esta curaria, como quem está frenetica, ou pera frenetica de sangue.

ORTA

O que qua eu uzo he fazerlhe grandes vomitos, pera evacuar o que comeo, juntamente com o que está no estomago; e de verter\*, e vacuar com cristeis fortes, e ligaturas, e ventosas, e ás vezes sangria no artelho; e com isto me acho bem, e nenhum me perigou, e todos saráram antes de vinte quatro oras. E a gente desta terra não tem isto por cousa perigosa, nem se tem por ruindade fazerse, senão quando se faz com máo fim: muytos o fazem por zombar de alguma pesoa. E eu vi dous homens, o mais moço delles era de 50 annos, a quem os filhos do Nizamoxa o deram, pera zombar delles, e hum era caçador, e outro era mestre de fazer frechas e arcos, e ambos curei, e ambos foram sãos, sem despois lhe sentir eu dano algum no cerebro ou meolo.

RUANO

Déstelo já a algum voso negro ou negra?

ORTA

Nam, porque nam me conformei com minha conçiencia a fazelo.

---

\* Na edição de Goa está «de virtir», e o sentido é para mim muito duvidoso.



RUANO

Mandaime buscar essa erva.

ORTA

No campo vola amostrarei, como cavalgarmos; por agora sabeí que he huma erva alta, e as folhas da feiçam de *branca ursina*; e as folhas nam sam tam grandes, e sam agudas no cabo, fazendo ponta a modo de lança; e ao redor da folha faz outras pontas da mesma maneira; e he a folha posta em hum tallo grosso, e tem muytos nervos semeados pelo meo; a frol, que naçe pellos ramos, he como rosmaninho na cor; e he a mais redonda, e não tam feita como cubo: desta frol usam mais, ou da semente que nella se ençerra; o sabor das folhas dos tallos he casi ensipido, com muyta umidade, e he hum pouco amargozo: parece que cheira como rabam, digo como folha delle e ainda nam tam forte; por onde eu czeria que he fumosa esta erva, com alguma venonisidade\*. Moça, leva esta receita ao boticairo, que faça isto muyto depressa; e vós outras tende cuydado de me yr dar conta do que passa, e vamos comer (2).

RUANO

Falando com hum homem, que foy muyto tempo a Malaca, me dixe que a melhor fruta que avia no mundo era huma que chamavam *doriões*, e lembrovos que tenhamos alguma pratica sobre isso.

ORTA

Eu não a provei, e dos homens que a prováram e as outras frutas nossas, ouvi que sabem bem, e outros dizem o contrario, scilicet, que nam sabem tam bem como serejas, ou melões pera o gosto; antes me dizem que no principio

---

\* Toda a descripção da planta, ao lado de traços muito bem observados, contém palavras de difficil explicação; como a herva ser *fumosa*, ou a flor não ser feita como um *cubo*.



vos cheiram a çebolas podres, e desde os vindes a gostar, vos sabem muito bem, em tanta maneira, que dizem que hum mercador veio a Malaca, e que trazia huma não carregada de mercadorias, e que vendeo a não e ellas pera comer, em *doriões* somente. Isto contáram asi, não sei se he verdade, se mentira; mas em Malaca ha muy boas frutas, como uvas e mangas, e as não estimão tanto como *doriões*. E pera que nam gastemos o tempo muito nisto, vos direi como he o *dorião* em breves palavras; pois nam he cousa de fisica, mais que dizerem os Malaioes que he bom pera a festa de Venus.

RUANO

Gabaramme esta fruta tanto que me foi neceçario falarvos nella.

ORTA

He o *dorião* hum pomo do tamanho de hum melam, e tem huma casca per fóra muyto grossa, e cercada de bicos pequeninos, a modo do que aqui em Goa chamamos *jáca*, do que ao diante vos farei mençam; he verde per fóra este pomo, e tem apartamentos de dentro, a modo de camaras; e em cada camara tem frutas separadas, na cor e no sabor como manjar branco; e porém não languido, nem que se pegue muyto ás mãos, como o mesmo manjar branco; mas o sabor he muyto gabado de todos, tirando alguns que dizem o que acima dixei; e estas frutas sam do tamanho de hum ovo de galinha pequeno (as que estão no repartimento); algumas ha que não sam brancas, mas como amarelo craro. A frol delle he branca, e tira pouco a amarela; a folha he de comprimento de meo palmo, aguda e saida, e he verde craro per fóra, e verde escuro per dentro; e tem dentro hum caroço como de pexego, e he redondo\*. E hum fidalgo desta terra me dise que lhe lembrára ler em Plinio, escrito

---

\* Evidentemente o caroço não estava dentro da folha. É forçoso confessar, que tudo isto não é um modelo de estylo descriptivo.



em toscano, *nobiles doriones*; depois lhe roguey que me buscasse isto pera o ver no latim, até o presente me diz que o nam acha. Se eu disto souber alguma cousa eu o escreverei (3).

---

NOTA (1)

Paula de Andrade era «mestiça», provavelmente *luso-indiana*; e era uma mulher solteira, isto é, levando uma vida livre e solta, que tal foi, por aquelles tempos, a significação habitual da palavra *solteira*. As riquezas accumuladas em Goa, e a reunião ali de muitos mercadores de diversas regiões, e de muitos portuguezes ociosos, haviam creado uma classe numerosa de solteiras, algumas d'ellas elegantes, possuindo joias valiosas, e rodeadas de escravas. Gaspar Corrêa, referindo-se a um periodo bastante anterior, diz-nos já o seguinte: «Erão todas as mulheres solteiras muyto ricas ... e seu cabedal erão pannos brancos e de seda, e o mais era ouro em cadeas e manilhas; porque havia mulher que hia á igreja e levava tres e quatro escravas carregadas d'ouro». O seu luxo chegou a ser tal, que o honesto e rigido vice-rei, D. Pedro Mascarenhas, tentou atalhar-o, prohibindo, que «nenhuma mulher publica andasse em palanquim, se não descoberta». Vê-se, pois, que o nosso escriptor introduz nos seus dialogos uma figura typica da vida de Goa. Importa pouco saber se Paula de Andrade existiu, ou se Orta a inventou para as necessidades da sua exposição; o que convem notar, é que o caso, se não é verdadeiro, é perfeitamente verosimil.

A negra, isto é, a escrava — porque a palavra *negra* se não applicava unicamente ás africanas — foge depois do roubo para a terra firme, e é apanhada no Passo Secco. Este Passo, assim chamado porque nas marés baixas a ria tinha ali pouca agua, ficava na extremidade oriental da ilha de Goa, no fim da estrada de Santa Luzia, logo adiante da ermida de S. Braz. Havia ali uma fortaleza, confiada a um capitão e um condestabre, tendo ás suas ordens cinco naiques e quarenta piães, que sem duvida detiveram a negra.

O *amigo* da negra, a quem ella confiára parte do roubo — ainda um traço perfeitamente natural — foge por Agaçaim. O Passo de Agaçaim ficava no sul, entre a ilha e as terras de Salcete; e não havia ali guarda, por o rio ser «muito larguo e ruim desembarcação». Havia unicamente uma barca e um «tenadar».

(Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 191; Linschoten, *Navig.*, na carta de Goa; *Tombo do Estado da India*, 73 e 74).



## NOTA (2)

Esta «datura» é a *Datura alba*, Nees von Es., ou antes a forma de corollas roxas (da «cor do rosmaninho»), chamada *D. fastuosa*, e que não differe especificamente da primeira. Orta descreve-a correctamente, comparando as suas folhas com as da «branca ursina» (*Acanthus*), e notando a inserção da flor, que de feito se afasta um pouco das disposições mais habituaes.

Varias especies de *Datura* possuem propriedades toxicas energicas<sup>1</sup>; mas, em doses convenientes, são applicadas pelos medicos hindús e musulmanos no tratamento de varias doenças. O *extractum daturæ* é a *tinctura daturæ*, preparados com as sementes da *D. alba*; e o *emplastrum* e *cataplasma daturæ*, preparados com as suas folhas, figuram mesmo na *Pharmacopœia of India*, o que prova que foram officialmente adoptados (*Pharmac. of India*, 175, India Office, 1868).

Mas o mais curioso e caracteristico uso da *datura*, é aquelle uso criminoso, a que Orta se refere, que todos na India conheciam e conhecem, e do qual fallaram Linschoten, Christovão da Costa, Pyrard de Laval e outros escriptores contemporaneos ou quasi contemporaneos de Garcia da Orta.

Os envenenamentos variavam em gravidade, desde os que tinham por fim causar a morte, até aos que unicamente constituíam uma «zombaria», ou graça, como no caso contado por Orta, e passado com os filhos do Nizam Schah<sup>2</sup>. Deve-se dizer, que a graça era pesada, e bem propria de principes orientaes. Mais habitualmente, porém, a *datura* foi empregada para obter a insensibilidade ou inconsciencia temporaria com um fim mais ou menos condemnavel. Tanto Linschoten, como Pyrard de Laval, se referem ao facto de as mulheres pouco escrupulosas de Goa recorrerem ao uso d'esta planta para adormecerem a vigilancia dos maridos ou dos protectores; e nos casos de roubo, como no de Paula de Andrade, parece ter sido de uso frequentissimo.

Em tempos posteriores a Orta continuou esta pratica, da qual fallam Wight, Murray e muitos outros. Nos nossos dias a *Datura* foi ainda empregada regularmente por uma classe de Thugs; e um dos auctores do *Glossary*, A. Coke Burnell, recorda o facto de ter julgado e condemnado muitos d'aquelles criminosos. Parece que o dr. Norman Chevers deu uma interessante noticia sobre aquelles *dhaturias* (os envenenado-

<sup>1</sup> O alcaloide da *Datura*, a *daturina*, foi considerado como identico á *atropina*, e tendo portanto a formula  $C_{24}H_{23}AzO_6$ . Parece, porém, ser muito menos energetico.

<sup>2</sup> Por isso a herva teve entre os portuguezes de Goa o nome de *burladora*, como recorda Christovão da Costa.



res profissionaes com a *datura*), no seu trabalho *Medical jurisprudence of Bengal*; mas não pude consultar este trabalho, e nem mesmo posso encontrar nas minhas notas onde o vi citado.

Os envenenamentos com a *datura* deviam, pois, ser frequentes em Goa, e Orta, escrevendo a historia da sua clinica no Oriente, não podia deixar de mencionar este accidente usual.

## NOTA (3)

O «dorião» é o fructo do *Durio zibethinus*, Linn., uma grande arvore pertencente á familia das *Malvaceæ*, tomada esta no seu sentido mais lato.

Orta nunca viu a planta, e nem mesmo pôde provar o fructo, que n'aquelles tempos de viagens demoradas não chegava em bom estado á India. Effectivamente o *Durio zibethinus* habita só nas terras mais chegadas ao equador, varias ilhas do archipelago Malayo, peninsula de Malaca, e parte meridional da Indo-China. Pelas informações que lhe deram, consegue no emtanto descrever o fructo com uma certa exactidão, ainda que um pouco confusamente. É tambem exacto, mencionando as encontradas opiniões, correntes sobre o sabor do celebre fructo; desde a opinião dos que o collocavam abaixo das fructas europeas, e lhe notavam um cheiro repugnante a cebolas podres, até ao caso do mercador que vendeu nau e fazendas só para comer *duriões*. Parece com effeito, que uma certa iniciação é necessaria para apreciar devidamente os *duriões*. Wallace conta, que ás primeiras tentativas em Malaca, o mau cheiro lhe causava uma repugnancia extrema; mas depois, em Bornéo, se tornou um grande admirador do fructo; e termina dizendo: «comer *Duriões* é uma sensação nova, e vale a pena ir ao Oriente para a experimentar» (Cf. Crawford, *Dict. of the Indian Islands*, 125; A. Russel Wallace, *The Malay Archipelago*, 74, London, 1883).









## COLOQUIO VIGESIMO PRIMEIRO DO

EBUR OU MARFIM, E DO ELEFANTE; E HE COLOQUIO  
que não faz pera fisica, senão pera pasatempo.

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA, ANDRÉ MILANÊS

RUANO

Pois que os ossos dos elefantes vem em uso de medecina, será bem que falemos delles, e do elefante.

ORTA

Do elefante ha muito escrito; mas tem em si tanto que falar, e de que se maravilhar, que não se deve ter por sobejo falar nelle. E começando do marfim, vos digo que nenhum osso de elefante he pera o uso da fisica, nem da policia\*, somente os dentes; e nam vos engane o que se escreve do *espodio*, dizendo que he ossos queimados de elefante, porque ao diante vos farei certo nam o ser, se Deos nos conceder tempo pera isso e pera as outras cousas; e he noto isto, porque dos elefantes que qua morrem não lhe aproveita a gente os ossos, e aproveitalhe a carne pera comer e os dentes pera a policia.

RUANO

E alguns tem cornos?

ORTA

Nam, porque estes que vemos todos sam dentes ou pedaços delles, e cada elefante nam tem mais que dous dentes; e as unhas nam se aproveitam, ainda que Paulo Egineta afirme que si. E o elefante não lhe faleça mais que fallar,

---

\* A palavra «policia» é empregada no sentido de industria, ou de fabrico do que hoje chamariamos objectos de arte; veja-se a nota (4).



pera ser animal racional; e (posto que sejam isto cousas nam pera fisica) mas em Cochim está hum estromento tirado de como falou duas palavras (1); e nam tendo que comer lhe disse o seu mestre (a quem chamam no Malavar *naire* e os Decanins *piluane*) que nam tinha a caldeira boa pera lhe cozer o arroz, e que levase a caldeira ao almoxarife; e que elle lha mandava consertar; ao qual o elefante foy com a caldeira na tromba; e o almoxarife disse ao naire que levasse ao caldereiro, e elle a concertou no fundo somente, onde estava danada, e o elefante a levou a caza, e cozendo nella o arroz, saya della agua por nam estar bem soldada. Entõces lha deu o naire, e o elefante a tornou a levar ao caldereiro, o qual a tomou e conçoertou; e de industria a leixou pior que estava primeiro, dandolhe algumas marteladas; e o elefante a levou ao mar, e a meteo na agoa, e olhou se deitava agoa pelo fundo; e como vio que a deitava, a tornou a levar ao caldereiro, dando á porta muitos urros, como quem se aqueixava; e o caldereiro lha concertou, e soldou muito bem; e o elefante a foy provar ao mar, e achou muito boa; entõces a levou a caza, e lhe fizeram de comer com ella. Vede se averia homem que mais siso tivese: isto pasou asi, e oje neste dia ha testemunhas que o viram, e outras maiores que por comũas leixo de dizer (2).

RUANO

Como se chama o elefante em arabio e indiano?

ORTA

Em arabio se chama *fil*, e o dente *cenalfil*, que quer dizer dente de elefante; em guzarate e em decanim *ati*; e em malavar *ane*; e em canarim *açete*; e em lingoa dos cafres da Etiopia *ytembo*; e em nenhuma se chama *baro*, como diz Simão Genoes, porque falar estorias de longe he bom pera mentir. E em nenhuma cousa de fisica o gastam os Indianos; somente os fisicos Arabios e Turcos, que curam por Aviçena, o gastam no que nós o gastamos.



RUANO

E pois em cousas de policia se gasta nessa terra tanta cantidade quanta vem de Çofala, porque me dizem que tambem vem de Portugal pera qua em mercadorias que elrey manda?

ORTA

Aveis de saber que da Etiopia, scilicet, de Çofala até Melinde vem cada anno á India seis mil quintaes, afóra o que vem de Portugal, que he muito pouco a respeito destoutro; e afóra isto ha elefantes no Malavar, ainda que poucos, e nam os domam; ha em Ceilam muitos e mui doutrinaveis, e sam os mais estimados que ha na India; ha os em Orixá, em muyta cantidade, e em Bengala e no Patane; e na banda do Decam, do Cotamaluquo que confina com Bengala, ha muitos; e ha os em Pegú, e em Martavam e Siam milhores; e dizem que o rey de Siam tem um elefante branco, e que se chama per onrra rei do elefante branco; se isto he verdade eu nam o sey (3).

RUANO

Inda me nam satisfizestes minha duvida, que he onde se gasta tanto dente de elefante.

ORTA

O marfim na China se gasta algum, e já agora se vay gastando mais; o de Ceilão se gasta em cousas muyto polidas, que se fazem na terra, de cofres e pentes e outras muytas cousas; e o de Pegú e o de Ceilão pela mesma maneira; e todos os seis mil quintais, que vem de Çofala, se gastam em Cambaia, tirando algum pouco que vai pera a China, como já dise. Isto se gasta cada anno, e tanto monta vir muito como pouco (4).

RUANO

Em que o gastam, se o vós nam dixeseis, nam o creria.



ORTA

Aveis de saber que o demonio pôs certa superstição em as mulheres e filhas dos Baneanos, que sam os que vivem segundo o costume pitagorico, e he que, quando morre algum parente, quebram as mulheres todas as manilhas que tem nos braços, as quaes são vinte ao menos; e logo fazem outras novas, como tiram o dó; e estas manilhas sam de marfim todas, postoque algumas sam de tartaruga; e isto ordenou o demonio porque se gastase tanto marfim, que vem da Etiopia cada anno; e sempre se gastará, em quanto esta superstição durar; e val este marfim segundo a grandura dos dentes, porque os dentes meudos valem pouco, e o dos grandes muyto, peso por peso; e tambem se fazem outras cousas da policia de marfim; mas he isto em pouca cantidade.

RUANO

Maravilhado estou desa superstição; porém me disei se tornam a naçer os dentes aos elefantes, ou se lhe caem; porque tambem nam sei como hay tanto elefante no mundo.

ORTA

Tendes muyta rezam niso, porque os elefantes vivem muyto; mas nenhum delles tem mais de dous dentes, nem os mudam, senão ha muyta cantidade delles; e, o que mais he, que as femeas nam tem dentes, e algumas os tem de palmo, nam mais. Nesa Etiopia matam os cafres os elefantes pera lhe comer a carne crua, e nos venderem os dentes; e isto he com armadilhas de arvores, e de outras muytas maneiras, que he de presumir que ha mais elefantes em a Etiopia do que ha vacas em Europa.

RUANO

De que doença morrem os elefantes, e de que servem nestas terras?

ORTA .

Elles sam muito melancolicos, e am muyto medo, mais de noyte que de dia; e quando dormem de noite, parece



que veem cousas temerosas, e soltamse; por onde a maneira de curar isto, he que dormem os seus naires em cima delles; sempre lhe estão falando porque nam durmam. Tem camaras muytas, muytas vezes, outras vezes tem ciumes muyto fortes, que caem em muy grande furia, e quebram as cadeas, e fazem muyto mal por onde pasam; isto curam os naires, levandoos ao campo, dizendolhes mil injurias, e reprendendoos de seu pouco siso; e asi pera isto e pera outras cousas tem mézinhas particulares de qua da terra. E quanto he o serviço delles, alem de trabalho de acarretar e mudar a artilharia de huma banda pera outra, servem os reis na peleja; e ha rey que tem mil elefantes, e outros menos, e outros mais; vam á guerra armados, em especial na testa e peito, como cavallos encubertados; põemlhes as campainhas das ilhargas pendentes; e põemlhe nos dentes armas engastadas, da feiçam de ferros de arados; e põemlhe castellos emcima em que vam os naires que os regem, onde levam ganchos e bisarmas, e alguns aguora, de pouco pera qua, levam meos berços e panellas de polvora. Eu os vi já pelejar, e o mal que lhe vi fazer não he outra cousa senam pôr a gente em desordem; e fazela fugir ás vezes; dizemme que muytas vezes fogem, e que fazem mais desbaratos nos seus que nos contrairos; isto eu não no vi (5).

RUANO

Ha outra maneira alguma de pelejar delles?

ORTA

Si; mais isto he hum por hum com os seus naires, que os ensinam adestrandoos em cima delles; e he muy crua batalha, onde se ferem com os dentes, esgrimindo hum, emparandose o outro com seus dentes. Feremse mui bravamente, e muitas vezes se vem a daremse tam grandes golpes, hum a outro, com as testas, que cae hum delles morto no cham; e hum portuguez digno de fé me contou que vira morrer hum muy poderoso elefante de hum encontro que outro lhe deu. Tambem pelejam, embebedandoos; e fogem,



e tomão ás vezes hum homem na tromba e fazemno em pedações, o qual eu vi já algumas vezes.

RUANO

Diz Plinio que o sangue delle aproveita para muytas cousas, e o figado e a raspadura do marfim, isto he asi?

ORTA

Bem póde isso ser verdade, mas qua não se usa.

RUANO

Dizem que o elefante dorme com a elefanta, como homem com molher, contrario dos outros cadrupedes.

ORTA

O contrario diso he verdade, porque tem ajuntamento como os outros cadrupedes; nem diferem a mais, sómente que o macho se põe em huma barranceira mais alta, e a femea está mais baixa; isto me contaram Portuguezes dignos de fé. Eu vi já elefantes, mas não os vi ajuntar com elefantas em auto de gerar, sómente conto isto que ouvi.

RUANO

Tambem diz Plinio que a alma dos elefantes tira as serpentes dos seus lugares\*.

ORTA

Não sey parte diso, porque não o vi qua, nem ouvi.

RUANO

Tambem diz Plinio que o elefante, quando come o veneno, busca o azambujo pera se curar\*\*.

---

\* *Elephantorum anima serpentes extrahit*; o nosso auctor traduziu mal a palavra *anima*.

\*\* Li. 28o, cap. 8o (nota do auctor). É um evidente erro typographico; a phrase de Plinio: ... *occurrit oleastro huic veneno suo*, vem no lib. viii, 41, ou cap. 27 das mais antigas edições.



ORTA \*

Não o vi qua, e por isso não pude saber isso, nem ouvi que os ouvesse na Etiopia, onde os ha.

RUANO

Tambem escreve Plinio que os melhores elefantes e mais belicosos ha na Trapobana que na India.

ORTA

Se Trapobana quer dizer Çeilam, como alguns estimáram, os milhores sam de todos e os mais domaveis; e se quer dizer Çamatra\*\*, tambem os ha, mas nam sam tam bons como os de Çeilam. E muytas vezes cuidam os homens que huma cousa vem de huma terra, e vem de mais longe; asi como muytos cuidaram que o melhor lacre vinha de Çamatra, e por isso até oje lhe chamam *locsumutri*, e este bom lacre nam o ha, senam vem de Pegú; e asi póde ser dos elefantes de Çamatra.

RUANO

Sam capazes da lingoa da sua regiam, como diz o mesmo Plinio?

ORTA

Nam tam sómente da sua, senam da alhea, se lha ensinam; e os trazidos de Çeilam pera o Guzarate e o Decanim facilmente lhe fazem entender a lingoa os seus mestres; e alguns levaram a Portugal, que lhe fizerão entender portuquez; e asi o entendem alguns na India que vos amostrarei; e sam cubiçosos de gloria, que se lhe dizem que sam de elrei

---

\* Na edição de Goa falta a palavra «Orta»; e isto torna-se claro, porque se seguem as duas perguntas de Ruano. Faltam tambem as quatro palavras, que intercalei em italico, ou outras quaesquer com um sentido analogo. Orta responde naturalmente, que não poude verificar na India o que Plinio disse da Africa; e accrescenta, que lhe não consta haver *açambujos* na Ethiopia, onde ha elephantes.

\*\* Orta volta a fallar da identificação da Taprobana com Sumatra, ou com Ceylão; veja-se o que disse a pag. 18 e a pag. 233.



de Portugal, folgam muito, e tem vergonha do mal que fazem; sam agradecidos do bem que lhe fizeram; sam vingativos das injurias que lhe fazem; que já aconteceo em Cochim, porque a hum elefante deitou hum homem humas cascas de coquo, e lho quebrou na cabeça, guardou o bom elefante a casca do coquo na boca, e tendoa guardada em hum queixada, vendo o homem que lhe avia feito a injuria, lhe arremesou a casca do coquo com a tromba; e depois, veo em uso e rifam (como dizem os Castelhanos) dizerem os homens, ainda trago a casca do coquo na queixada, por dizerem ainda me alembra a injuria que me fizeram: e por aquesto podeis ver que tem memoria os elefantes.

RUANO

Tambem diz Plinio muytas cousas alem destas, scilicet, que tem guerra com o renoçerote sobre o pasto.

ORTA

Estes renoçerotes ha em Cambaia, onde parte com Bengala, e no Patane, e chamamlhes *ganda*: não sam tam bons no amansar como os elefantes, e per esta rezam nunca pude saber isto bem sabido; porém traz rezam que dous animaes tam grandes e feros se queiram mal naturalmente; e quando escrever do *licio* farei memoria deste animal, onde direi o que mais souber (6). E tambem diz Plinio, que com çumo de cevada posto na cabeça se lhe tira a dor que tem; mas a cevada nam a ha em Etiopia, onde vem a mór cantidade, e dos outros cabos ha somente em Bengala, e em Cambaia alguma pouca cantidade; por onde nam sei como se isto pôde esprementar, mas sei que aos mansos lhe poderia fazer proveito.

RUANO

Como se amansam e ensinão?

ORTA

Os novos com açoutes, e com vergonhosas palavras e fome, e boas obras e beneficios que lhe fazem, e bom tra-



tamento: os grandes me dixeram que em Pegú, pera os amansar, os metem em humas cazas grandes, de muitas portas pequenas; e dahi os ferem os que estam nas portas com azagayas e zargunchos, e logo se metem dentro, e quando se querem vingar de hum lhe sae o outro, isto lhe fazem até que esteem muy cansados e feridos, e mortos de fome muito; e entonçes lhe dizem, depois de muito feridos, que o que lhe fizeram foy feito porque nam cuydem que sam alguem; e que se lançem no cham, e que lhe faram beneficios de amigo; deitase o elefante no cham, e alli o lava o mestre; e elle, desque he lavado e untado com azeite, lhe dam de comer e cada ora lhe vem perguntar o que quer, e como está, e asi, com estes castigos e afagos, depois vayse fazendo manso e domestico (7). Estas cousas do elefante vos quis dizer, porque sam as mais certas, porque muytas outras conta Plinio; mas quero dizer o menos, e mais certo; porque pera a fisica isto sobeja que vos dixe.

SERVA

Está ahi miçer André milanês, o lapidairo.

ORTA

Dilhe que suba.

ANDRÉ MILANÊS

Beijo as mãos de vossa mercê.

ORTA

E nós as vossas.

ANDRÉ

Quereis vender a vossa esmeralda grande ou a pequena, porque ambas vos farei comprar; porque a mais pequena he mais fina.

ORTA

Tudo venderei, e volas darei ambas pera que as mostreis ao comprador somente; e isto confiarei de vossa fé, que as não amostreis mais que ao comprador, e ao seu conselheiro, tornandomas á mão logo, se as não comprar. E comtudo me



dizei se o tempo que estivestes em Pegú vistes caçar elefantes e domar elefantes?

ANDRÉ

Duas vezes: huma foy indo elrey e todo o reyno á caça, e seriam 200:000 pessoas o mais; e cercavão a caça, scilicet, fazendolhe çercos, e como foram pequenos os çercos, porque cada vez se faziam mais pequenos, tomaram grande multidão de veados e porcos e tigres, muytos vivos, e outros mortos a feridas.

ORTA

Deste modo vi fazer caça ao Nizamoxa, e tomar huma grande multidam.

ANDRÉ

Entonçes tiverão çercados 4:000 elefantes, scilicet, femeas e machos e pequeninos; e leixouos yr todos, e ficaramlhe 200, entre grandes e pequenos, por nam despovoar o monte; e isto eu vi, e os domaram, scilicet, os duzentos çercados de grosas traves, e cada vez eram mais pequenos os çercos, e mais fortes, até não aver mais largura, que quanto hum elefante podia caber; e ali por\* aquelas aberturas das traves muyto pequenas tomavam cordas grossas de *rotas* (que sam feitas de humas varas que se muyto brandem) e lhas lançavam aos pés, e outras nos dentes, que os faziam estar sem se bulir pera huma parte nem outra, e depois os cingiram com duas cordas pera cavalgarem nelles, e ferindoos bravamente, e elles chorando lagrimas que lhe eu vi, cavalgou em cada hum seu mestre; e metendo os pés pollas çintas lhe dizia que soubessem que se nam tinham siso que os feririam sempre, e os matariam de fome, e como consentissem na verdade, os untariam com azeite e lhes dariam de comer, e foram os lavar; tirando os fóra, a cada hum

---

\* Na edição de Goa está «alimpou», que de modo algum podia ter sentido; na errata manda substituir «ajuntou», que tambem não se percebe, e deve ser um erro. Com as palavras «ali por» a phrase torna-se mais clara; veja-se adiante a nota (8).



meteram entre dous mansos que os aconselháse, e deste modo foram todos domados.

ORTA

Eu já ouvi esta maneira de domar; mas de caçar nam cuidei que em Pegú e Çeilam aviam tantos; e agora me dizei outra alguma maneira de caçar, se sabeis.

ANDRÉ

Tinha elrey fama de hum elefante muyto grande, que andava no mato, e mandou lá elefantas muyto mansas e domesticas, e amestradas, dizendolhes que nam quizesem ter ajuntamento com os elefantes, senam prometendolhe primeiro que consentiriam como chegassem ás suas moradas: isto lhe davam por signaes a entender. E os elefantes, como as fêmeas lá foram, se vieram pera ellas; e tratando com ellas amores, vieram após ellas, e pascendo pollo campo até os meterem dentro em Pegú (que he grande cidade) e dalli se meteram em parte onde os cerraram; e leixaram por diante yr o outro, e as elefantas lhe tiraram, e ficou aquelle só da maneira dita, e foy domado pela maneira que acima dise (8).

RUANO

Yso está muy bem; porém diz Plinio\* que com o bulir dos dentes, e tascar os porcos, os elefantes tornam atrás e sam espantados?

ORTA

Já soube o contrairo diso; porque nas estrabarias dos elefantes ha porcos, e nam fazem caso delles: no mato da terra do Malavar ha muytos porcos, donde ha alguns elefantos, e não se diz que delles ajam medo. Verdade he, eu sei isto, o que diz Plinio, que avorecem os ratos muyto, porque onde dormem os elefantes, se ha ali ratos, dormem os elefantos com a tromba encolheita, porque lhe não morda ou pique nella; e polla mesma rezam avorecem as formigas. E v. m.

---

\* Livro 8, cap. 9 (nota do auctor).



tenha cuidado de me vender as minhas esmeraldas, e vamos comer. E não me tenhaes por leve por falar tanto nisto, que Mateolo Senense, homem douto, falou muyto do elefante, e não tantas verdades como eu contei.

---

NOTA (1)

Desde tempos muito antigos, pelo menos desde os tempos de Megasthenes, todos, os que observaram os elephantes, encareceram e louvaram a sua sagacidade. Plinio chegou a attribuir-lhes sentimentos de probidade, de prudencia e de justiça, qualidades raras mesmo no homem: *immo vero (quæ etiam in homine rara) probitas, prudentia, æquitas*. D'aqui a dar-lhes o uso da palavra não ía mais que um passo. De resto, a noticia sobre o elephante que fallou não é da lavra do nosso escriptor e da sua exclusiva responsabilidade. Damião de Goes refere tambem como *cousa muy certa*, que estando Diogo Pereira, homem nobre e digno de fé, na cidade de Bisanaga (Bijayanagar), viu ali um elephante escrever com a ponta da tromba; e, perguntando-se-lhe depois o que comêra, respondeu em voz clara: *arroç e bethelem* (betle).

(Cf. Plinio, viii, 1; Damião de Goes, *Chron. do felic. Rey D. Emanuel*, 275, Lisboa, 1619.)

NOTA (2)

A historia do elephante e do caldeireiro devia ser corrente na India, e contou-a tambem fr. João dos Santos com ligeiras variantes e um pouco simplificada. O mesmo fr. João dos Santos conta outras historias do elephante chamado *Perico*, e Damião de Goes algumas do elephante *Martinho*, que são mais ou menos analogas a esta, e á do elephante e da casca de coco, referida pelo nosso escriptor nas paginas seguintes (Cf. fr. João dos Santos, *Ethiopia oriental*, part. 1, livr. iii, cap. 15, Evora, 1608).

NOTA (3)

Os nomes vulgares, que Orta cita, são pela maior parte faceis de identificar:

— «Em arabio se chama *fil*, e o dente *cenalfil*...» Effectivamente o nome arabico é *فيل*, *fil*; e o dente chama-se *سن*, *sen* ou *cen*, d'onde *cen-al-fil*.



—«Em malavar *ane* . . .»; este é o nome mais vulgar nas linguas dravidicas da India meridional, *áne*, *ána*, *ánei*, em tamil, maláyalam e outras.

—«Ati» é, com uma simples e ligeira modificação orthographica, o nome escripto por Hunter, *hátí*, *hátíi*, *háthi*, e empregado por muitas tribus do leste e do centro da India.

—«Ytembo», na Africa; não encontrei este nome na rica nomenclatura africana, em que o elephante se chama *indhlovú*, *n'zamba*, *zou*, *jôu*, *li-tou*, *n,zo*vo e de outros modos; mas é bem possivel que *ytembo* fosse ou seja ainda conhecido sem eu o saber. Em todo o caso a palavra tem um certo *facies* africano.

Orta dá a distribuição geographica dos elephantes, de um modo que para o seu tempo devia ser muito exacto, posto que as cousas tenham mudado consideravelmente de então para cá. Tanto na Asia, como na Africa, os elephantes têm pouco a pouco recuado diante do homem; e regiões ha, onde eram numerosos no começo do nosso seculo, e hoje se não encontra um só.

Em primeiro logar, refere-se ao grande numero de elephantes que então havia na Africa, dizendo-nos, que da parte da costa entre Sofala e Melinde se exportavam annualmente para a India seis mil quintaes de marfim, uma exportação a que já se referira antes d'elle Marco Polo, e se referiram depois d'elle fr. João dos Santos e muitos outros. Se attendermos á enorme mortandade d'aquelles animaes, que se tem feito nos seculos seguintes e particularmente no nosso, não parecerá exagerada a sua phrase, de que deviam ser ali mais numerosos do que «vacas em Europa», uma phrase que —seja dito de passagem— parece occorrer naturalmente aos nossos escriptores; fr. Gaspar de S. Bernardino diz do mesmo modo: . . . «os quaes affirmam serem mais que as Vacas em Eúropa» (*Itin. da India por terra até este reino de Portugal*, 37 v., 1611).

Em relação á India, diz-nos Orta, que os elephantes se encontravam no Malabar, Orissa, Bengala, Patane, e parte oriental dos estados do «Cotamaluquo», isto é, do reino de Golconda. Deve advertir-se que *Patane* não significa n'esta passagem o Afghanistan; mas as terras de Behar, no valle medio do Ganges, como já notámos no *Coloquio decimo*. Vê-se, que elle indica quasi todo o planalto, que descêe dos Ghates occidentaes para a costa do golpho de Bengala e valle do Ganges, onde então deviam existir grandes florestas e largos tractos de terrenos incultos e de *jungles*, pelos quaes vagueariam numerosas manadas de elephantes, que em tempos mais modernos têm desaparecido ou diminuido consideravelmente.

Aponta a abundancia em Ceylão de elephantes «muy doutrinaveis»; no que está perfeitamente de accordo com o que disse Plinio, sobre a intelligencia do elephante da Taprobana; e com o que repetiu nos



nossos dias sir Emerson Tennent, sobre a facilidade com que se amansam e aproveitam os d'aquella ilha, tanto na propria ilha, como na India, para onde são levados em grande numero<sup>1</sup>.

Nota tambem, mais adiante, a existencia de elephantes em Sumatra, no que prova quanto andava bem informado, pois Sumatra é o unico ponto do archipelago Malayo onde elles se encontravam, pelo menos em abundancia<sup>2</sup> (Cf. Crawford, *Dict.*, 135).

Falla-nos por ultimo nos elephantes de Pegu, Martabão e Sião; no que continúa a ser exacto, pois todas aquellas terras da Indo-China eram, no seu tempo, uma das regiões do globo em que existia maior numero d'estes grandes pachydermes, tanto no estado selvagem como domesticados. A proposito de Sião, menciona naturalmente o famoso elephante branco, cuja existencia os portuguezes conheciam, e que haviam mesmo verificado muitos annos antes. Segundo conta Gaspar Corrêa, quando Simão de Miranda foi a Sião, no anno de 1511, o rei mandou-lhe mostrar as cousas notaveis da cidade, «... e hum alifante branco que tinha, porque era por todas as partes nomeado por senhor do alifante branco, que outro nom havia» (*Lendas*, II, 263).

Como se vê, não escapa á enumeração do nosso escriptor terra alguma em que se criassem então aquelles notaveis animaes.

#### NOTA (4)

Esta noticia de Orta sobre a grande quantidade de marfim que se trabalhava em Cambaya, é confirmada e explicada por Duarte Barbosa nas seguintes phrases, pelas quaes se vê bem o que era a «polícia» de Orta:

«Nesta cidade se gasta grande soma de marfim, em obras que nela fazem muyto sotis e marchetadas, e outras obras de torno, como saom manilhas, cabos dadaguas, e em tresados, jogos demxadrex, e tavolas, porque ha hy muy deliquados torneiros que fazem tudo; e muytos ley-tos de marfim, de torno, de muy sotis obras, e contas de muytas maneiras ...» (D. Barbosa, *Livro*, 286).

---

<sup>1</sup> No fim do *Coloquio da Canella*, Orta tinha dito: que todos os elephantes das outras regiões guardavam respeito e obediencia aos de Ceylão. Isto era uma velha crença, que, apesar de não ter fundamento, foi muitas vezes repetida, nomeadamente pelo viajante francez Tavernier.

<sup>2</sup> Disse-se tambem, mas com alguma duvida, que os havia igualmente em Borneo, só em parte da ilha e em pequena quantidade. Os elephantes de Ceylão e de Sumatra apresentam varias diferenças osteologicas do da India (*Elephas indicus*, Cuv.); e são considerados por alguns naturalistas como uma especie particular, *Elephas sumatranus*.



## NOTA (5)

É bem conhecido de todos, o facto de se terem empregado regularmente na guerra os elephantes, não só os *asiaticos*, que ainda hoje se domesticam facilmente, como também os *africanos*, que desde tempos muito antigos deixaram de ser domados; e este assumpto tem sido tratado variadas vezes, e foi mesmo o objecto de um livro especial (Armandi, *Hist. militaire des elephants*).

Fallando da Índia, lembram-nos logo os elephantes de Poro, e o terror que a sua vista causou aos cavallos dos soldados de Alexandre na batalha do Hitaspis. Eram duzentos, collocados na frente das tropas indianas, de cem em cem pés; e, no mais acceso da refrega, os soldados de Poro acolhiam-se junto d'elles, *ad elephantos tanquam ad amicos muros confugiunt*; de modo que a batalha tomava um aspecto singular, e diverso do de todas as outras, *eratque hæc pugna nulli priorum certamine similis*. Depois de Poro, e até ao tempo de Orta, os elephantes continuaram a entrar regularmente na composição dos exercitos asiaticos; e na grande batalha de Panipát (1526), as forças de Dehli contavam —segundo Gaspar Corrêa— «oitocentos alifantes», numero que não é exagerado, e o proprio commandante das tropas mongoes, Báber, calculava em proximamente mil.

(Cf. *Arriani de exp. Alex. Magni*, 339 et seqq. versão de N. Blancardo; *Lendas*, III, 573; Erskine, *Hist. of Báber*, I, 434).

Orta não nos dá, portanto, novidade alguma em relação ao emprego militar dos elephantes; mas dá-nos uma indicação muito interessante sobre a sua adaptação, então recente, á nova arte da guerra, «aguora de pouco pera qua levão mēos berços e panellas de polvora». Era a combinação da polvora e da artilheria com o elephante.

Nos combates com os portuguezes, os elephantes não figuraram muito a miudo, porque esses combates se localisaram geralmente nas terras do litoral, ataques e defezas de praças, em que mal podiam ser empregados. Comtudo, em algumas occasiões, os nossos soldados encontraram-se face a face com elles; e parece que ao principio com certo receio. Na tomada de Malaca, andavam pela rua dez elephantes: . . . «estavão muitos mouros e El Rey com os alifantes, que remeterão com os nossos com grandes bramidos por fazer espanto, de que os nossos ouvirão temor e nom forão adiante». Tornou-se necessario, que Fernão Gomes de Lemos, Vasco Fernandes Coutinho e D. João de Lima dessem o exemplo, atacando-os ás lançadas pelás trombas, para que os soldados cobrassem animo (*Lendas*, II, 240).

O nosso Orta, porém, diz que os viu pelejar; mas não diz onde. Talvez em alguma guerra interior, entre principes mussulmanos e hindús, a que elle acompanhasse o seu amigo Buhrán Nizam Schah. Em todo



o caso descreve acertadamente a sua acção, dizendo que os não viu fazer mais do que lançar a confusão nas fileiras do inimigo. Refere-se também ao perigo que havia na sua debandada, quando, feridos e aterrados, fugiam, e contribuíam para a derrota do proprio exercito. Isto é evidentemente uma reminiscencia das suas leituras. Arriano conta, que assim se terminou a batalha do Hitaspis; e Plinio dá a mesma noticia de um modo geral: *vulneratique et territi retro semper cedunt, haud minore partium suarum pernicie*. É sem duvida a estas noticias classicas, que o nosso escriptor se reporta; mas, com os seus escrúpulos habituaes, acrescenta: «isto eu não no vi» (Cf. Arriano, l. c.; Plinio, VIII, 10).

## NOTA (6)

Quando Orta, no *Coloquio trigesimo primeiro*, volta a fallar da ganda, ou rhinoceronte, dá a noticia, aliás bem conhecida por outras fontes, de que el-rei D. Manuel mandou um d'estes animaes de presente ao papa. Como o presente da ganda se liga com o de um elephante, mandado ao mesmo papa Leão X, procuraremos n'este lugar, como e quando foi a remessa dos dois grandes e então quasi desconhecidos pachydermes.

Alguns dos nossos escriptores, menos bem informados, dizem que D. Manuel mandou juntamente . . . «hum Elefante e huma Abada, que forão os primeyros que em a cidade de Roma se viram do Oriente». A noticia não é absolutamente exacta, porque os dois animaes foram separados.

Primeiro foi o elephante, e a sua chegada a Roma tomou as proporções de um grande acontecimento — foi um *succêso*, como hoje se diria. Nos tempos aureos da antiga Roma haviam-se visto no Circo muitos elephantes; e Plinio conta, que só no triumpho de L. Metello figuraram 140, tomados aos carthaginezes. Depois d'isso vieram muitas vezes ao Circo, onde se fizeram crueis hecatombes d'aquelles grandes e pacificos animaes. Não sei, se entre todos os elephantes trazidos a Roma, se não encontraria um unico asiatico — uma opinião, a que nos referiremos adiante. É natural que algum ali viesse; mas é certo que a maior parte, ou quasi totalidade, devia vir da Africa, onde os elephantes eram então numerosissimos, e se encontravam muito mais ao norte do que hoje<sup>1</sup>. Fosse como fosse, já nos ultimos tempos do Imperio se viram menos na Europa; e depois, durante a Idade-media, tornaram-se rarissimos. Podemos apenas apontar um ou outro; como foi aquelle que o

---

<sup>1</sup> Segundo Sir Emerson Tennent, os elephantes trazidos por Pyrrho á Italia eram asiaticos; mas posteriormente quasi todos os que vieram a Roma deviam ser africanos.



grande khalifa Harun-er-Raschid mandou a Carlos Magno no anno de 802; e o que S. Luiz, rei de França, enviou a Henrique III de Inglaterra no anno de 1255. Como se vê d'estes exemplos, o presente de D. Manuel era digno do faustoso rei que o mandava, e do faustoso pontifice que o recebia (Cf. *Benedictina lusitana*, II, 385; Plinio, VIII, 6; *Annales Francorum*, A. D. 810; Tennent, *Ceylon*, II, 295).

O elephante fazia parte do riquissimo presente, levado por Tristão da Cunha na conhecida embaixada do anno de 1514, no qual entravam outros animaes: um cavallo «persio» mandado a D. Manuel pelo rei de Hormuz; e uma onça de caça, ou *chitá*. Todos os historiadores do felicissimo rei, como Damião de Goes e Jeronymo Osorio, descrevem miudamente a entrada em Roma da embaixada; mas as relações mais interessantes e vivas são sem duvida alguma as que se encontram na carta do dr. João de Faria, e na de Nicolau de Faria, estribeiro pequeno d'El-Rei, o qual levava especialmente a seu cargo os animaes. Este conta todos os trabalhos que passou para desembarcar o elephante, e para o levar depois até Roma. A curiosidade de o ver era intensa. As estradas estavam apinhadas de gente. Uma noite, vieram dez ou doze condes e duques, com tochas, examinar o monstruoso e desconhecido animal. Em outra occasião, o povo chegou a destelhar a estrebaria, onde o tinham alojado, para o contemplar á vontade. Pelos caminhos viam-se «senhores e bispos e molheres em mulas», que vinham ao seu encontro; e já proximo de Roma vieram «as irmans do papa com muytas molheres fremosas». Quando se tratou de apparellhar e ataviar o elephante para a entrada solemne, o apertão era tal, que o papa teve de mandar a sua guarda suissa para fazer a policia: «a guarda dos soíços toda». Afinal conseguiram vestir o elephante; Nicolau de Faria ficou satisfeito com o seu aspecto, e escreve a D. Manuel: «hia tanto fre-moso, sendo muyto fêo, que hera cousa gentil de ver».

Na pomposa passagem de Tristão da Cunha pelas ruas de Roma, o «fremoso» animal atrahia todas as atenções; e quando chegou onde estava o papa portou-se admiravelmente; fez as suas reverencias, e, tomando agua perfumada em uma dorna que ali estava, borrifou o pontifice e o sagrado collegio dos cardeaes. Depois voltou-se para o povo, e aspergiu-o com menos respeito e mais agua: *in plebem deinde conversus, eam aqua, quasi ludum exhibere vellet, immodice perfudit*, diz-nos Jeronymo Osorio, no seu impeccavel latim. Nicolau de Faria ficou radiante; o elephante encheu-lhe as medidas, excedeu-as mesmo: ... «fez cousas maravilhosas, e muyto milhores do que cuidei, nem do que esperava», escrevia elle nos dias seguintes a D. Manuel. Leão X tam-bem estava contentissimo: ... «mais risonhoso que hum minino.»

Como fosse necessario apagar as glorias da antiga Roma, procura-ram averiguar se todos os elephantes, que ali vieram nos remotos tem-pos da Republica e dos Cesares, procediam da Africa, e parece que



chegaram a esse convencimento: tomou-se «conclusam perante o papa que nunca vêo nenhum da India senam este», escrevia a D. Manuel um dos secretarios da embaixada, o Dr. João de Faria. O mesmo João de Faria resumia assim as suas impressões sobre a vinda do elephante: ... «e certo foy grande consideração de vosa alteza mandalo a Roma, porque triunfou da India aquelle dia em Roma, e nom era obediencia mas triunfo de vosa alteza que entrou em Roma».

(Cf. Damião de Goes, *Chronica*, 233 v.; H. Osorio, *De Rebus Emanuelis*, 346, Olysippone, 1571; Carta do Dr. João de Faria de 18 de março de 1514, e carta de Nicolau de Faria da mesma data, no *Corpo dipl. port.*, 1, 234 a 242, Lisboa, 1862.)

O rhinoceronte veiu mais tarde e foi menos feliz. No anno de 1513 — Garcia da Orta diz 1512 — Affonso de Albuquerque mandou Diogo Fernandes de Béja ao rei do Guzerate, que então era Muzaffar Scháh, pedir-lhe permissão para construir uma fortaleza em Diu, o constante desejo dos portuguezes. Muzaffar, menos imprudente que o seu successor Bahádur, recusou; mas, para não romper com o impetuoso governador, envolveu a recusa em muitos protestos de amisade, e em paga do rico presente que recebêra enviou tambem um presente, no qual entrava o rhinoceronte. Este animal não era raro nas provincias centraes e septentrionaes da India; mas não tinha sido visto até então pelos portuguezes de Goa. Gaspar Corrêa descreve-o com muita exactidão: «... era alimaria mansa, baixa de corpo hum pouco comprido, os coiros, pés e mãos d'alifante, a cabeça como de porquo comprida, e os olhos juntos do focinho, e sobre as ventas tinha hum corno, grosso e curto, e delgado na ponta; comia herva, palha, arroz cosido». Por esta ganda<sup>1</sup> ou rhinoceronte ser um animal estranho e raro, Affonso de Albuquerque determinou mandal-o a D. Manuel, sabendo quanto este estimava todas as curiosidades orientaes.

Chegou a salvamento a Lisboa, onde ficou na *ménagerie* de D. Manuel até ao anno de 1517. N'esse anno o rei quiz ver uma lucta entre o rhinoceronte e um elephante que então tinha. Lembrava-se dos espectaculos da velha Roma, ou do que lhe contavam os portuguezes de torna viagem ácerca dos habitos dos grandes monarchas orientaes; e queria tambem verificar a antiga e persistente lenda sobre o odio, que se suppunha existir entre os dois grandes herbivoros. No mez de fevereiro do anno de 1517, em um pateo que então havia diante da casa da contratação da India, pozeram os animaes em face um do outro. O rhinoceronte accommetteu o elephante; mas este, que ainda era novo,

---

<sup>1</sup> Ganda lhe chamaram os portuguezes, do nome indiano *gainda*, *genda*, *ganda*. O nome de *abada* ou *bada*, dado ao mesmo animal e ainda conservado na designação commercial das *pontas de abada*, é de origem pouco clara.



possuiu-se de tal medo, que arrombou as grades de ferro de uma janella baixa, e fugiu até á sua estrebaria habitual, dando urros e bramidos, e deixando o rhinoceronte senhor do campo. Pouco depois, D. Manuel mandou este ultimo a Leão X. No mez de outubro do anno de 1517 embarcaram-no em uma nau, commandada por João de Pina, com destino aos portos da Italia. A nau tocou em Marselha, onde então se achava Francisco I—parece que o rhinoceronte estava destinado a ser visto pelos homens mais salientes do seculo xvi. Effectivamente foi desembarcado a pedido do rei; e, embarcando de novo, a nau seguiu a sua derrota, indo perder-se nas costas da Italia. A grande baixella e todo o riquissimo presente, destinado a Leão X, foi ao fundo; e o rhinoceronte afogou-se, mas veio dar á praia. Tiraram-lhe então a pelle, que encheram de palha e levaram ao papa; e assim terminou o rhinoceronte do rei de Cambaya a sua accidentada existencia.

(Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, II, 373; Damião de Goes, *Chron.*, 276 e 277.)

## NOTA (7)

Este modo de amansar os elephantes captivos —logo veremos o modo de os capturar— é ainda hoje seguido nos seus traços geraes.

Sir Emerson Tennent, no seu livro sobre Ceylão já tantas vezes citado, descreve os processos seguidos n'aquella ilha; e, do mesmo modo que Orta, falla da successão de mau e bom tratamento com que conseguem domar os mais rebeldes. Emquanto o elephante procura atacar com a tromba, os homens que o rodeiam ferem-no com o *hendu*, que é um longo pau, terminado por uma ponta de ferro aguçada, tendo ao lado outra ponta recurvada á maneira de um croque —os «zargunchos» de Orta. Logo, porém, que elle começa a ceder, passam a affagal-o, cantando-lhe cantigas doces, entremeadas de exclamações amigaveis: Oh! meu pae! Oh! meu filho! Oh! minha mãe! segundo o sexo e idade do animal. Circumstancia curiosa, esta pratica de cantar aos elephantes é antiquissima, e já foi mencionada por Arriano, que provavelmente copiou a noticia de Megasthenes: *Indi circumstantes tympanorum ac cymbalorum pulsu cantuque eos exhilarant ac demulcent*. É, como se vê, a mesma mistura de «castigos» e de «afagos», de que falla o nosso escriptor (Cf. Tennent, *Ceylon*, II, 383; Arriani *Indica*, p. 536).

O que Orta nos disse antes sobre as doenças dos elephantes, tambem é interessante e exacto. Aquelles grandes pachydermes são sujeitos a variadas e graves enfermidades, e ha na India, e em geral no Oriente, uma numerosa classe de medicos ou alveitares de elephantes, usando de uma materia medica especial. Sir Emerson Tennent diz, que, nos primeiros tempos de captiveiro, elles morrem muitas vezes de desalento, de desgosto, ou, na intraduzivel expressão ingleza, *broken heart*;



e isto lembra a phrase de Orta de que são «muito melancolicos». Quanto aos «ciumes», que os fazem cair em «muy grande furia», é este um estado perfeitamente conhecido, em que o elephante se torna, o que no Oriente chamam *must*. O elephante *must*, o que lhe succede sobretudo na epocha do cio, passa da extrema docilidade a ser um animal perigosissimo. No livro de Mason sobre o Burmá se podem ler algumas aneddotas curiosas ácerca dos encontros pouco agradaveis com elephantes n'aquelle estado. Ali se diz, que o melhor modo de tratamento consiste em os largar algum tempo na floresta: *a better plan when practicable, is to turn the animal loose in the forest, near water, whence, if a female elephant is tethered near him, he will never wander far, and may soon be reclaimed*. Esta noticia moderna coincide de uma maneira notavel com a indicação de Orta de que os seus Naires os levavam «ao campo», quando os viam assim excitados.

(Cf. Tennent, *Ceylon*, II, 386; Mason, *Burma its people and productions*, I, 449, enlarged by W. Theobald, Hertford, 1882.)

#### NOTA (8)

O modo de capturar os elephantes, na India e outras terras orientaes onde abundam ou abundavam, não tem variado essencialmente desde os tempos mais remotos de que temos noticia. Ha muitos pontos de semilhança entre as grandes caçadas, de que trata o nosso Garcia Orta e depois d'elle varios escriptores mais modernos, e aquellas que minuciosamente descreveu Megasthenes na sua *Indica*<sup>1</sup>.

Segundo a versão de Arriano, que pouco differe da de Strabão, os indianos escolhiam um terreno plano, nas proximidades das florestas frequentadas pelos elephantes, e abriam ali uma larga valla, que encerrava um grande espaço, deixando apenas como passagem para o interior uma ponte estreita. A terra, retirada da valla, reforçava-a com uma especie de vallado alto, em que elles praticavam escavações onde ficavam vigiando. Feito isto, collocavam dentro do recinto algumas femeas mansas; e, chegando a noite, as manadas de elephantes bravos, que ali as sentiam, procuravam a entrada, e vinham ter á ponte, coberta e dissimulada com terra e palha. Apenas entravam, os caçadores corriam a retirar a ponte, e a dar aviso ás aldeias proximas. Esperavam então alguns dias, para que a manada captiva se enfraquecesse com a fome

<sup>1</sup> O livro de Megasthenes perdeu-se, mas foi tantas vezes citado e extractado por Arriano, por Strabão, por Aeliano e por outros, que é possível reconstruilo em parte. Esta recensão dos fragmentos da *Indica* foi feita pelo dr. Schwanbeck; e eu cito pela versão de Mac Crindle, publicada no *Indian Antiquary*, vol. VI, (1877), p. 112 e seguintes.



e a sêde, e entravam depois no recinto, montados nos seus elephantes mansos, os mais fortes e adestrados, com a ajuda dos quaes conseguiam ligar os prisioneiros. Seguia-se o processo de os domar, em que intervinham os cantos e toques de timbales, a que nos referimos na nota anterior.

Do mesmo modo que nos processos mais modernos, o fim era encurrular a manada brava em um recinto fechado. Recorria-se, porém, a um artificio diverso das grandes batidas, talvez porque os elephantes fossem então mais abundantes e menos suspeitosos, e tambem porque a população devia ser muito menos densa.

Posteriormente adoptaram-se os dois methodos, mencionados pelo nosso escriptor. Por um d'esses methodos, podem capturar-se os elephantes machos isolados, empregando as femeas mansas; mas as cousas não se passam exactamente como conta micer André Milanez, ou antes Garcia da Orta. As femeas, chamadas *kumkis*, não vão sósinhas á floresta, vão montadas pelos seus *mahuts*; e são estes que ligam o elephante macho adulto, ou *gundah*, quando elle está entretido, e entalado entre duas ou melhor tres femeas. Em toda a operação, que é perigosa e exige uma grande coragem e uma grande dextreza, os caçadores são ajudados pelas *kumkis*, com muita intelligencia; mas vae longe d'essa intelligencia áquelle processo de seducção consciente e encommendada, que descreve o nosso escriptor. Este, ou antes os seus informadores, juntaram um pouco de phantasia ao modo por que as cousas se deviam realmente passar. Em todo o caso, aquelle methodo de caça foi seguido em varias regiões orientaes. No fim do seculo passado (1790), Corse descreveu-o como regularmente praticado na região de Tipura, situada a leste do Ganges, e, portanto, já nos confins da Indo-China, e não muito longe d'aquellas terras de Pegu, d'onde vinha o lapidario italiano. E um seculo antes (1681), Knox diz que era tambem usado em Ceylão. O nosso João Ribeiro dá igualmente a descripção de um modo de capturar os elephantes na ilha de Ceylão, em que intervinham as femeas chamadas ali *aliás*; mas em que o papel principal era representado por um elephante macho domestico, o famoso *Ortelá*.

O outro methodo, descripto por Orta, consistia em fazer grandes batidas, pelas quaes as manadas eram obrigadas a entrar em recintos, fechados por estacarias fortes, capturando-se assim machos e femeas de todas as idades. É este um methodo muito conhecido, e vem minuciosamente descripto por Corse, para o periodo e região acima citados. O recinto, chamado *keddah*<sup>1</sup> no Bengala, consta de tres grandes espaços circulares, unidos por corredores. Na extremidade ha um cor-

<sup>1</sup> *Keddah*, ou *khedā*; de *khednā*, caçar ou perseguir.



redor ultimo, que vae estreitando a ponto de o elephante se não poder voltar quando ali entra. E os homens, collocados pela parte de fóra dos troncos e traves fortes, que limitam aquella especie de funil, conseguem então laçal-o e ligal-o. É evidentemente esta operação que o nosso escriptor pretendeu descrever, posto que as suas phrases sejam um tanto confusas, alem de estarem deturpadas pelos erros typographicos. Tanto Tennent, como Corse, descrevem as cordas com que os elephantes são atados, e que, como bem se póde imaginar, devem ser fortissimas. O material varia, havendo cordas de cairo, outras de couro de veado entrançado, e devendo havel-as tambem das «rotas» de que Orta falla, sobretudo nas terras de Burma e de Pegu, onde são frequentissimas as especies de *Calamus*, chamadas *rotangs* ou *rattans*.

Notaremos de passagem, que as grandes batidas aos elephantes, hoje usadas tambem em Ceylão, não se faziam antigamente n'aquella ilha. Parece, que a introdução ou generalisação ali d'este methodo de caçar é devido aos portuguezes; e o recinto, chamado na India *keddah*, recebe ali o nome de *korahl*, ou *corral*, que é evidentemente a palavra portugueza *curral*.

Em resumo, vemos que as affirmações do nosso escriptor, á parte pequenas exagerações em uma ou outra circumstancia, são conformes com tudo quanto nos dizem outros escriptores.

É ainda de notar, que Orta não nos falla de caçadas feitas nas regiões occidentaes da India, e pelo contrario nos diz explicitamente, que não domavam os elephantes do Malabar. Vê-se, pois, que já no seu tempo estes não deviam ser muito numerosos. Quando quer descrever as grandes batidas, introduz no *Coloquio* um novo personagem, um italiano, negociante em pedras preciosas. Este micer André, real ou inventado, traz-lhe noticias de longe, das terras situadas para alem do Ganges, nas quaes os elephantes eram e continuaram a ser abundantissimos. Póde parecer e é talvez exagerado aquelle numero de 4:000 elephantes, cercados por 200:000 pessoas. É certo, porém, que o delta do Irravaddi, e todo o seu valle com as montanhas vizinhas, se podem contar entre as regiões onde os grandes pachydermes foram mais numerosos; e que, por outro lado, os reis de Pegu e outros reinos proximos governavam provincias densamente povoadas, e dispunham arbitraria e despoticamente do tempo e dos serviços dos seus subditos.

(Cf. os fragmentos de Strabão e de Arriano, no *Ind. Antiquary*, vi, 239; John Corse, *An account of the method of catching wild elephants at Tipura*, nas *Asiatic researches*, iii, 229; Mason, *Burma*, i, 447; Knox, *Hist. relation of Ceylon*, i, cap. vi, p. 21, 1681; Tennent, *Ceylon*, ii, 335 a 377; Yule e Burnel, *Glossary*, palavras *elephant*, *keddah*, *corral*; Ribeiro, *Fatalidade historica*, nas *Not. para a hist. das nações ultramarinas*, v, 49, Lisboa, 1836.)



## COLOQUIO VIGESIMO SEGUNDO

DO FAUFEL E DOS FIGOS DA INDIA

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do que chamam em Portugal *avelam da India* falemos, pois me dixestes no *betre*\* que he muyto usada ácerca de todos; porque nós pouco usamos della; antes falando a verdade comvosco nunca a vi, porque em lugar della pômos *sandalo vermelho*.

ORTA

He qua mantimento comum pera comer, mesturado com o *betre*; e nas terras onde nam ha *betre* tambem se usa por masticatorio com cravo. Ao que dizeis que lá em seu lugar deitam *sandalo vermelho*, não me parece bem, pois em seu lugar deitam huma mézinha, que muytas vezes se falsifica, e deitam hum páo vermelho por ella lá, porque como o *sandalo vermelho* careçe de cheiro, e nam o ha em Timor donde vem o outro, como vos direi falando nelle, he muyto máo de desçernir entre hum páo e outro; e mais val esta *areca* menos, e não se corrompe. E a rezam porque se nam leva a Portugal de qua, he porque não a pedem os boticairos, que nem elles nem os fisicos sam tam curiosos que a peçam, mas era rezam que lha lançassem em casa, como carne de touro. E pois a vistes já, querovos dizer os nomes nas terras onde nasce: acerqua dos Arabios *faufel*, postoque

---

\* Orta suppõe ter inserido o *Coloquio do betre* no seu logar alphabetico; mas deixou de o fazer, e dá-o no fim do livro. Pelos motivos, que veremos ao diante, conservâmos-lhe a mesma situação.



Aviçena\* lhe chame corruptamente *filfel*, e asi lhe chamam em Dofar e Xael, terras da Arabia, scilicet, *faufel*, e ha nestas terras da Arabia muyto boa, postoque he pouca; e no Malavar lhe chamam *pac*; e os Naires (que sam os cavaleiros) *areca*, he donde os Portuguezes tomarão o nome, por ser terra primeiro conhecida de nós, e ha y muyta quantidade; e os Guzarates e os Decanins a chamam *çupari*; e estes tem muyto pouca, somente na fralda do mar, e he muyto boa essa que ha em Chaul, porque he mercadoria pera Ormuz; e melhor he a de Mombaim, terra e ylha de que elrei nosso senhor me fez merce, aforada emfiatota. E em todas as terras de Baçaim he tambem muyto boa; e levase dahi pera o Decam; e a de Cochim tambem, scilicet, huma preta e pequena que chamam *chacani*, muito dura depois de sequa; e em Malaca ha *areca* pouca, mas abasta á terra, chamase *pinam*; e em Çeilam ha mayor quantidade della, que farta a huma parte do Decam, scilicet, a terra do Cotamaluco e a Bisnaga: e de Çeilam a levam a Ormuz e a Cambaia, e ás ylhas de Maldivas; e em Çeilam lhe chamam *poaz*.

## RUANO

Diz Serapio que as terras da Arabia careçem desta *areca*.

## ORTA

Verdade diz por a maior parte, porque a Arabia he grande, e nam a ha mais que em Xael e em Dofar, portos do mar; porque esta arvore ama o mar, e longe delle nam se cria; porque se se criasse, nam a leixariam de plantar; porque os Mouros e Gentios nenhum dia passam sem a comer; e os Mouros e Moalis (que sam os que seguem a ley contra Mafamede) guardam dez dias de huma sua festa ou jejum; quando diz que cercados em huma fortaleza morreram os filhos do Ali, genro do Mafamede; em dez dias que elles

---

\* Avicena, lib. 2, cap. 262 (nota do auctor).



forão cercados, dormem no chão e não comem *betre*, e nestes dias mastigam *cardamomo* e *areca*, tanto em uso tem o mastigar pera purgar o estomago e cerebro.

## RUANO

Já me dixestes com que mesturam o *betre*; porém dizeime agora como entram as mézinhas, se pera ajudar, se pera re-tificar.

## ORTA

O *betre* he quente, como vos dixei, e a *areca* he fria e temperam\*; e a cal he muyto mais quente, postoque elles nam usam pera o *betre* desta nossa cal de pedra, senão de huma feita de cascas de ostras, que não he tam forte. Com esta *areca* se mesturam estas mézinhas que vistes, porque hé fria e seca, e muyto mais seca quando não he seca ao sol; e lançamlhe o *cate*, que he huma mézinha de que ao diante vos farei mençam; porque, asi ella como o *cate* sam boas mézinhas pera apertar as gengivas, fortificar os dentes, e confortar o estomago; e pera a emotoica, e pera vomito e camaras. Tambem o arvore donde se colhe he direito e muito esponjoso, e as folhas delle são como as da nossa palmeira; he este fruto semelhante á *noz noscada*, e não he tam grande, e muyto duro per dentro, e tem veas brancas e vermelhas; he do tamanho das nozes pequenas redondas com que os moços jogam; nam he perfeitamente redondo, porque faz o asento de huma banda de modo que se póde ter; mais isto nam acontece em todos os generos de *areca*, porque vos nam enganeis. Cobrese este fruto com huma corteza muito lanuginosa, e amarela por fóra, que parece muito ao fruto das *tamaras* quando está maduro, e antes que seja seco; e quando esta *areca* he verde he estupefativa e embebeda, porque os que a comem se sentem bebedos, e comemna por nam sentir a dor grande que tem.

---

\* Isto é, «temperada».



RUANO

Como a comem estas gentes indicas, ou como fazem as misturas?

ORTA

O comum faz a *areca* em pedaços meudos, com humas tesouras grosas que tem pera iso, e asi a mastigam, juntamente com o *cate*, e logo tomam as folhas do *betre*, tirandolhe primeiro os nervos com a unha do dedo polegar, que pera iso tem feita em ponta delgada; e isto lhe fazem por ser mais tenro; e asi mastigam tudo juntamente, e o primeiro que fazem, botam fóra o que primeiro mastigão, se tem muyto *betre*, e tomão outras folhas, e fazem outros masticatorios, e lanção hum cospinho, que parece sangue; e asi purgão a cabeça e o estamago e confortão as gengivas e dentes; e sempre andam mastigando este *betre* até que se enfadam; e as mulheres mais que os homens. E os senhores fazem da *areca* humas pirollas pequenas, e com ellas misturam *cate* e *camfora* e *pó de linaloes* e algum *ambre*; e desta feiçam he a *areca* dos senhores. Diz Serapio\* que no sabor se sente quentura com alguma amaridão: provei esta, e he como hum pão estetica, sem sabor ou casi. Serapio nam conheceo esta *areca*, e se a conheceo não a provou.

RUANO

O Silvatico diz que a vio, e que a trazia misturada na *canella* de Calecut, e que veo ay por acerto.

ORTA

Podia ser que os Mouros de Calecut a levasem pera o Estreito; e porém pois hia com a *canella* misturada, nam era senam de Çeilam; e a de Calecut, como dixe, he muita della preta, a que chamão *checani*; e a de Ceilam he branca, se a viram, bem se podia conhecer.

---

\* Serapio, ca. 345 (nota do auctor).



RUANO

Sabeis que aproveita pera alguma cousa, alem das já ditas?

ORTA

Eu mando estillar esta agoa, e em secreto uso della pera curar as camaras colericas, e achome bem (1).

RUANO

Isto pouco me aproveita; pois em Espanha nam a ha verde, pera se estilar; e portanto comamos, que já he tempo.

ORTA

Seja asi, e lavay as mãos.

RUANO

De huma cousa me maravilho, que sempre comemos dos figos á mesa, e sempre me sabem bem; e nam tamsomente a my que venho do mar, mas a vós e a quantos ha nesta mesa; por onde me parece muyto boa fruta, pois não emfastia. E será bem que, falando e comendo, saybamos como se chama em todas as lingoas, e quantas maneiras ha delles, e pera que sam nocivos, e o que vos parece; porque bem sei que não escreve delles Dioscorides, nem Galeno, nem Paulo, nem os Arabios.

ORTA

Iso nam he asi, falando com vosso perdam, porque Avicena e Serapiam e Rasis escrevem delles, asi escreveram outros que eu nam vi.

RUANO

Muyto me contaís; não me dareis nesses Arabios capitulo em que nos figuos falle, dizemo porque folgarei de ouvir.

ORTA

Eu trabalhei de o saber, e soubeo; e os figos na lingua canarim e decanim e guzarate e bengala se chama *quelli*, e os Malavares lhe chamam *palam*, e o Malayo *piçam*; porque em todas estas terras os ha, e vos ponho o nome nesas



lingoas, e tambem os ha em outras muytas. O Arabio lhe chama *musa* ou *amusa*; fazem delles capitulo Aviçena e Serapiam, e chamamlhe pollo mesmo nome; e Rasis tambem lhe chama pelo mesmo nome; tambem ha estes figuos em Guiné, chamamlhe *bananas*.

## RUANO

Que diz cada hum destes escritores dos figos, e que dizem a gente da terra pera que he bom, e a quem faz mal?

## ORTA

Diz Aviçena\* que o nutrimento deste figuo he pouquo, e que acreçenta collora e freima, e que aproveita pera adustão do peito e do pulmão, e que agrava o estamago; e que he bom tomar, depois que o comem os colericos, *oximel* com sementes, e os freimaticos *mel*; e que acreçenta a semente, e aproveita aos rins e provoca a orina. Rasis diz\*\* que faz dano ao estamago, e tira o apetite e a secura, que faz brando o ventre, e que tira a espidam da garganta. Serapio diz\*\*\*, alegando a outros, que *musa* he quente e humida no fim do primeiro grão; e que aproveita pera o ardor do peito e do pulmão; e quem muyto usa della padeçe pesadume no estamago; e que acreçenta a criança na madre; e que aproveita aos rins, e provoca a orina, excita a deleitação carnal, e que grava\*\*\*\* no estamago: isto diz da sentença dos outros escritores, por onde está bem craro todos estes homens conheceram os figos. E se isto nam abasta, perguntai a qualquer Arabio, e dirvos ha como se chama

---

\* Liv. 2, cap. 492 (nota do auctor).

\*\* Cap. 3, ad Almansorem (nota do auctor).

\*\*\* Serapio, cap. 84 (nota do auctor).

\*\*\*\* «Grava», no sentido de *pesa*.



*amusa*, e outros *musay*: ha os em o Cairo e Damasco e Jerusalem (2).

RUANO

Muyto folgo de vos ouvir isso.

ORTA

Pois aveis mais de saber que hum frade de Sam Francisco, que esteve em Jerusalem, e escreve dos misterios da Terra Santa, gaba muyto esta fruta; e diz que se chamou *musa* porque he fruto dino das Musas ou de ellas o comerem; e diz que nesta fruta pecou Adam (3); que as folhas sam muyto grandes mais que de huma braça, e dous palmos e meo de largo: tem um nervo por o meo grosso e verde, e lança por onde ha de deitar o fruto primeiro humas flores emburilhadas roxas, á feiçam de hum ovo, e do comprimento de huma mão, e o fruto que deita he hum ramo de figos, que tem cento, e ás vezes duzentos figos.

RUANO

Eu nam sey se he o arvore do paraíso terreal, e tenho nisto o que tem os sagrados doutores. E não posso deixar de confessar ser muito boa fruta; e queria saber se ha alguma cousa pera que aproveitem, alem das cousas que escrevem estes Arabios; e onde sam os milhores, e quantas maneiras se comem.

ORTA

Em Martavam e Pegú dizem que sam muito bons, porque em Bengala onde ha muytos veo esa casta, e prantaramna por ser melhor, e chamamlhe agora *figos martabanis*: e os que mais cheiram e pera mim de melhor gosto, sam *cenorins*, que sam huns figuos lisos e muyto amarelos e compridos: os *chincapalões* sam do Malavar, e bons, e sam huns figos verdes e compridos e de muito bom sabor: os de Çofala já os provei, sam muyto gabados, eu os achei de bom sabor; mas como eu era novo, que vinha de Portugal, tudo me sabia bem; e por iso nam sam bom juiz; chamamlhe os Cafres *ininga*, e tambem os ha na costa do Abexim e no



Cabo Verde. Como já dixe ha no Malavar, e em Baçaim, e em outras partes, figos grosos do comprimento de hum palmo; sabem muyto bem asados, e deitados em vinho com canella per cima, e sabem a marmellos asados e muyto melhor.

RUANO

Eu os provei já tres ou quatro vezes, e souberamme muito melhor.

ORTA

Tambem se cortão estes polo meo, e fregem os em açucare até que estejam bem torrados, e com canella por cima sabem muyto bem.

RUANO

Tambem os provei aqui os dias de peixe; e sabiamme muyto bem, e não sabia o que era.

ORTA

Levam os pera Portugal por matalotagem; e comem os com açucare, e pera o mar he bom comer. Os fisicos desta terra dizem que sam muyto bons; e dam os em dieta, pera as febres, e pera outras enfermidades. Bem sei que todas estas cousas que vos dixe sam cousas de pouca sustancia, senam digovolas porque, quando fordes a Espanha, não digam que não sabeis dar conta das cousas desta terra; e não porque isto seja necessário pera a fisica.

RUANO

Faz Ruelio hum capitulo dos figos da India, allegando a Estrabo e Teofrasto, e põe delles algumas especias; e em outro cabo tambem falla das arvores perigrinas, e vayme parecendo que conheceram estes homens os figuos da India.

ORTA

Eu ly isso do mesmo autor; e se açerta em huma cousa erra em muytas (como quem diz huma no cravo e quatro na ferradura) (4); e porém a derradeira especia que põe, a



que mais se posa acomodar esta arvore destes figos, he porque diz que naçe de si mesma: esta he verdadeira, porque esta arvore não se pranta mais de hum vez; e dá hum ramo que tem ás vezes 200 figos, e alguns mais e outros menos; e logo day avante naçe ao pé outra arvore dos mesmos ramos ou do tronco; porque o tronco he hum ajuntamento de cortezas\*, e os figuos nascem no olho da figueira apegados ao páo.

RUANO

O fruto que em Italia chamam *musa* he porventura este figuo?

ORTA

Eu como não fuy a Italia não o sey bem sabido; porém soube aqui de alguns Venezianos, aqui moradores, que essa fruta ha em Veneza; e he como amexas; e póde ser que aja em Espanha essa especie de amexas, porque dizem que he muyto doce.

RUANO

Escreve Mateolo Senense de hum genero de palmeira da India, e a discriçam nam he conforme a esta figueira que chamais, e isto diz no capitulo das palmas: mas quem lha mandou escrita do Egypto não lha mandou bem, e por isso não falo nella.

ORTA

Bem sey que figos ha na Nova Espanha, e em o Perú, e nós os temos no Brasil, e no Cuncam, indo de Chaul a Goa (scilicet em Carapatam)\*\*; e em alguns cabos de Portugal os ha plantados, como na quinta de Dom Francisco de Castelo Branco (5); e, por estas causas, não era bem dizermos cousas tam notas a todos.

---

\* A mesma acertada observação já Orta fez em um dos *Coloquios* precedentes, a proposito de uma *Scitaminea*.

\*\* Vindo de Chaul para Goa ao longo da costa encontrava-se effectivamente o pequeno logar de Carapatão, do qual falla Barros, e que era bem conhecido.



RUANO

Estas cousas dos figos eu nam as preguntei em Espanha, e vós dizeisme tantas cousas de siso e boas, que he neçesario perguntarvos tudo; e nesta que vós dizeis nam ser de muyta estima me dixeste o nome dos autores, que nestes figos falam, e me apontastes onde; cousa foi essa que eu estimei em muyto.

## NOTA (I)

O «faufel» é a *Areca catechu*, Linn., uma elegante palmeira de patria mal definida, mas cultivada com frequencia nas regiões quentes da Asia. A sua semente, de que Orta dá uma descripção bastante exacta, é geralmente conhecida pelo nome de *noz de areca*, impropriamente pelo de *noz de betel*, e por varios outros. Esta semente forma parte essencial de um masticatorio muitissimo usado no Oriente, e do qual fallaremos detidamente a proposito do *betre* ou *Piper Bette*.

Os nomes vulgares de Orta são exactos e de facil identificação:

— «Faufel acerqua dos Arabios»; este é o nome arabico mais geral, فوفل, *fufal*, ou, na fôrma persiana, *pupal* (Dymock, *Mat. med.*, 802; Ainslie, *Mat. ind.*, II, 268).

— «Çupari» entre guzerates e deckanis; é o nome commum nas linguas indianas de derivação sanskritica, hindi, bengali e outras, *supari* (Dymock, l. c; Ainslie, l. c.).

— «Pac» no Malabar; que vem a ser o nome tamil da semente, dado por Dymock na fôrma *pakku*, e por Ainslie na fôrma *paak*. O nome da arequeira é ali *paak-maram*.

— «Areca» no mesmo Malabar, mas entre a classe elevada, ou Naires, de quem os portuguezes o tomaram. Este nome, que veiu a tornar-se o mais geral, deve derivar-se da designação da semente em maláyalam, *adakka*, adoptada e alterada pelos nossos, e por elles transmitida a outras linguas. O sr. De Candolle cita um nome telingu, *arek*; mas sem mencionar auctoridade; e que provavelmente é moderno e já influenciado na fôrma pelos portuguezes (Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Areca*; De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 344).

— «Chacani» no mesmo Malabar, a uma semente mais preta e mais pequena e dura que a de outras terras. Isto não é propriamente um nome da *areca*, nem o de uma variedade; é simplesmente o de um modo particular de preparação: consiste na *areca* colhida em verde e fervida depois, chamada *areca vermelha*, ou *chikni supari* (Cf. Dymock, l. c.).



—«Poaz» em Ceylão. No *Index* de Piddington vem um nome sin-  
ghalez semelhante, *puwak* (*Index*, 7).

—«Pinam» em Malaca. Este é o nome vulgar mais conhecido em to-  
das as terras e ilhas orientaes, onde é fallada a lingua malaya; e que  
Rumphius, Crawford e muitos outros citam nas fórmulas *pinanga*, *pi-  
nang*, *penang*.

A *arequeira* é ainda vulgar ao longo da costa da India, do Guzerate  
a Cochim, incluindo as terras de Baçaim, e aquella boa ilha de «Mom-  
baim» de Orta, da qual teremos de fallar em mais algumas notas. E  
Ceylão continua a ser uma região productora e exportadora de *areca*.  
Nos annos de 1870 e 1871 —ultimos de que tive noticia,— exportou  
aquella ilha, principalmente para a India, *noz de areca* no valor de  
63:000 libras esterlinas em cada anno. Das informações de Orta sobre a  
distribuição geographica da *arequeira*, a mais interessante é sem du-  
vida a que diz respeito á sua cultura nas terras da Arabia, facto menos  
geralmente conhecido. Xael ou Xaer era então uma povoação de certa  
importancia, com um porto mau e difficil, mas onde apesar d'isso se fa-  
zia um commercio activo, e d'onde se exportavam os melhores cavallos  
para a India—segundo diz Duarte Barbosa. Estava situada na costa do  
Hadramaut, entre Aden e o cabo de Fartaque, *Ras Fartak*; e tinha  
para o interior alguns campos férteis, onde cultivavam «trigo, tamaras,  
uvas», e —segundo agora vemos— *arequeiras*. Dofar ficava para leste,  
na região mais arida de Mahra, para além do cabo de Fartaque; e era o  
porto classico da exportação do *incenso*, que tambem saía por Xaer, e  
por Soer na costa de Oman, que é necessario não confundir com Xaer.  
Era naturalissimo que os arabes, em relações directas com a costa da  
India, introduzissem nas suas culturas uma planta, da qual usavam  
com tanta frequencia quasi como os hindús, tanto os orthodoxos ou  
*suninitas*, como os *schinitas*, a que Orta chama *Moalis* (Cf. Duarte Bar-  
bosa, *Livro*, 264 e 265; Barros, *Asia*, I, IX, 1, e III, VII, 9).

O principal uso da *areca* é no masticatorio, vulgar em todas as ter-  
ras do Oriente, e do qual fallaremos em outro *Coloquio*; mas era tam-  
bem considerada aphrodisiaca e adstringente, e não admira que Orta  
a empregasse na sua clinica, e «em secreto» (porquê em segredo?)  
usasse d'ella «pera curar as camaras colericas». Dos usos da *areca*, e  
do modo por que se prepara a *chikni supari*, e o extracto chamado *su-  
pari che phul*, se póde encontrar uma noticia interessante no livro de  
Dymock e mais extensamente no de Drury (*Mat. med.*, 802, *Useful  
plants of India*, 48).

#### NOTA (2)

Os «figos» do nosso Orta são as hoje vulgarissimas *bananas*, o fru-  
cto das numerosas variedades da *Musa sapientum*, R. Br. (incluindo a



*M. paradisiaca*, Linn., e a *M. sapientum*, Linn., que parece não serem especificamente distinctas). Era uma planta commum na India, e em geral na Asia, tendo naturalmente nomes variados nas diversas regiões:

— «Quelli» na lingua «canarim» e outras. Encontrâmos em um livro portuguez moderno, o nome concani, escripto pelo mesmo modo *quëlli*; e varios escriptores nos dão as formas *kely*, *kela*, *kala*, *kayla*, *kail*, usadas em diversas linguagens indianas de derivação sanscritica. Devem todas ser modificações e simplificações do sanscritico कदली, *kadalī* (Cf. Costa, *Manual do agric. indiano*, II, 209; Rhede, *Hort. mal.* I, cap. 6; Dymock, *Mat. med.*, 777; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 316; Drury, *Useful plants*, 300).

— «Palam» entre malabares. É talvez uma parte do nome, que Ainslie escreve *pullum*, ou mais provavelmente a conhecida designação no sul de *bala* ou *vala*, mencionada por Rhede e outros.

— «Piçam» em malayo; é o conhecido nome nas terras do archipelago Indiano, *pissang* (Cf. Rumphius, *Herb. amb.*, V, 125).

— «Musa» e «amusa» entre os arabes. Este foi e é o nome arabico mais commum, *موز*, *mauz*, *الموز*, *al-mauz*, derivado, segundo parece, do sanscritico *mocha*. Usado na Syria, no Egypto e outras regiões da bacia mediterranea, foi um dos primeiros conhecidos na Europa, sendo mais tarde adoptado para a designação scientifica do genero.

— «Bananas» em Guiné. Orta dá assim succintamente e sem explicações uma origem africana ao nome, que hoje é de todos o mais vulgar. É possível que tenha rasão; a palavra não é seguramente asiatica, e tambem não parece ser americana. Em primeiro logar, é necessario advertir, que Orta não emprega a designação de Guiné no sentido restricto que hoje lhe damos; mas no sentido antigo mais lato de *terra dos negros* em geral, ao longo da costa occidental da Africa. A *bananeira* não é oriunda d'estas regiões. Os botanicos, que mais se têm occupado da origem das plantas cultivadas, como Roberto Brown e De Candolle, inclinam-se para a procedencia asiatica da *bananeira* de fructos alimenticios, e admittem a sua introdução na Africa. Não se trata, porém, de uma introdução recente e pela costa occidental; mas de uma introdução antiquissima pelo oriente. Edrisi já menciona cinco variedades da planta, cultivadas nas ilhas de Zaledj, em face das costas do Zendj; e é provavel que fossem cultivadas igualmente na propria costa do Zendj, isto é, na costa oriental da Africa. Dada a facilidade da cultura e a abundancia do producto, é facil admittir que a planta se propagasse entre as populações negras da Africa equatorial, onde hoje é abundantissima, e chegasse até ao Congo e regiões occidentaes — a Guiné de Orta. N'este trajecto podia muito bem receber dos negros o nome de *banana*, cuja significação nos é desconhecida, mas que tem



bastante o cunho de um vocabulo africano. Alguns annos depois de Orta, Duarte Lopes refere-se ás que viu no Congo, do seguinte modo: *altri frutti sono, che nominano Banana, i quali crediamo essere le Muse d'Egitto e di Soria*. A ultima parte da phrase póde ser uma intercalação do erudito italiano Pigafetta, que escreveu a relação verbal do viajante portuguez; mas a primeira, *que chamam Bananas*, é claramente de Duarte Lopes, e parece bem indicar um nome local africano. Annos antes, o *piloto portuguez*, cuja interessante relação Ramusio nos conservou, refere-se á introdução da planta na ilha de S. Thomé nos seguintes termos: *vi hanno cominciato a piantar quella herba che diventa in un'anno così grande che par arbore: e fa quelli raspi a modo di fichi, che in Alessandria di Egitto come ho inteso chiamano Muse, in detta isole le demandano Abellana*. Falla evidentemente de uma introdução directa, recente, e feita pelos portuguezes, de plantas trazidas talvez da India; e vê-se que então (1540) não conheciam em S. Thomé o nome de *banana*, que pelo contrario era vulgar (1578) no interior do Congo. Tudo isto parece favoravel á origem africana da palavra, e corrobora a opinião de Orta (Cf. R. Brown, em Tuckey, *Narr. of an exp. to the Zaire*, 470, London, 1818; De Candolle, *Origine*, 242; Edrisi, I, 59; Pigafetta, *Relatione del Reame di Congo*, 41, Roma, 1591; Ramusio, I, 118).

Qualquer que fosse a patria da especie *Musa sapientum*, é certo que foi cultivada na India e outras regiões orientaes desde tempos extremamente remotos, dando ali logar á formação de um numero consideravel de variedades, mais ou menos apreciadas. Orta enumera algumas, a que se referem tambem outros escriptores do tempo, como Linschoten e varios mais.

### NOTA (3)

Não seria facil averiguar bem ao certo quem fosse este frade de S. Francisco, e não haveria muito interesse em o fazer, pois entre os numerosissimos franciscanos que visitaram a Terra Santa, muitos repetiram sem duvida as asserções a que Orta se refere.

Esta tradição, que ligava a *bananeira* ao Paraíso terrestre, era corrente entre os christãos orientaes, e tambem entre os mussulmanos. Aquelle incansavel compilador de todas as tradições e de todas as aneddotas arabicas, Maçudi, enumera as trinta fructas que Adão levou comsigo do Paraíso: dez com casca; dez com caroço; dez sem casca nem caroço. Entre as primeiras dez inclue a banana, *الموز*, *al-mauz*. Os christãos, pela sua parte, viam na *bananeira* aquella arvore, de cujas folhas Adão e Eva se cobriram depois do peccado, quando attentaram em que estavam nus: *cumque cognovissent se esse nudos, consuerunt fo-*



lia ficus, et fecerunt sibi perizomata. Fr. João de Marignolli<sup>1</sup>, depois das suas viagens no Oriente, referindo-se a esta passagem do *Genesis*, diz que tomaram folhas do *ficus seu musarum*. E, voltando ao mesmo assumpto a proposito de Ceylão, repete: *et de istis foliis ficus (musæ, quas incolæ ficus vocant) Adam et Eva fecerunt sibi perizomata ad cooperiendum turpitudinem suam*. As grandes dimensões das folhas das *bananeiras* suscitavam naturalmente a idéa de que poderiam servir para improvisar um vestuário, n'aquella subita revelação do pudor. Na Europa continuava no emtanto a tradição, que seguia á letra o texto da *Vulgata*; e, entre outros, o nosso fr. Izidoro de Barreira, no seu curioso *Tractado da significação das plantas*, admite que aquella folha do Paraíso fosse a da *figueira*, e dá-lhe a accepção de penitencia. D'estas duas tradições parallelas resultou sem duvida a persistencia com que os christãos do Oriente chamaram *figo* á *banana*, e que de certo se não pôde explicar pela similhaça dos dois fructos.

Identificou-se tambem a *banana* com o fructo da arvore, que estava ao meio do Paraíso, aquelle que Eva julgou, *bonum . . . ad vescendum, et pulchrum oculis, aspectuque delectabile*. No interessante *Itinerario de Terra Sancta* de fr. Pantaleão de Aveiro<sup>2</sup>, encontra-se indicado essa opinião como corrente nas terras orientaes. Fallando de algumas plantas, que viu na ilha de Chypre, diz assim:

«... e muita cantidade de musas, a que naquellas partes, e em todas as mais orientaes onde as ha, chamão por outro nome Pomum Paradisi . . . Dizem e affirmão os orientaes e palestinos ser aquella a arvore da qual comeo o nosso Padre Adão no Parayzo terreal, sendo-lhe vedada pelo Senhor Deos, movido de sua suavidade e fermosura . . . e creio eu serem as bananas do nosso S. Thomé.»

Julgava-se encontrar a marca da origem divina, na cruz que se via em uma secção transversal do fructo; e á qual se refere tambem o nosso fr. Pantaleão. Seculos antes, fr. João de Marignolli dizia o mesmo, com mais intimativa: *et istud vidimus com oculis nostris, quod ubicumque inciditur per transversum, in utraque parte incisuræ videtur imago hominis crucifixi*. O padre Vincenzo Maria é menos affirmativo, refugia-se em um compromisso, e explica, que na fructa da India se via unicamente a cruz, mas na fructa da Phenícia se podia distinguir a imagem do crucificado; e que, por isso, os christãos quebravam as bananas, sem nunca

<sup>1</sup> Este fr. João era minorita; mas não pôde ser o franciscano a quem Orta se refere, pois as suas recordações orientaes estavam então ineditas no manuscrito do *Chronicon Bohemorum*, e seguramente não chegaram ao conhecimento do nosso escriptor.

<sup>2</sup> Tambem este não pôde ser o franciscano citado, pois elle fez a peregrinação no anno de 1563, e publicou o livro annos depois.



as cortarem. Assim a folha da *bananeira* identificava-se por um lado com a folha da *figueira*, enquanto a *banana* se identificava por outro com a *maçã*. Fr. Pantaleão diz que lhe chamavam *pomum paradisi*; e em outros livros do tempo, como no de Aldrovando, vem aquelle nome *poma paradisea* applicado ao fructo da maceira.

N'aquellas interpretações criticas, que julgam ver nas palavras do *Genesis* sobre o primeiro peccado, uma allusão á attracção natural e mutua dos dois sexos, a significação phallica é geralmente attribuida á serpente. Agrippa de Colonia —citado por Gubernatis— dil-o muito claro: *Hunc serpentem non aliud arbitramur, quam sensibilem carnalemque affectum, imo quem recte dixerimus, ipsum carnalis concupiscentiæ genitale viri membrum, membrum reptile, membrum serpens ... quod Evam tentavit atque deccepit*. Circumstancia curiosa, houve quem no Oriente deslocasse esta significação, da *serpente* para o proprio fructo do *lignum vitæ*, que julgavam ser a *banana*. O honesto e grave Rumphius diz o seguinte: *quum fructus refert membrum virile, cujus adspectu Eva in effrenam illam cupiditatem instigata fuit*.

Em resumo, vê-se que a opinião do franciscano citado por Orta, quem quer que elle fosse, não era uma opinião individual, e pelo contrario a expressão da crença corrente e vulgar em todas as terras do Oriente.

(Cf. *Genesis*, III; Maçudi, *Prairies*, I, 61; Yule, *Cathay*, 352 e 360; Fr. Izidoro de Barreira, *Tract. da sign. das plantas*, 237, Lisboa, 1622; Fr. Pantaleão d'Aveiro, *Itin. de Terra Santa*, cap. x, pag. 32 v., Lisboa, 1596; Gubernatis, *Mythologie des plantes*, I, 2 a 28; Rumphius, *Herb. Amb.*, V, 127.)

#### NOTA (4)

Foi sempre uma questão debatida e que excitou um certo interesse, o saber se os antigos escriptores conheceram a *bananeira*. Theophrasto, fallando das arvores da India, tem a seguinte passagem:

«Ha outra arvore, grande, tendo um fructo de incrível grandeza e suavidade, do qual se alimentam os sabios da India que andam nus. Ha outra, tendo as folhas de fôrma oblonga, semelhantes ás pennas das aves (στρουθῶν πτεροῖς ὅμοιον), e do tamanho de dous covados. Ha ainda outra, cujo fructo é longo, não recto mas torcido (καρπὸς ... καὶ οὐκ εὐθύς ἀλλὰ σκολιός), e de gosto doce; este, porém, produz desynterias, pelo que Alexandre prohibiu que os seus soldados o comessem.»

É claro, que Theophrasto falla n'esta passagem de tres arvores; mas a primeira duvida é, se as tres são realmente distinctas, ou se elle, mal e imperfeitamente informado, distribuiu os caracteres de uma só pelas tres, misturando-lhe outros que lhe não pertenciam. Dos caracteres, uns quadram á *bananeira* e outros não. O fructo não é de incrível



grandeza, se o considerarmos correctamente como sendo a *banana*; mas é de incrível grandeza se tomaram como fructo o *caixo de bananas*. As folhas grandes existem na planta, ainda que as da *musa* tenham muito mais de dois covados. E aquelle fructo doce, longo e curvado, parece ser exactamente a *banana*; mas, por outro lado, esta fornece uma alimentação sadia, e não é provavel que Alexandre a prohibisse aos seus soldados, emquanto outras fructas da India estariam n'este caso. Em resumo, parece haver aqui uma certa mescla de plantas; mas temos a impressão de que as phrases de Theophrasto assentam sobre algumas noticias incompletas da *bananeira*, trazidas da India pelos gregos do exercito.

Plinio tem um paragrapho, mil vezes citado e debatido, mas que será necessario citar mais uma vez. Diz assim: *Major alia: pomo et suavitae præcellentior, quo sapientes Indorum vivunt. Folium alas avium imitatur, longitudine trium cubitorum, latitudine duum. Fructum cortice mittit, admirabilem succi dulcedine, ut uno quaternos satiet. Arbori nomen palæ, pomo arienæ. Plurima est in Sydracis, expeditio-num Alexandri termino. Est et alia similis huic, dulcior pomo, sed interaneorum valetudini infesta. Edixerat Alexander, ne quis agminis sui id pomo attingeret.* É evidente que Plinio leu Theophrasto, e em parte o traduziu. Junta-lhe, porém, algumas noticias suas, como o nome da arvore, *Pala*, e o nome do fructo, *Ariena*; e reúne em uma só as duas primeiras arvores do botanico grego. A *Pala* tem sido geralmente identificada com a *bala* ou *vala* do Malabar, isto é, com a *bananeira*. O grande investigador das antiguidades indianas, Lassen, como o grande geographo Ritter, concordaram n'aquella identificação. É certo, no emtanto, que ella levanta algumas difficuldades. Modernamente Yule advogou uma identificação diversa, e suppoz que a *Pala* fosse a *jaqueira*, fundando-se em alguns dos caracteres citados, como no *fructum cortice mittit*, e no *uno quaternos satiet*. Apesar da engenhosa discussão de Yule, ainda nos resta a opinião de que os dois antigos escriptores tiveram alguma noticia da *bananeira*.

A questão era, porém, complicada, e não admira que o erudito medico francez, Jean de La Ruelle (Ruellio) desse «humano cravo e quatro na ferradura», como lhe diz maliciosamente o nosso Orta.

(Cf. Theophrasto, *Hist. plantarum*, iv, 4, pag. 64 da edição Wimmer; Plinio, xii, 12; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Jack*.)

#### NOTA (5)

As *bananeiras* eram frequentes na Nova Hespanha, no Peru e no Brazil, ou em geral nas regiões quentes da America. Não vem para aqui a questão de saber, se eram indigenas ali, ou se haviam sido in-



troduzidas pelos hespanhoes e portuguezes, questão em que a auctoridade de Humboldt está por um lado, e as de R. Brown e de De Candolle por outro; basta notar, que no tempo de Orta se cultivavam já em grande abundancia (Cf. De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 242).

Tambem se cultivavam em Portugal, ou que a sua introdução fosse recente, e posterior ás viagens á India, ou mais antiga, e de plantas trazidas da Syria e Egypto, como succedeu na Italia. Qualquer que fosse o momento em que se introduziram, encontravam-se em varias localidades; mas davam-se mal, e produziam fructos muito imperfeitos, como ainda succede. Clusius viu-as nas hortas e quintaes de Lisboa; mas em geral sem fructo: *Ulysipone, ubi aliquot plantas vidi, minimè tamen fructiferas* ... (*Exotic.*, 230).

Orta refere-se a um periodo, anterior de trinta annos ou um pouco mais a este de que falla Clusius, pois seguramente falla do que viu, antes de partir para a India no anno de 1534, alludindo especialmente ás plantas cultivadas na quinta de D. Francisco de Castellobranco. Este fidalgo devia ser um D. Francisco de Castellobranco, senhor da casa de Villa Nova de Portimão, e que foi nomeado camareiro mór d'El-Rei D. João III, pelos fins do anno de 1527. Era filho do primeiro conde de Villa Nova, mas, segundo se depreheende do que diz a *Historia genealogica*, não teve o titulo, que depois passou a seu irmão, casado com a sua filha D. Branca de Vilhena. Alem da casa de Villa Nova, tinha tambem o morgado da Povoá; e o meu amigo visconde de Castilho informa-me de que elle edificou a ermida da Piedade na sua quinta da Povoá. Devia, portanto, ser esta a sua vivenda favorita, e é provavel que ali cultivasse as *bananeiras* de que Orta falla (Cf. *Hist. gen.*, xi, 311 e 474).







## COLOQUIO VIGESIMO TERCEIRO

DO FOLIO INDO OU FOLHA DA INDIA

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Sam muyto bem alembrado que me dixestes, falando no *betre*\*, que não era *folio indo*; e foy isto cousa pera my de muyto preço; porque os fisicos, que muito presumem saber dos que destas partes foram, o dizem ser; e o que mais he, os modernos escritores e o Laguna lhe chamão em suas escrituras *tambul*, e dizem que así lhe chamão os Mauritanos. Ora pois me prometestes dizer que cousa era o *folio indo*, e provar ser cousa diversa, e a ordem o pede, dizemo.

ORTA

De serem cousas diversas he craro, como vos dixe, pois Avicena faz dous capitulos, scilicet, o de *folio indo* que he 259, e do *tambul* que he 707\*\*; nisto não ha que falar, porque o de *folio indo* chamase *cadegi indi*, e o de *betre*, *tambul*. E *betre* já vos dixe como chamavam os Indios, e o *folio indo* lhe chamão os Indios *tamalapatra*, e os Gregos e Latinos corrompidamente lhe chamaram *malabatrums*\*\*\*. E *cadegi indi* em arabio quer dizer *folha da India*; e Avicena foy traduzido da propria maneira que está no arabio, e *lingoa de vaca*, e *lingoa de passaro*, e *melam da India*, así está no arabio, scilicet, esses nomes que igualmente significam o mesmo: así

---

\* Veja-se a nota á pag. 325.

\*\* O cap. do *tambul* em Avicenna é 709.

\*\*\* Dioscorides, Liv. I, cap. 11; Plinio; Galenus, *Simplicium medicamentorum* (nota do auctor).



*folio indo* não se chama *folio* per excellencia, somente porque está así *folio indo*; e se o quereis ver logo volo amostrearéi. Moça trazé cá aquellas folhas, que trouxe da botica na algibeira.

SERVA

Eilas aqui.

ORTA

Que vos parece?

RUANO

Pareçeme folhas de laranjeira, senam que sam mais agudas: a cor he verde escura, tem pelo meio hum nervo e dous outros que o acompanham até á ponta, que he signal pera ser bem conhecida quando outra vez a vir.

ORTA

Cheirai: o cheiro he muito suave, e nam he tam forte como o do *espiquenardo*, nem como o da maçan; cheira tam bem como cravo, nem he tam agudo cheiro como canella.

RUANO

Dizeime a feiçam do arvore, que nam pareçem estas folhas cousa que está sobre a agoa, como as que chamam lentilhas de agoa, como decraram todos a Dioscorides; porque Dioscorides diz á maneira de lentilha.

ORTA

A Dioscorides e a Plinio foi dada falsa enformaçam, porque estas folhas naçem em huma arvore grande, longe donde ha alagoas, e nam dentro das alagoas; o arvore que dá este *folio\* indo* em outros cabos o ha tambem; e así o ha em Cambaia, e os buticairos (a que chamam *gandis*) que vendem mézinhas, como lhe perguntardes per *tamalapatra*, logo vos entenderam; porque he lingoa da terra e o chamam así.

---

\* Orta escreve umas vezes «folio indo», e outras «folium indu»; reduzimos tudo á mesma fórma.



## RUANO

Logo enganados viviamos nesta mézinha, como em outras muytas até agora; na terra do Preste Joam diz hum frade de San Francisco, que fez *Modus faciendi*, que o ha; e que ás suas mãos veo ter este *folio indo*, e que vinha intitulado *folhas do arvore da canella*: e que nam lhe parecia folhas nacidas em agoa, senam em arvore, que em seu defeito\* (pois o não ha) he bem que ponham o *espique* ou *maça*.

## ORTA

Bem podiam ser folhas de *canella* aquellas, e não he muito deferente *folio indo* della; senam que a de *canella* he mais estreita e menos aguda, e nam tem aquelles nervos que tem o *folio indo*; mas nem *canella* nem *folio indo* ha nas terras do Preste Joam; nem tal ouvi dizer, perguntando a quantos lá andaram; e quanto he ao que poram em seu logar, dirvoleoy ao cabo.

## RUANO

Dioscorides diz que alguns, pollo cheiro, dixeram ser folha do arvore do *espiquenardo*, por a semelhança do cheiro; e que como o colhem, o passam com um fio; enfiadas as folhas as tem e as guardam pera as vender; e que as lagôas sequas, onde se isto dá, sam queimadas, porque senam sam queimadas não naçe mais isto nellas; e que o melhor he mais novo e inteiro; e que de branco vaise sendo preto; e que com o cheiro fira a cabeça, que muyto tempo permaneça neste cheiro; e que imite ao *nardo*, e nam tenha gosto de sal.

## ORTA

O cheiro bem vedes que nam he tam forte como o do *nardo*, que he mais suave; e o *nardo* nam he arvore; e a maneira de colher não he asi, senão colhem as folhas, e dellas fazem fardos, e os levam a vender. E pois nam nasçem nas alagoas, não he rezam que se queimem pera nasçer outro;

---

\* «Defeito» por falta, como o francez *défaut*.



e todas as terras que se am de semear queimam-se; mas não todas as outras, e as que não se queimão nam leixa por isso de naçer erva nellas. A cor he verde craro; e as cousas que se guardam não ficam tam craras, chegamse mais a preto que a verde escuro; e nam tem cheiro de *salva* algum delles, e he verdade que o inteiro he melhor, porque tem a virtude mais conservada, nem o cheiro fere a cabeça tanto como os outros cheiros; e postoque Autuario diga que os Mouros lhe chamam *tembul*, tambem se enganou como outros.

## RUANO

Plinio diz\* que o ha em Siria em folhas retortas, donde sae o olio pera o unguento; e que em Egipto ha mais abundancia delle; e que o mais louvado vem da India; e que se gera sobre agoa; e que cheira mais que o *açafrao*; e que o mais sabe a *salva* e cheira, e o somenos na bondade he mais craro e melhor, que he semelhante ao *nardo*; e que deitado em vinho excede todos os cheiros; e que o preço delle foy cousa milagrosa, scilicet, até trezentas libras e do olio até 60 libras\*\*. Isto diz Plinio, ao qual responda e satisfaça.

## ORTA

Avêlo em Siria e em Egipto nam o sey; mas tive amizade com fisicos do Cairo e de Damasco, scilicet, de Alepo, e todos me dixeram que o não havia na Siria, nem em Egipto; nem cheira tanto como *açafrao*, nem como o *nardo*, nem he cousa do *nardo*, porque o *nardo* vem de duzentas legoas donde he este seco, posto que lá o póde aver; e mais *nardo* he cousa que se semea, e este he arvore agreste e grande. E das outras cousas da eleiçam delle já respondi confutando a Dioscorides; e que o cheiro no vinho fervido no *folio indo* preceda todos os cheiros, seria iso em seu tempo; porque

---

\* Plinio, lib. 12, cap. 26 (nota do auctor).

\*\* Na edição de Goa está 600, mas deve ler-se 60; veja-se a nota (1).



não avia entõces *beijõim de boninas*, nem *ambar*, nem *almiscre*, nem *calambuco*, como agora ha; porque as cousas da policia vam em crescimento, e pôde ser que as de vertude não tanto; por onde nunca mais creais que se perderam cousas de cheiro; e así como *cinamomo*, em que aprofiaveis os dias passados, porque o mundo he mais descoberto, e a gente tem a condiçam que dise.

## RUANO

Galeno, nem Rasis, não dizem cousa de novo, somente ter a vertude do *espique*. Avicena\* diz que he chegado a esta mesma virtude, e que as folhas sam as de *saisifrão*, e que nasce em agoa e terra çenosa, sem ter raiz, á maneira de lentilha de agoa, onde alguns cuidaram que era así como folha de *golfam*; e que o seu olio tem a vertude do *laserpicium*, e do *olio de açafram*, e que he mais forte.

## ORTA

Todo mais diso he provado ser falso em Dioscorides e Plinio, por onde não he necessario mais responder; porque Avicena e Serapio e Rasis não souberam mais nesta mézinha alem dos Gregos, somente saberem que *malabattrum* ácerca dos Gregos era *folio indo*, e trasladaram o que dixeram os Gregos, somente acrescentando algumas cousas em dizer o pera que aproveitava; e todos dizem que aproveita pera provocar a orina, e pera o cheiro máo da boca, e que conserva os panos, e defendeos da traça; e per derra-deiro dizem que aproveita pera todas as cousas, como o *espiquenardo*.

## RUANO

Estes escritores modernos huns confessam que o não conhecem, nem o viram, e estes, a meu juizo, falam melhor; outros dizem que viram em seu lugar deitar folhas do arvore do *cravo*, outros da *canella*; porque o autor que fez

---

\* Avicenna, 661, Serapio (nota do auctor). Tudo quanto Orta repete vem no capitulo 259, correctamente citado na pagina anterior.



*Luminare majus* diz que hum mercador lhe vendera folhas de *cravo*, e dixe que aquillo era *folio indo*, o outro franciscano que acima dixe, diz que lhe derão por elle folhas de *canella*. Antonio Musa diz que o vio em Veneza, e que lhe amostraram o *folio indo* da Siria, e o *folio indo* da India, e porém que elle os nam conheceo: decrarayme isto, e que poremos em seu lugar lá em Espanha, faleçendonos o *folio indo*, como nos faleçe.

ORTA

O que dixe que vira folhas de *cravo* me parece que nam dixe bem, porque donde naçe o *cravo* até onde naçe o *folio indo* he viagem de dous annos de caminho; e o que dixe das folhas de *canella*, podia ser que yriam lá mesturadas com a *canella*: e quanto he ao que poram em seu lugar, eu queria que levassem de qua tanto *folio indo* que bastase\* toda a Europa. E facilmente se podia levar de qua; mas já que o nam levam, usem folhas de *canella* em seu lugar; e nam as achando da *canella* sequea ou do *espiquenardo*, *maça* não ponham em seu lugar, porque nam he tam semelhante a elle como as outras mézinhas. Avicena manda pôr em seu lugar tambem *thalisafar*, segundo emenda André Belunensis; mas eu nam conheço esta mézinha, nem me parece semelhante ao *folio indo*; e deste parecer he Mateolo Senense, contra hum moderno escritor.

---

\* Deve ler-se, «que bastase a toda»; ou antes talvez que «abastase toda».

---

NOTA (1)

A droga, chamada por Orta «folio indo», ou «folha da India», é ainda conhecida e usada n'aquella região, e consiste nas folhas seccas de uma ou mais especies do genero *Cinnamomum*. Estas folhas, oblongo-lanceoladas, percorridas da base ao apice por tres nervuras bem apparentes, foram tão exactamente descriptas pelo nosso auctor, que nenhuma duvida póde restar sobre a sua identificação, independentemente mesmo dos nomes vulgares, a que logo nos referiremos.



Diz-nos Dymock, que aquellas folhas se encontram ainda hoje nas lojas de todos os droguitas da India; são consideradas um medicamento estimulante, carminativo, diuretico, diaphoretico, etc.; e são vulgarmente designadas pelo nome de *tajpát* ou *tejpát*. Julga-se em geral que o *tejpát* procede da especie *Cinnamomum Tamala*, Nees ab Es., ainda que parte se attribue tambem ao *C. nitidum*, Hooker e Blume, e a outras especies. Todas estas plantas são arvores de dimensões regulares, como bem advertiu Orta; e não vivem em lagoas ou logares pantanosos, mas pelo contrario nas florestas das regiões montanhosas. O *C. Tamala*, por exemplo, é particularmente abundante nas serras de Khasya, e nas regiões vizinhas de Silhet e Nepaul (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 670; Guibourt, *Hist. des drogues*, II, 413; *Pharmacographia*, 480; *Pharmac. of India*, 196).

Orta cita apenas dois nomes vulgares, ambos bem conhecidos como tendo sido applicados á mesma droga, e que, portanto, confirmam a identificação resultante das suas notas descriptivas:

— «Tamalapatra» entre os indios. Este nome significa *folha de tamala*, pois *páttra* quer dizer folha em sanskrito. O nome de *tamala* foi dado antigamente na India a uma ou a mais especies de *Cinnamomum*; e em uma lista de nomes vulgares, publicada pelo celebre indianista sir William Jones nos fins do seculo passado, encontrâmos ainda *Tama'la* como o nome do *Laurus* (hoje *Cinnamomum*). Depois, ao que parece, aquella designação caiu em desuso, e foi substituida pela de *tejpát*, simplificação de *tej-pattra*, que se diz significar *folha pungente* (Cf. *Asiatic researches*, vol. IV (1799), p. 235; Dymock, l. c.).

— «Cadegi indi» em arabio. Deve ler-se *çadegi indi*, e é o conhecido nome arabico *ساج*, *sadadj*, seguido do qualificativo *هندي*, *hindi*.

O *folio indo* de Orta é, portanto, e sem a menor duvida, o *sadadj hindi* dos arabes, e o *tamala pattra* dos antigos indianos; e esta droga era, segundo todas as probabilidades, o *μαλαβάθρον* de Dioscorides, e o *malo-bathron* de Plinio. Em primeiro lugar, o nome grego é uma derivação simples e facil de *tamala pattra*; e em segundo, vê-se que Dioscorides tem um conhecimento bastante exacto da droga. Cita as suas propriedades medicinaes, analogas ás que os orientaes lhe attribuem; e aponta o emprego das folhas para preservar a roupa da traça, um habito ainda conservado na India. O erudito e zeloso commentador de Dioscorides, Sprengel, admite esta identificação; e reconhece quanto as investigações do nosso Orta esclareceram aquelle ponto duvidoso: *obscurum huic loco lucem primus attulit Garcias, dum Cassiae esse folium perhiberet*.

É claro ao mesmo tempo, que Dioscorides tinha as mais incompletas e erradas noticias sobre a planta de que a droga procedia. Suppõe ser uma planta aquatica; diz-nos que as suas folhas se encontravam fluctuando sobre as aguas; e dá-nos outras informações igualmente



desviadas da verdade. Orta, com a sua experiencia pessoal, não tem difficuldade em rectificar estes enganos, que eram naturalissimos. Dioscorides podia ver as *folhas* no mercado de Alexandria; mas seguramente não encontrava quem lhe descrevesse as arvores, que habitavam nas remotas regiões da India central, então pouco menos de desconhecidas.

A noticia de Plinio é ainda mais incorrecta que a de Dioscorides. Dá-nos aquella curiosa e interessante informação sobre os preços da droga, textualmente citada pelo nosso escriptor: *in pretio quidem prodigio simile est a X. singulis ad X. ccc pervenire libras: oleum autem ipsum in libras, X. LX.* Mas depois repete o que o auctor grego diz erradamente sobre o *habitat* aquatico da planta; e quando nos falla do oleo que se extrahia da folha, e do seu subtilissimo perfume — a *tamala pattra* é quasi inodora — leva-nos a crer, que confundia sob um nome mal applicado drogas diversas, e que hoje é difficil saber quaes fossem. É igualmente inexacto sobre a procedencia do *malobathron*, citando a Syria, o Egypto, e apenas vagamente a India.

No emtanto, um contemporaneo de Dioscorides e de Plinio, mas tendo mais immediato conhecimento do Oriente do que elles, o auctor do *Periplo*, dá, sob uma fórma fabulosa e singular, uma indicação muito chegada á verdade, pelo que diz respeito ás regiões d'onde vinha o *malabathrum*. Diz que uns certos povos de diminuta estatura, os *Sesadæ*, habitando nas fronteiras de uma grande região, que parece ser a China, usavam celebrar uma festa nos confins das suas terras. Traziam consigo cargas de folhas e ramos, que depois, quando se retiravam, ficavam espalhadas pelo chão. Vinham então os outros povos da vizinhança, recolhiam aquelles ramos, e grupavam as folhas pelas suas grandezas em tres sortes: *hadrosphærum*, *mesosphærum* e *microsphærum malabathrum*. Estas eram as tres qualidades de *malabathrum*, que aquelles povos traziam a vender á India. Se despirmos a historia das suas circumstancias fabulosas, fica-nos a indicação de que a droga vinha das regiões intermedias entre a India e a China; e é justamente por ahi, Nepaul, e vertentes proximas do Himalaya, que varias especies de *Cinnamomum*, por exemplo o *C. Tamala*, se encontram ainda hoje. É bem possivel que algumas tribus da montanha, das que constituem a complicada ethnographia da grande cordilheira asiatica, se occupassem especialmente na colheita das folhas de *tamala*, e vendessem a droga aos mercadores indianos, os quaes a traziam aos portos do Malabar, frequentados pelos antigos navegadores do mar Vermelho. A noticia do *Periplo*, embora envolvida em circumstancias de phantasia, é pois claramente favoravel á identificação do *malabathrum* dos antigos com a *tamala pattra* da India.

(Cf. Dioscorides, I, 11, vol. I, p. 21 e vol. II, p. 348, ed. Sprengel; Plinio, XII, 59, e XXIII, 48; Muller, *Geogr. Gr. Minores*, I, 303.)



Alem de corrigir os erros de Dioscorides e de Plinio, em grande parte ainda seguidos por Avicenna e outros arabes, Garcia da Orta teve de deslindar uma confusão de origem mais moderna.

Em seguida ás viagens portuguezas, ou talvez mesmo antes, houve quem julgasse que o *tembul* era identico á *tamalapatra*. Este erro era naturalissimo. Os viajantes sabiam que havia na India uma droga ou substancia, tida em grande conta, e chamada por excellencia a *folha*, ou a *folha da India*. Quando ao chegarem ali, encontraram uma folha em uso constante, offerecida ceremoniosamente aos hospedes, e occupando um lugar saliente nos habitos typicos da região, elles tomaram essa folha, que era o *betle*, *tembul*, ou *pan* (a folha do *Piper Betle*), como sendo a celebre *folha da India*. Todos se enganaram, mesmo os mais minuciosos e os mais exactos; Duarte Barbosa tambem suppõe que o *betle* é a *folha da India*. A confusão persistiu muito tempo. Ramusio, no fim do *Sommario de regni città*, dá a figura da *foglia detta Betelle*; mas é curioso que a sua figura se não parece nem de longe com a folha do *Piper*, e é pelo contrario uma representação bastante exacta da folha do *Cinnamomum*. Das relações dos viajantes, a confusão passou para as obras de materia medica, a de Laguna e outras. Quando Garcia da Orta foi para a India e viu o *tembul*, caiu no mesmo erro. Depois — como conta em outro *Coloquio* — o seu amigo Nizam Scháh explicou-lhe que eram cousas muito differentes, e elle fez então a distincção correctá entre as duas folhas, que são absolutamente diversas. Conheceu depois perfeitamente o *betre* ou *tembul*, a cujo uso nunca se pôde habituar; e conheceu tambem a *tamalapatra*, que encontrava em todas as boticas indianas, d'onde — como nos diz — trazia alguns exemplares na algibeira. É singular, que este *Coloquio*, em que a distincção foi feita tão explicita e claramente, escapasse ás investigações do eruditissimo dr. Vincent, o qual ainda no nosso seculo tomava o *tamalapatrae* o *tembul* como sendo a mesma cousa.

(Cf. Ramusio, *Delle navig.*, I, 337 v.; Yule, *Cathay*, cXLv; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Malabathrum*.)

O *tejpát* continua a ser usado na materia medica indiana; mas deixou ha muito de figurar na europêa. No tempo de Orta, porém, vinha em quantidades consideraveis para o Occidente, posto que elle diz que podia vir muito mais. Vinha principalmente a Veneza, onde Antonio Musa o viu, e onde o viu tambem o dr. Paludano: *plurimum transfertur, præcipue Venetias*. No fim do seculo xvii ainda Pomet dizia, *j'avoue en avoir bien vu et bien vendu* ... por onde se vê, que continuava a ser uma droga procurada (Cf. Linschoten, *Navig.*, 84; Pomet, *Hist. des drogues*, I, 160, 2<sup>ème</sup> édition).

Nas substancias que se podiam empregar como *succedaneos* do «folio indo» é Orta correcto, arredando completamente a folha do *cravo*





e a *maça*, que effectivamente são cousas absolutamente diversas; e admittindo que se podesse usar da *folha da canela*, que na realidade é muito analoga. Por ultimo declara não conhecer o «thalisafar», que —segundo Avicenna— se podia substituir ao «folio indo». Este «thalisafar» ou *talisfar* é de difficil identificação; mas d'elle teremos ainda de fallar em mais de uma nota.

#### NOTA (2)

Orta cita n'este *Coloquio* um frade franciscano «que fez *Modus faciendi*», e um escriptor «que fez *Luminare majus*». Estes livros, mencionados assim brevemente e sem nome de auctor, são difficeis de encontrar; e devo dizer que, apesar das minhas pesquisas, em que fui auxiliado por pessoas muito competentes, me é impossivel dar qualquer indicação sobre o *Luminare majus*.

O *Modus faciendi* julgo ser o *Modum faciendi in medicina*, escripto por fr. Bernardino de Laredo, leigo minorita da provincia dos Anjos, e que, antes de entrar em religião, havia sido medico. Ha, porém, uma difficuldade. Tanto fr. Lucas Wadding, nos *Scriptores ordinis minorum*, p. 56, como Nicolau Antonio na *Bibliotheca Hispana*, p. 170, citam apenas uma edição de Alcalá de Henares do anno de 1617 (Compluti, 1617). É claro que o nosso Orta não viu nem podia ver tal edição. Fr. Bernardino de Laredo viveu, no emtanto, muito antes de Orta, e deve ter escripto nos primeiros annos do seculo xvi. Nicolau Antonio, que o dá como hespanhol e natural de Sevilha, cita na sua *Bibliotheca Hispana nova* o manuscripto da *Bibliotheca lusitana* de Jorge Cardoso<sup>1</sup>, o qual suppunha que fr. Bernardino fosse portuguez, e affirma que fôra medico de D. João II de Portugal: *medicinæ doctor et Joannis II Portugalliae regis medicus, uti legimus in schedis mss. Georgii Cardosi, qui ipse lusitanum existimabat, inde forsan quod in Lusitaniam vixisset*. Sendo isto assim, é bem possivel que Orta conhecesse a obra; ou que existisse uma edição anterior á de 1617, e que os bibliographos não conheceram; ou que elle visse em Portugal alguma copia manuscripta.

É claro que todas as duvidas se desvaneceriam, consultando a obra e procurando lá a affirmação citada por Orta; mas não me foi possivel encontrar nas bibliothecas de Lisboa o *Modum faciendi*.

<sup>1</sup> Estas notas manuscriptas perderam-se, mas foram vistas e consultadas por varios eruditos do seculo passado. No meu exemplar da primeira edição de Nicolau Antonio, annotado, creio eu, por meu bisavô, Antonio de Mello, ou pelo seu amigo o bispo Cenaculo, vem uma nota manuscripta marginal, onde não só se aponta o que disse Jorge Cardoso de fr. Bernardino de Laredo, mas se marca o sitio e a pagina do mss. (tom. 1.º, fol. 44), indicando que se não encontra na passagem citada da 2.ª edição de Nicolau Antonio. É claro, pois, que o annotador, quem quer que fosse, havia visto o manuscripto.



## COLOQUIO VIGESIMO QUARTO

DE DUAS MANEIRAS DE GALANGA

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

*Galanga* he huma mézinha muyto necessaria; e postoque eu pera my tenho que os Gregos a não conheceram, ao menos debaixo d'este nome, he muyto necessaria em todas as boticas: falemos nella hum pouco.

ORTA

O nome he em arabio *calvegiam*, e ainda que acheis por todollos Mauritanos escrito *chamligiam* ou *galungem*, como Serapio\* lido corrutamente escreve, nam lhe deis fé; porque todos os Arabios lhe chamão asi. E esta que chamamos *galanga* he de duas maneiras, scilicet, huma pequena, muyto cheirosa, trazida da China a estas terras, e daqui pera Portugal e pera outros cabos do ponente: a esta chamão na China *lavandou*. E ha outra mais grande, achada na Jaoa, chamada ácerca delles *lancuaç*; esta he grande, e não tam cheirosa nem tam aromatica como a primeira; e porém ambas chamamos nós outros os de qua da India *lancuaç*. A primeira pequena he huma frutiçe ou mata de dous palmos em comprimento; tem folhas como murta; dizem os Chins que naçe sem ser prantada; e a maior que naçe na Jaoa he da altura de cinco palmos; faz as raizes grandes, e tem nós como cana, e tambem a outra da China tem asi; e esta da Java tem folhas à feiçam de huma grande lança, e floreçe com flor branca; deita sementes, mas nam

---

\* Serapio, cap. 332 (nota do auctor).



se semea com ellas, ainda que nesta terra he semeada nas ortas em pouca cantidade, scilicet, aquillo que se gasta na terra em saladas e em mézinhas da gente indiana, principalmente da que vem da Jaoa, que sam as parteiras (a que chamão *daías*) e tem cá officio de fisicos\*. Semease das raizes della mesma, como o *gengivre*, e nam doutra maneira\*\*; ainda que acheis escrito o contraíro não o creais; porque nem Avicena, nem Serapiam, nem outros Arabios tiveram della noticia somente confusa; e porque era de duas maneiras, postoque a primeira da China he mais louvada, nam falaram nisto como homens que sabiam disto bem, senam (como se soe dizer) ás apalpadellas; e já pode ser que esta seja a causa porque Avicena escreve della dous capitulos, scilicet, hum 321 debaixo do nome de *calungiam*; e outro 196 debaixo do nome de *caserhendar*; e qual destas seja a da China, de que mais usamos, ou qual seja a de Java de que menos usamos, não o sey, porque elles nam escrevem senam duvidando; e porque falam desta maneira, asaz será pera vós conhecerdes ambas de vista, asi sequas como verdes; porque eu volas amostrarey oje.

## RUANO

O Belunense, no seu Dicionairo, diz que Aviçena escreve de ambas, e que nam he mais de huma; e a causa he porque nas cousas duvidosas faz 2 capitulos; porque o que se deixou de escrever em hum, se escreva em outro.

## ORTA

Antes faz isso onde acha duvida; e a mi me parece que vyo estas duas maneiras de *galainga*, e por isso fez 2 capi-

---

\* Esta noticia, de que as parteiras javanezas vinham para a India exercer o seu officio, é interessante, e só a encontrei no nosso escriptor.

\*\* Propagava-se pelos rhizomas, e isto explica a phrase de Orta: *semeava-se mas não com as sementes*.



tulos; e pois somos certos da mézinha, não façamos tanto caso dos nomes.

## RUANO

Pois Dioscorides não fala neste simple, nem os Gregos, posto que o alega o Pandetario, e os Arabios escrevem pouco e duvidoso, como dizeis, será rezam que sigamos os modernos, no que bem falarem. Antonio Musa curioso e bem entendido, diz que a Lioniçeno lhe pareceo que esta, que nas boticas chamamos *galanga*, he *acoro*, porque o que usamos por *acoro*, que he huma raiz de *espadana*, não o parece ser, por ser raiz sem cheiro, nem sabor quente e agudo (condições que sam neçesarias pera o *acoro* que nós falsamente chamamos *espadana*): e diz que o mesmo lhe parece a elle, considerando a *galanga* com seu cheiro e sabor.

## ORTA

Já vos dixei, falando no *calamo aromatico*, que o *acoro* não era *calamo aromatico*, e así vereis as razões em que me fundei; e mais o *acoro* he amargoso em sabor, e o *calamo aromatico* he agudo em sabor; e mais o *acoro* he raiz de cor branca, e o *calamo aromatico* he mais amarello. Agora vos diguo que a *galanga* he muito menos pera se dizer della que he o *acoro*; porque a *galanga* he mais quente e com mais suave cheiro; e as cousas pera que aproveita a *galanga*, tiradas dos Arabios que escrevem dellas, nam sam aquellas pera que aproveita o *acoro*; porque as da *galanga* sam pera o estamago, e pera o mau cheiro da boca, as do *acoro* sam pera o cerebro e pera os nervos; e lembrame que, curando o Nizamoxa de hum tremor, nunca os fisicos fizeram menção da *galanga*; nem Antonio Musa teve isso, senam porque nam conheceo o naçimento da *galanga*.

## RUANO

Pois os Frades italianos, que escreveram, dizem que mais verdadeiramente a *galanga* que usamos he raiz de *esquinanto*.



ORTA

Isto quanto seja alheo de razam o podeis bem ver; porque o *esquinanto* naçe em grande soma na Arabia, scilicet, em Mascate e Calaiate\*, e a China e Jaoa\*\* são muito longe destas partes; e mais o *esquinanto* tem raiz muito mais pequena.

RUANO

Menardo, e os Frades que escreveram sobre Mesue, dizem que o *calamo aromatico* he *acoro*; e o que chamamos *acoro* não o he: por amor de mim que me digais se achandovos em Espanha se usarieis do *acoro* que chamamos, pois o ha lá; e se o não avieis de usar, que porieis em seu lugar?

ORTA

Se me eu acháse em Galacia que ha verdadeiro *acoro*, e se o prováse e lhe acháse as condições que d'elle escrevem os autores, usálohia; mas se o eu visse tal como o que chamamos em Portugal *espadana*, não usaria d'elle, e poria em seu lugar *calamo aromatico*, e não já *galanga*; isto sem duvida nenhuma; porque mais me inclino ao *calamo* servir por *acoro*, que a *galanga*; e tenho mais rezam, como já vos dixe; e mais nesta terra usam d'elle pera as enfermidades dos nervos, e não de *galanga* (1).

RUANO

Tomarei vosso conselho, levandome Deos a Espanha.

---

\* «Caliate» na ed. de Goa.

\*\* A orthographia de Orta em todo este *Coloquio* é Jaua, que poderia ler-se Java; mas em outras passagens escreve Jaoa, e esta era a pronuncia habitual por aquelles tempos.

---

#### NOTA (1)

Este *Coloquio* é scientificamente interessante, porque Garcia da Orta estabelece n'elle pela primeira vez a distincção entre as duas especies



de *galanga* que se encontravam no commercio. E um dos mais zelosos e eruditos pharmacologistas modernos, Daniel Hanbury, reconhece esse interesse nas seguintes palavras: *Garcia d'Orta ... is, I think, the first writer to point out (1563) that there are two sorts of galangal—the one, as he says, of smaller size and more potent virtues brought from China, the other a thicker and less aromatic rhizome produced in Java. This distinction is perfectly correct (Science papers, 373).*

A primeira, ou a da China (*Radix Galangæ minoris*), é o rhizoma da *Alpinia officinarum*, Hance. Posto que a droga fosse conhecida de tempos antigos, a planta só foi botanicamente descripta no anno de 1870, em uma communicacão feita á Sociedade Linneana de Londres pelo dr. Hance, que havia examinado specimens colhidos no norte de Hai-nan. Inutil será dizer, que Orta andava mal informado, quando attribuia áquella *Scitaminea* «folhas como murta». Pelo contrario, quando falla do rhizoma, que viu, é correcto dizendo, que tem «nós como cana», e é mais pequeno e aromatico do que o da especie seguinte.

A *galanga maior*, ou de Java (*Radix Galangæ majoris*), é produzida pela especie *Alpinia Galanga*, Wild. (*Maranta Galanga*, Linn.). São exactas as indicações de Orta, sobre as suas «folhas á feiçam de uma grande lança», e sobre as flores de cõr branca. E são exactas, porque elle n'este caso não curava por informações, mas havia visto a planta, semeada — como diz — nas hortas de Goa.

A *galanga menor* ainda figura no commercio da Europa, posto que o seu uso medicinal esteja quasi abandonado, sendo apenas empregada como um condimento estimulante, principalmente na Russia. Na India, encontram-se nos mercados as duas especies, vindo esta *menor* da China, e a *maior* de Java ou do sul e leste da mesma India, onde hoje se cultiva.

(Cf. *J. of the Linn. Soc.*, xiii (1873), 6; *Pharmac.*, 580; D. Hanbury, *Science papers*, 370; Dymock, *Mat. med.*, 774; uma boa descripção da *A. Galanga*, em Roxburgh, *Fl. Ind.*, i, 59; e Rumphius, *Herb. Amb.*, v, 143.)

Vejamos agora os nomes vulgares, indicados por Orta:

—«Calvegiam» entre os arabes. O nome arabico d'esta droga é *خولندجان*, que se deve ler *khulandjan*, mas nas transcripções medievaes incorrectas podia dar logar a todas as fórmas mencionadas pelo nosso escriptor. Dymock aponta um nome sanskritico *kulinjana*, suppondo-o corrompido do arabico; mas Flückiger cita o nome chin *kau-liang kiang*, d'onde póde derivar tanto o sanskritico, como o arabico. É claro, que de todos estes nomes, passando pelo *galungen* da versão de Serapio, deve vir a palavra *galanga* (Cf. Dymock, l. c; Ainslie, *Mat. ind.*, i, 140; *Exotic.*, 251, *Pharmac.*, 580).



—«Lauandou» na China, naturalmente á fôrma menor que d'ali vinha. No livro de Ainslie, encontrâmos o mesmo nome *louandon*, mas sem indicação da auctoridade em que se funda (Cf. Ainslie, l. c.).

—«Lancuaz» em Java. Esta designação é bem conhecida, e vem citada por Ainslie e Rumphius nas fôrmas *lancquas* e *lanquas*. Os malayos chamam tambem *lanquas* á *galanga menor* da China, distinguindo-a pela designação de *lanquas-kitsjil* (Ainslie, l. c; Rumphius, l. c.).

Avicenna fallou d'esta droga, o que era natural, pois foi bem conhecida dos arabes, e vem já mencionada por Ibn Khurdábah no ix seculo; assim como vem repetidas vezes citada pelos ultimos auctores gregos, como Nicolau Myrepso e Auctuario. É certo, porém, que os seus dois capitulos, 196 e 321, são muito curtos, muito confusos, e de modo nenhum indicam que elle distinguisse nem clara, nem mesmo approximadamente as duas especies de *galanga*.

Na ultima parte do *Coloquio*, Orta volta ainda ás confusões feitas pelos auctores antigos e seus contemporaneos entre *acoro*, *calamo aromatico* e *galanga*, discussão a que já nos referimos a proposito do *calamo*, e que não tem interesse especial.



## COLOQUIO VIGESIMO QUINTO

DO CRAVO

### INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do *gariofilo* falemos; pois he pera essas partes donde vem a *galanga*.

ORTA

Esqueçevos de falarmos nelle na letra c; porque o bom latim he *cariofilo*, e o máo latim he *gariofilo*, segundo podeis ver em estes modernos que escrevem.

RUANO

Não tenho que ver com isso, porque asi o aprendi toda minha vida.

ORTA

E se vos mostrar em Plinio chamarlhe asi, que direis\*?

RUANO

Que confesso ser mais latino, mas o uso me desculpa.

ORTA

Os vossos Gregos nam falaram neste *gariofilo*, somente Paulo Egineta, que diz que he folha de *νοζ*; porque o *gariofilo* asi se decrara que tem folha de *νοζ*\*\*; mas este nam

---

\* Nas duas edições de Plinio, que tenho á mão, isto é, na de Sigismundus Galenius de 1549, e na de Littré de 1848, está escripto *gariophyllon* e *garyophyllon*; mas póde talvez em alguma edição anterior encontrar-se *caryophyllon*.

\*\* Suppondo a palavra derivada de *κάρυον* e de *φυλλον*; mas ainda assim o sentido não seria exactamente o que Orta indica; veja-se a nota (1).



pareçe que o conheceo. E asi o diz Serapio que nas definições gregas não se acha este nome; e depois alega a Galeno e a Paulo, que diz que o terladou ao pé da letra; e eu em Dioscorides nam o achei.

RUANO

Pois ainda vos darei partes donde o Galeno falla nelle.

ORTA

Em livros que sam proprios de Galeno não o achareis.

RUANO

No segundo livro de Dinamedis faz mençam de *gariofilo*, e no terceiro tambem; e mais muytos Arabios\* dizem que Galeno o diz; e por ventura estes terladaram alguns livros de Galeno, de que nós careçemos polo tempo os perder.

ORTA

Esses livros que dizeis, em que fala Galeno no *cariofilo*, não sam avidos por de Galeno; assaz he pera my que Ruelio, tam diligente escriptor e tam lido, diz que o nam achou em Galeno\*\*.

RUANO

Pois esse que dizeis cita a Paulo, e a Aeçio, e a Plinio\*\*\*, e diz que ha na India hum gram semelhante ao da *pimenta*, senão que he grande e mais comprido, e que este se chama *cariofilo*.

ORTA

Eu nam vos nego falarem eses homens nelle, mas negos falar Galeno nelle; e mais vos digo que esta mézinha foy achada muyto tarde, primeiro pera mézinha e cheiro, e depois pera cozinha. E gastase em tanta maneira, que

---

\* Avicena e Serapio (nota do auctor).

\*\* O livro de «Dinamedis», ou de *Dynamidiis*, é effectivamente contado entre os apocryphos de Galeno.

\*\*\* Plinio, livro 12, cap. 7 (nota do auctor).



de mil partes a huma se gasta em mézinha, e o resto em cosinha; portanto vos quero dizer o nome delle em arabio e na terra onde o ha.

RUANO

Tudo me haveis de dizer muyto craramente.

ORTA

O nome latino he *cariofilum*, e outros lhe chamam *gariofilum* (como vos dixé já); o Arabio, o Persio, o Turco, e a mór parte dos Indianos lhe chamam *calafur*; e em Maluco, donde somente o ha, e em todas esas terras lhe chamam *chanque*; e os nomes postos no Pandetario, scilicet, *armufel*, não ha tal nome; e o nome que está em arabio escrito *carrumfel* foy vicio do escriptor Arabio, ou a curruçam dos tempos (1). E pois somos certos da cousa e ninguém descrepa della, nam nos matemos pollos nomes. Naçe a arvore deste *cravo* em Maluco, e sam humas ylhas sogeitas a elrey de Portugal, e tomadas per guerra justa muyto tempo ha. Estas sam as ylhas da contenda entre elrey de Portugal e o de Castella, sobre que tanto se preitiou, e vós como afeiçoado a vosso rey, pesarvosha da justiça e da pose que temos tam justa.

RUANO

Tenho tam pouco de elrey de Castella e do de Portugal, que posso dizer por mim: tantos moinhos tenho qua como lá. E falando comvosco a verdade, mais devo a elrey de Portugal, pois esta não em que vim he a maior parte deste meu cunhado que a feitoriza; e estes proveitos tenho de elrey de Portugal, que do de Castella nunca tive algum, nem espero de o ter.

ORTA

Aveis de saber que Maluquo está dentro na conquista de elrey de Portugal, e mais duzentas legoas ávante, como se tem achado pelos eclipses; senam entrou o demonio em hum Portuguez\*, e porque elrey não lhe fez huma merce injusta

---

\* Magalhães (nota do auctor).



que lhe pedia, se foy lançar em Castella e fez armar navios, e elle descobrio per hum estreito nam sabido como pudessem vir ao Maluco; e indo lá, morreo elle e a mór parte da gente que com elle hia; e não poderam tornar pollo caminho por onde vieram. E outro bacharel Faleiro, que com elle hia, endoudeceo de ver que contra seu rey hia; e nam indo ao descobrimento morreo\*. E já outras vezes vieram Castelhanos a Maluco, e nam puderão tornar; e os que se defenderam dos Portuguezes morrerão muytos delles; e a outros, que se entregárão, lhes foy dada liberdade e embarcações e merçes, pera se yrem a Castella; tanta he a clemencia de elrey nosso senhor com os christãos vencidos (2). E hum rey de huma ilha chamada Tarnate, vindo os Castelhanos a elle que os ajudasse, lhes dixe que o *cravo* era dado por Deos aos Portuguezes, pois cada *cravo* tinha cinco quinas de elrey de Portugal; póde ser que este dixe isto por premisam e vontade de Deos, ainda que era infiel: asi profetisou Balam e a sua asna, sendo animal irracional, falo isto debaxo da correição da Santa Madre Igreja. E depois este rey se fez cristão, e fez doaçam a elrey de Portugal de seu reino, e eu o conheci em Goa (3). E tornando ao *cravo*, digo que somente o ha nestas ilhas de Maluco, que sam 5, e dahi se reparte por todalas partes do mundo. E se vos dixeram que em Ceilam avia arvores do *cravo*, dizeilhe que si; mas que não dam fruto ahi, nem em outra parte alguma, senão em Maluco. E sam os arvores da altura e feiçam de louro; fazem os arvores copa em çima, e dam muyta frol que se faz em *cravo*; e naçe como murta, e a frol he primeiro alva, e depois verde, e depois vermelha e dura, que he o *cravo*. E dizemme pessoas que o viram, dinas de fé, que quando está este *cravo* verde nos arvores, dam o mais excelente cheiro do mundo os arvores; e des que colhem este *cravo*, o sequam, e fica da cor que o vedes agora. Naçem em gomos, como os mur-

---

\* Faleiro não foi na viagem, como parece resultar da primeira parte da phrase; veja-se a nota (2).



tinhas, como já vos dixei; e dizem alguns que se lhe chove, que se mete por dentro, e não he así, somente nam vem á perfeiçam os cachos; e colhemnos, porque os ramos que fazem copa grande, deitamlhe cordas para colher *cravo*; e isto he causa que os arvores sejam açoutados e fustigados, e não dam pera o anno tam boa novidade; e secam estes *cravos* per dous ou tres dias, e así os vendem e guardam pera os levar a Malaca e a outras partes; e aquelle *cravo* que fica no arvore por colher se faz mais grosso, e folgam com elle na Jaoa; e nós com o outro que chamamos de cabeça. E mais haveis de saber, que ao redor do arvore do *cravo* nam se dá erva alguma, porque o cravo leva todo o çumo da terra.

RUANO

E o que os Castelhanos chamão *fuste*, e os Portuguezes *bastam* donde he?

ORTA

Sam os páos donde estes *cravos* pendem, como as flores pendem dos páos meudos; e o *cravo* grande que vos dixei, he o que chamamos *madre do cravo*, e não porque o seja; não he macho, como dizem Avicena e Serapiam, que tudo he hum; mas hum he mais velho que outro, porque o que chamamos *madre do cravo* nam he do mesmo anno senam do anno pasado; isto me dixeram pesoas que o sabiam, que foy hum feitor desse Maluco, que o tal *cravo* he fruto muito maduro que cay em baixo.

RUANO

Fazem alguns beneficios a estes arvores do *cravo*, ou plantamnos, ou alimpamnos do mato ou podamnos?

ORTA

Nam mais que alimpar o cham, onde am de colher o *cravo*; e as arvores naçem sem ser sementeas, nem enxeridas\*; e não naçem muyto perto do mar, senão hum tiro de falcão

---

\* Parece que no sentido de mettidas na terra, ou plantadas de estaca.



do mar ao menos, bem que está em ylhas cercadas do mar, e que não se quer muyto perto do mar, nem tam pouco muyto longe. Sam estas ylhas, donde naçe o *cravo*, cinco, como dixe, e humas das principaes se chama Geloulo; e por iso chamaram ao *cravo* em Espanha *cravo girofe*, porque he de Geloulo\*; e tambem lhe chamamos *cravo*, porque he feito á feiçam de prego. E dizem alguns que quando he boa novidade, he mais a cantidade de *cravo* que de folhas, e a folha não cheira tanto como o *cravo*, e o páo não cheira senão quando he seco alguma cousa. Estes arvores naçem do *cravo* que cae ao pé, como as castanhas em nossa terra, mas não he necesairo, porque sempre a terra dá esse *cravo*, e nunca lhe faleçe chuiva com que se crie e dê fruto, por ser perto da linha. Naçem estes arvores do *cravo*, e criamse, e fortificamse em oyto annos, segundo diz a gente da terra, e asi dizem que duram cem annos. E nam vos digam algumas pessoas que se colhem os *cravos* á mão, porque he falço, que nam se colhem senam muyto per força, como vos dixe; e colhemse dê meado de setembro até janeiro e fevereiro.

RUANO

Usa a gente desta terra do *cravo* em comer ou em mézinhas?

ORTA

Segundo tenho por emformaçam, nam faziam caso destas arvores os Malucos até que os Chins vieram a esta terra com suas náos, e levaram dahi á sua terra este *cravo*, e á India e á Persia e Arabia; isto tem elles por memoria antiga entre si. E conservase o *cravo* muyto bem com agoa do mar deitada nelle, e doutra maneira se faz podre.

RUANO

Pois a gente de Maluco dizeis que nam usa do *cravo*, a outra gente da India usa muyto delle. E os Portuguezes que cá moram?

---

\* Perdoe-nos o nosso Orta, mas não é por isso; veja-se a nota (1).



## ORTA

Quando o *cravo* he verde fazem os que moram em Maluco conserva de vinagre e sal (a que chamam *achar*), e fazem os verdes em conserva de açucare; e já os comi e sam bons; e da conserva de vinagre usa a gente de Malaca que os pode aver, e fazem as molheres Portuguezas que lá moram agua estilada dos *cravos* verdes, e he muyto cheirosa e muyto cordeal; e seria boa pera levar ao reino; e muytos fisicos Indianos fazem huns suadoiros com *cravo* e *noz*, e *maça* e *pimenta longa* e *preta*, fazendo disto os suadoiros; e dizem que, com isto, se tira a sarna castelhana. Eu a vi tambem\* a fisicos Portuguezes, e não me pareceo muito boa fisica. Algumas pessoas põem qua o *cravo* pisado na testa, e dizem que se acham bem com elle pera a dor da cabeça, e que se lhe tira; e nam he muito se a dor he de causa fria. As molheres prezamse muyto de mastigar *cravo*, pera lhe cheirar bem a boca, e nam tam somente as Indianas, mas as Portuguezas.

## RUANO

Serapiam alegua a Galeno, que diz que he folha de *noz*: por ventura a arvore do *cravo* e da *noz* he tudo huma?

## ORTA

Deferentes sam as terras muyto, porque huma he Banda e outra Maluco; e o *cravo* he mercadoria pera Banda, e o arvore da *noz* tem as folhas redondas, e parece pereira, e o do *cravo* parece louro.

## RUANO

Diz Aviçena\*\* e outros alguns, que o arvore he como *sambacus*, e que he mais negro?

## ORTA

Nem he como *sambacus* (erva que chamamos jazmim), nem como *sambucus*, a que chamamos sabugueiro, senam

---

\* Deve faltar aqui o verbo «usar», ou outro de igual sentido.

\*\* Liv. 2, cap. 318 (nota do auctor).



he como loureiro: bem vêdes a deferença que ha de hum a outro.

RUANO

Diz ser trazido de humas ilhas da India, e que a gomma delle, ou resina, he semelhante a trementina em virtude.

ORTA

No que diz que he trazido de humas ylhas da India, diz verdade; mas o que dixe da goma, não ha tal goma em Maluco: falei com muytos homens que moráram lá, e todos me dixeram que nunca virão tal goma. Eu não vos negarey que todas as arvores deitam goma ou resina, em especial se lhe derem cutiladas; mas até o presente nam se esprementou; nem, com seu perdão, falaram verdade os que escreverão da Nova Espanha, que dixeram que a goma do *cravo* era *almesega*; porque os arvores sam de diversas maneiras, não aviam de dar goma de huma maneira, e que fose de huma compreensão. As folhas do *cravo* não vem á India, senão casualmente, por tanto não escrevo dellas. O cheiro do *cravo* sei dizer que he o mais suave e o melhor do mundo, em especial de longe. Eu esprementei isto vindo de Cochim a Goa, e com vento pola prôa; e remavamos de noite com a calmaria, e estava huma não surta mais de huma legoa de nós, e o cheiro foy tam grande e tam suave que nos veo, que cuidava eu que ao longo da costa avia matas das flores, que em nossa terra chamamos cravos; e perguntando, me dixeram que era a não que viera de Maluco; entonçes cahi no caso, e achei ser verdade; e depois mo dixeram homens de Maluco, que quando o *cravo* he seco lhe dá grande cheiro longe donde está (4).

RUANO

Lendo Serapio e Avicena\*, acho muitos nomes que devem ser corrompidos, scilicet, os nomes dos autores; folgaria muyto me dixestes disto o que sabeis.

---

\* Serapio, 319; Avicena, Lib. 2, cap. 318 (nota do auctor).



## ORTA

Não sey senão humas cousas muyto geraes; a Rasis chamam elles *Benzacaria\**, e a Mesue *Menxus\*\**.

## RUANO

Alegua Serapio não se ha de ler senão com aspiraçam *Hacim*, e este me parece que deve ser *Aly*.

## ORTA

Não he senão *Hachim*, que quer dizer filosofo\*\*\*; e por-que, entre elles, averá algum que se chama por excelencia filosofo, póde ser que seja este o que elles alegam.

## RUANO

A erva que chamamos *cravos* ha em Maluco, ou cá na India?

## ORTA

Em Maluquo não a ha; e porém da China veo a estas partes\*\*\*\*; e não cheira tambem como o de Portugal; e deve a causa disto ser terem elles a virtude muyto superficial; e por esta terra ser quente, resolve-se asinha a vertude delles. E nisto não falemos mais, pois sabeis melhor destes cravos que eu; e vos direi que na ilha de Sam Lourenço, em huma certa parte della, ha huma fructa muito redonda, maior que avelan com casca, e cheira muyto a *cravo*; mas nam o he, nem aduba como *cravo*\*\*\*\*\*.

\* Sobre o nome dado a Rasis, veja-se a nota a pag. 39.

\*\* O nome de Mesué escrevia-se ماسويد, Masuijah, que muito mal pronunciado podia soar «Menxus».

\*\*\* Hakim, حكيم, significava propriamente sabio, ou philosopho, e era o titulo geral dos medicos mussulmanos no Oriente.

\*\*\*\* Loureiro na *Flora cochinchinensis* cita o *Dianthus caryophyllus* como usualmente cultivado na China.

\*\*\*\*\* A *Ravensara aromatica*, veja-se a nota a pag. 218.



## NOTA (1)

É extremamente duvidoso, que o *garyophyllon* de Plinio, do qual este auctor diz apenas ser um grão semelhante á pimenta, maior e mais fragil, fosse o *cravo*. É só alguns seculos depois, que nós encontrâmos uma referencia clara áquella especiaria no livro de Cosmas, o qual diz que a havia na ilha de Ceylão, para onde a traziam de muito mais longe. Posteriormente a Cosmas, Paulo de Egina referiu-se tambem ao *cravo* de uma maneira explicita, e que não pôde deixar duvidas, como deixa a curta indicação de Plinio. Isto pelo que diz respeito ao conhecimento da especiaria na Europa, porque em relação á India e á China ha noticias de que foi ali usada muito antes (Cf. Plin., xii, 15; Flückiger e Hanbury, *Pharmac.*, 250; Dymock, *Mat. med.*, 328).

A especiaria, que os portuguezes chamaram e chamam *cravo*, consiste na flor completa de uma bella arvore da familia das *Myrtaceæ*, o *Caryophyllus aromaticus*, Linn. (*Eugenia caryophyllata*, Thunberg), a qual nos tempos de Orta se cultivava unicamente nas Molucas; mas depois foi levada para outras partes da Asia, e mesmo para algumas ilhas da costa africana, como Pemba e Zanzibar.

—O nome que alguns escriptores gregos applicaram a esta especiaria, *καρυόφυλλον*, deriva-se geralmente da fórma que as petalas tomam no botão, assimilando-se a uma pequena noz (*κάρυον*). Tem-se, porém, advertido que a orthographia grega é incerta —o que não escapou a Orta— e o nome se encontra tambem escripto *γαρούμμουλ*, *γαρόφαλα*, e ainda de outros modos. Esta incerteza pôde indicar que o nome não fosse propriamente grego; mas antes a hellenisação pelo som de alguma designação oriental. Da mesma designação asiatica procede sem duvida o nome arabico *قرنفل*, *qaranfal*, que se encontra transcripto por diversos escriptores, *karanfál*, *karunfel*, ou *karumpfel*. Esta ultima fórma não é admittida pelo nosso escriptor, que, sem rasão, adopta uma muito mais viciada, «calafur».

Na opinião de Dymock, todos estes nomes se devem prender ao tamil, *kirámbu*, e ao malayo *karámpu*; pois foi por intermedio d'aquelles povos, que a especiaria penetrou na India e chegou depois ao conhecimento dos arabes e dos gregos.

É quasi inutil advertir, que as fórmas modernas, *girofle*, *girofe*, *garofano*, vem directa e claramente do nome grego, e não do da ilha de Geloulo, ou Djilolo, como erradamente diz o nosso escriptor (Cf. Langkavel, *Botanik der späteren Griechen*, 19, citado na *Pharmac.*, 250; *Exotic.*, 248; Dymock, *Mat. med.*, 328; Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 3).

—«Chanque», o nome usado nas Molucas, é bem conhecido. Rumphius dá-o na fórma *tsjanke*, e Crawford na fórma *cângkek*. Segundo este escriptor, a palavra não é malaya, mas antes a corrupção do nome



chinez *tkeng-hia*. A derivação parece-me um pouco forçada, tanto mais que o nome chinês seria mais correctamente *teng-siang*, literalmente *prego perfume*, pois os chins repararam — como os portugueses — na forma de *prego*, ou *cravo*, que tem o botão (Cf. Rumphius, l. c; Crawford, *Dict.*, 101).

## NOTA (2)

O *cravo* encontrava-se apenas nas cinco ilhas, propriamente chamadas Molucas, ou — como diziam os portugueses — ilhas de Maluco<sup>1</sup>. Segundo as *enumera* João de Barros, eram: Ternate (*Tarnáti*), Tidore (*Tidori*), Moutel (*Mortir*), Maquien (*Makian*), e Bacham (*Batchian*). Muitos annos antes de Barros, Duarte Barbosa, que devia ir morrer bem perto d'ellas, menciona as mesmas cinco. E Camões, que pelas exigencias do verso não podia ser tão completo, dá-nos pelo menos os nomes das duas mais conhecidas, notando o seu vulcão activo:

Vê Tidore e Ternate, co'o fervente  
Cume, que lança as flammaz ondedas:  
As arvores verás do cravo ardente,  
Co'o sangue portuguez inda compradas.

Estas cinco ilhas ficavam no rumo norte sul, ao longo e muito proximas da costa occidental da grande ilha de «Geloulo», Gilolo ou Djlolo, á qual Barros chama Batechina de Moro, e é mais geralmente designada hoje nas cartas pelo nome de Halmahéra. Mas Barros adverte, que, apezar da proximidade, não havia *cravo* em Gilolo; o que é confirmado por Pigafetta, que nos diz existirem ali apenas poucas arvores e de má qualidade. Vê-se, pois, que o nosso Orta andava errado, indicando «Geloulo» como uma das cinco ilhas do *cravo* (Cf. Barros, *Asia*, III, v, 5; Duarte Barbosa, *Livro*, 371; *Lus.* x, 132).

A historia dos portugueses nas Molucas é bem conhecida; e, á parte excepções honrosissimas, como foi o governo de Antonio Galvão e de alguns outros, não é das mais agradaveis a recordar. Em poucas partes as dissensões e desmandos de toda a natureza dos nossos conquistadores foram tanto para lamentar, como n'aquellas pequenas ilhas, perdidas no fundo dos mares orientaes. O *cravo* era uma das mais

<sup>1</sup> O nome colectivo de *Maluco* não parece ser malayo, mas era sem duvida usado á chegada dos portugueses áquelles mares. Como nas ilhas havia varios reis independentes, pelo menos em Ternate e Tidore, tem-se lembrado que os navegadores arabes lhes chamassem *ilhas dos reis*, *djañrat-al-mulúk*, e que os portugueses adoptassem pelo som a ultima parte do nome, dizendo *Maluco*, depois convertido em *Molucas* (Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Moluccas*).



procuradas e caras especiarias do tempo, e era natural que os portuguezes tratassem de descobrir as terras onde nascia, a fim de o obterem em primeira mão. Em seguida á conquista de Malaca, Affonso de Albuquerque, despachando enviados ás diversas partes d'aquelle extremo Oriente, que acabava de abrir ao nosso commercio e ao nosso dominio, mandou tambem Antonio de Abreu com uma pequena armada ao descobrimento de Banda e de Maluco. Antonio de Abreu não chegou lá; mas o capitão de um dos seus navios, Francisco Serrão, foi ás ilhas do *cravo*, por onde ficou até á sua morte, succedida annos depois. Mais tarde foi ali mandado D. Tristão de Menezes; e no anno de 1522, a 24 do mez de junho, Antonio de Brito lançou a primeira pedra da fortaleza de S. João na ilha de Ternate. Inaugurava-se assim a epocha da conquista, que nos custou muito trabalho e muitas vidas, porque o *cravo* foi sempre comprado com *sangue portuguez* — como dizia o Camões.

Antes, porém, de Antonio de Brito edificar a fortaleza de Ternate, havia-se dado um successo importantissimo, cuja historia nos levaria muito longe, mas que não podemos deixar de recordar brevemente, para esclarecer as referencias que a elle faz o nosso escriptor.

Parece que Francisco Serrão escrevêra de Maluco ao seu amigo e antigo companheiro de armas, Fernando de Magalhães, encarecendo-lhe a riqueza e grandeza d'aquellas terras; e a conquista das ilhas do *cravo* foi um dos motivos principaes e confessados da famosa viagem de circumnavegação. Magalhães — como diz Orta — «descobrio por hum estreito não sabido como pudessem vir ao Maluco»; atravessou o tal estreito, a que deixou o seu nome; cruzou todo o Pacifico; e veio morrer em uma ilhota do archipelago depois chamado das Philippinas. Não chegou, portanto, ás ilhas do *cravo*; mas chegou lá a sua gente, que no dia 8 de novembro do anno de 1521, tres horas antes do sol nascer — como diz o minucioso Antonio Pigafetta — entrava no porto de Tidore.

Não vem para aqui a descripção d'esta viagem, celebre entre as mais celebres e perfeitamente conhecida, e muito menos a apreciação do acto de Magalhães; mas devemos notar que aquelle acto deixou no animo de todos os portuguezes um sentimento de irritação profunda, ao qual não é estranho o nosso Garcia da Orta. «Entrou o demonio em hum portuguez, e porque elrei não lhe fez huma mercê injusta que lhe pedia se foy lançar em Castella ...» taes são as palavras em que elle se refere ao seu culpado, mas em todo o caso illustre e infeliz compatriota. E não é simplesmente contra Fernando de Magalhães que mostra resentimento, é contra todos os portuguezes que o auxiliaram na sua empreza, recordando com um certo prazer, que o «bacharel Faleiro» endoudeceu. Este Faleiro era um personagem extraordinario, a quem os portuguezes se mostraram sempre pouco favoraveis, talvez pelo sim-



ples facto de ter servido Castella. Barros chama-lhe «Astrologo judicario»; e Herrera allude a este juizo que d'elle faziam os seus compatriotas, dizendo-nos: *que mostraba ser gran Astronomo y Cosmografo, del qual afirmaban los Portugueses que tenia un demonio familiar, y que de Astrologia no sabia nada*. Fosse astrónomo ou astrologo, era um homem violento e desconfiado, mas não está provado que fosse hum louco. A causa de elle á ultima hora não embarcar, foi a sua rivalidade e desavença com Magalhães, dando-se como motivo official o seu estado de saude: *mandó el Rey, que pues Ruy Faleiro no se hallaba con entera salud se quedasse hasta otro viage*. É certo, porém, que se fallou então na sua loucura, e o agente de Portugal em Sevilha, Sebastião Alvares, escrevia na sua correspondencia official, que o cosmographo portuguez Ruy Faleiro havia perdido a rasão. Como se vê, a noticia de Orta é fundada em factos, que então corriam como verdadeiros e foram admittidos tambem por João de Barros.

Da viagem de Magalhães se levantaram as longas negociações geographico-diplomaticas entre Portugal e Hespanha, a que Orta se refere: «estas são as ylhas da contenda entre elrey de Portugal e o de Castella». O apparecimento dos navios hespanhoes nos mares do Oriente veiu suscitar difficuldades praticas á famosa divisão do mundo entre Portugal e Hespanha, determinada pela bulla do papa Alexandre VI de 4 de maio de 1493, e confirmada no tratado de Tordesillas de 7 de junho de 1494. N'este tratado estabelecia-se como linha divisoria um meridiano: *o linea derecha de polo a polo, convien a saber del polo arctico al polo antartico*. Este meridiano, nas nossas partes occidentaes, devia marcar-se *a trecientas y setenta leguas de las yslas del Cabo Verde hacia la parte del Poniente, por grados o por otra manera como mejor y mas presto se pueda dar*. Tudo quanto se navegasse e descobrisse a leste d'esta linha pertencia a Portugal; o que ficava para oeste era do dominio da Hespanha. Quando os nossos portuguezes alongaram tanto as suas viagens para o Oriente, que chegaram ás Molucas, alguns tiveram a desconfiança de que estavam já na metade do mundo pertencente á Hespanha; e parece que Francisco Serrão escreveu n'esse sentido a Fernando de Magalhães. Este, pelo menos, propunha-se a demonstral-o, mesmo antes da sua partida. Tal não era, porém, a opinião em Portugal; e logo depois da volta da nau *Victoria* — a que chegou a Tidore, como antes dissemos — D. João III fez valer os seus direitos junto de Carlos V; accordando-se então em que cada um dos soberanos nomearia tres letrados, tres astrologos e tres pilotos, os quaes teriam uma conferencia na raia, para decidirem «cujo é o dito Maluco, e em cuja demarcação cáe».

Os commissarios dos dois paizes, reunidos respectivamente em Elvas e Badajoz, e que se encontraram a primeira vez no Caia, tinham uma questão espinhosa a resolver. Em primeiro logar, a linha de partida



estava mal definida, e não havia accordo, nem sobre a situação exacta das ilhas de Cabo Verde, nem sobre qual d'ellas se devia tomar como origem de contagem, querendo uns que fosse a do Sal, e outros que fosse a de Santo Antão, nem sobre o modo de contar as trezentas e setenta leguas marcadas pelo tratado de Tordesillas, nem mesmo sobre quantas leguas havia no grau. Os commissarios, como diz Antonio de Herrera na sua interessante noticia da conferencia, começaram logo a *mirar globos, cartas, y relaciones*; mas as cartas eram imperfeitissimas, e, comparando umas com outras, chegavam a encontrar diferenças de setenta leguas. Tratava-se sobretudo de uma determinação de longitudes, o que era um ponto espinhoso para a cosmographia de então. As latitudes observavam-se com uma exactidão relativamente satisfactoria; mas sobre as longitudes, ou *altura de leste oeste*, ou *graus de longura*, como então lhes chamavam, havia as maiores duvidas, e este foi um dos problemas que mais preoccupou os navegadores d'aquelles tempos.

O Duque de Bragança, que parece haver sido perito nas questões de cosmographia, dirigiu uma especie de memoria a D. João III sobre estas negociações, que então interessavam todos em Portugal. N'essa memoria, o Duque pondera: que a demarcação se não podia fazer pelas cartas, porque estas *tem falcidade de mil maneiras*; que a estima é igualmente fallivel, e *como nisto da longura nom se possa dar nenhuma regra certa por estimativa*; e opina, *que se deve insistir nas cousas de demonstração, que nom tem contradicção*. Estas *cousas de demonstração* eram *por arte do Ceo, e dos Eclipsis e conjuncção, que nom se podem negar*. Aqui temos pois os eclipses, de que nos falla Garcia da Orta. É certo no emtanto que esses mesmos se podiam negar, ou pela imperfeição das observações, ou pelos erros dos almanachs então publicados. Na propria viagem de Magalhães, Andrés de S. Martin fez varias observações astronomicas, como foi a da conjuncção da Lua e de Jupiter, observada no Rio de Janeiro, e a de um eclipse do Sol, observado depois em 17 de abril de 1520; e todas o levaram a resultados inadmissiveis: *... de lo qual infirieron aver error en la equation de los movimientos en las tablas, porque es impossible ser tanta la longitud*. O nosso João de Barros dá a traducção das proprias palavras de Andrés de S. Martin, tiradas de uns apontamentos que lhe vieram á mão, e que mostram a perplexidade do piloto e cosmographo hespanhol: *... infiro haver erro nas taboas, que certo não sei a que o attribua*. Não se atrevia a julgar que fossem erros de imprensa nos *Almanaches de Joannes de Monte Regio*, e muito menos erros de calculo do proprio Monte Regio. De todas estas duvidas nos resultados das observações, da imperfeição das cartas, cheias de *falcidades*, da incerteza dos calculos de estimativa, e tambem do pouco desejo que havia de ceder, tanto de um como de outro lado, resultou que a conferencia se dissolveu sem chegar a um accordo.



Ao mesmo tempo que a conferencia se dissolvia na Europa, as cousas complicavam-se em Maluco. A nau *Trinidad*, que se separára da nau *Victoria*, e tentára voltar pelo estreito, arribou de novo áquellas ilhas do cravo, e os portuguezes aprisionaram os restos da guarnição, destroçada e dizimada pela fome e pela doença, levando para Cochim os sobreviventes, e repatriando-os ao cabo de perto de dois annos. É este acto, assim como outros identicos, succedidos nos annos seguintes, que o nosso Orta louva como uma grande generosidade: «tanta he a clemencia de el-rey nosso senhor com os christãos vencidos». No anno de 1525 saíu uma armada hespanhola da Coruña, ostensivamente enviada ás ilhas de *la especeria*, e commandada pelo commendador fr. Garcia de Loaysa. Parte da armada perdeu-se pelo caminho, e o seu commandante morreu; mas chegou ás Molucas a nau *Santa Maria de la Victoria*, sob as ordens de Martin Iniguez de Carquizano, e succederam-se nos annos de 1526 a 1529 todas as contendas e hostilidades entre portuguezes e hespanhoes, contadas largamente, de um lado por Antonio de Herrera, do outro por João de Barros e mais chronistas portuguezes.

Na impossibilidade de determinar um meridiano, e na impossibilidade por outro lado de continuar as hostilidades em Maluco, estando os dois paizes em paz na Europa, foi necessario chegar a um compromisso. No dia 22 de abril do anno de 1529 celebrou-se em Saragoça um contrato, que se encontra transcripto na *Asia* de Diogo do Couto. N'esse contrato o Imperador Carlos V vendia a D. João III todos os seus direitos a Maluco, pela quantia de 350:000 cruzados de ouro e prata, que valessem 375 maravedis cada um. A questão do meridiano e da longitude das Molucas ficava de pé, e para se resolver posteriormente; nunca se resolveu, ou pelo menos quando se resolveu, já as Molucas não pertenciam nem a Portugal, nem a Hespanha.

Taes eram, o mais succintamente contadas que me foi possível, as contendas entre os soberanos da península a que Orta se refere.

(Cf. Arana, *Vida e viagens de Fernão de Magalhães*, p. 54, etc., versão portugueza, Lisboa, 1881; Pigafetta, em Ram. I, 365; Herrera, *Hist. gen. de las Indias occidentales*, I, 337, II, 154 a 163, 185, 234, 253, etc.; Barros, *Asia*, III, v, 5, 6, 7, 8, 9, 10, etc.; Notas de J. d'Andrade Corvo ao *Roteiro de Lisboa a Goa*, de D. João de Castro, 86 a 106, 151, etc., Lisboa, 1882; Couto, *Asia*, IV, II, 1.)

#### NOTA (3)

Este rei chamava-se Tabarija, e foi deposto arbitraria e violentamente por Tristão de Athayde, que levantou em seu lugar um rapasito, chamado Aeiro, mandando Tabarija preso para Goa, com a mãe e as principaes pessoas da côrte. Nuno da Cunha achou-o innocente, dei-



xando-o todavia ficar em Goa, mas em liberdade, e com um certo tratamento de príncipe. Tabarija fez-se christão, e deram-lhe o nome de D. Manuel. Era mais um, n'aquella collecção de reis christãos que tivemos em Goa — o de Tanor, o das Maldivas, este de Ternate e não sei se ainda outros.

Annos depois, quando Jordão de Freitas foi por capitão da fortaleza de Maluco, levou consigo o rei D. Manuel. Mas o pobre selvagem não chegou a ver o vulcão fumegante da sua terra natal. Ficou em Malaca, onde adoeceu e morreu, tendo primeiro feito testamento em favor de D. João III.

Como elle veio para Goa pelo anno de 1535, e saíu d'ali com Jordão de Freitas no de 1544 ou 1545, morrendo em Malaca a 30 de junho d'este ultimo anno, Orta pôde perfeitamente conhecê-lo em Goa (Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 632; Barros, *Asia*, III, v, 6, e IV, VI, 24; Couto, *Asia*, v, x, 10).

#### NOTA (4)

O *cravo*, como dissemos já, é a flor ainda nova do *Caryophyllus aromaticus*, uma bellissima arvore, ou como dizia Rumphius com enthusiasmo: *pulcherrima, elegantissima, ac pretiosissima omnium mihi notarum arborum*. Esta arvore pertence á familia das *Myrtaceæ*, e Orta reparou na sua similitude com o representante d'aquella familia que melhor conhecia, insistindo por duas vezes em que a flor «nace como murta», ou «em gomos como os murtinhos».

Do *Caryophyllus* procediam tres especiarias distinctas, e de diverso valor:

—o *cravo* propriamente dito, que é a flor colhida ainda em botão, no momento em que passa da cor branca esverdeada á cor vermelha; e esta era a especiaria mais cara e procurada, por ser a mais cheirosa e pungente.

—o pedunculo ou pequenino pé da flor, menos perfumado, de preço muito menor, e chamado *bastão*, *fuste*, *stipites* ou *festuca caryophylli*.

—o fructo já formado, chamado *madre do cravo*, ou *anthophylli*, e tambem mais barato que o *cravo* propriamente dito.

De todas tres falla o nosso escriptor correctamente, e com muito conhecimento de causa. O mais que nos diz sobre o tratamento da arvore, e sobre a colheita e conservação do botão, é bem conhecido e não carece de explicações (Cf. Barros, *Asia*, III, v, 5; Couto, *Asia*, IV, VII, 9; Crawford, *Dict.*, palavra *Cloves*; Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 1; *Pharmac.*, 249).

Como o *cravo* foi uma das especiarias mais importantes no nosso trato com o Oriente, pôde ser interessante uma noticia breve ácerca das phases por que passou o seu commercio.



Não sabemos, nem em que periodo, nem por que modo o *cravo* começou a ser usado no Oriente, na qualidade de perfume, condimento ou medicamento. Parece, porém, que já o empregavam na China nos tempos da dynastia Han (266-220 A. C.), dando-lhe então o nome de *ki shéh siang*, que mais tarde se mudou no de *teng siang*. E parece também, que se encontra mencionado em antiquísimos escriptos sanskriticos, attribuidos a Charaka, nos quaes se lhe dá o nome de *la-vanga*, nome ainda conhecido e usado em parte da India.

Não ha, todavia, motivo para suppor, que n'estes antigos tempos aquella especiaria fosse conhecida nas nossas terras do occidente, antes vimos que o *garyophyllon* de Plinio difficilmente se poderia identificar com o *cravo*, e que só muito mais tarde, depois do v seculo, este começa a ser mencionado claramente. No decurso da idade media foi trazido de um modo mais ou menos regular e constante á Europa, mas ao que parece em pequenas quantidades; acha-se citado nas tarifas de varias cidades commerciaes do Mediterraneo, como é a de Marselha do anno de 1228, e a de Barcelona do de 1252; e no livro de Pegolotti, que se póde referir ao de 1340, falla-se das especiarias vendidas em Constantinopla, entre as quaes figura o *cravo* e também o *bastão*—*fusti di gherofani*.

Todo este *cravo* devia vir das Molucas, unica região onde se cultivou a arvore e se colheu a flor até periodos relativamente muito recentes. D'aquellas ilhas o trariam em barcos malayos, ou em juncos da China e navios de Java, a alguns portos proximos; e d'esses portos proximos a outros mais distantes, perdendo-se naturalmente no caminho a noção exacta da sua primitiva procedencia. Pelo menos essa procedencia ficou geralmente e por muito tempo ignorada. Cosmas Indicopleustes diz: que o encontrou nos mercados de Ceylão, mas o informaram de que vinha de mais longe. Seculos depois, Ibn Khurdádbah dá-o como procedendo de Java. Quatro seculos mais tarde, Marco Polo repete a mesma noticia; e já no xv seculo, Nicolo di Conti affirma que o traziam de Banda. Isto significa simplesmente, que o traziam das Molucas a Banda, de Banda a Java, e de Java a Ceylão; e que os viajantes nas suas averiguações se iam approximando pouco a pouco do ponto de partida, sem comtudo chegarem a alcançar noticia das Molucas.

Nos portos de Ceylão, e nos da India, como Coullão, Calicut e outros, os arabes carregavam o *cravo*, juntamente com outras mercadorias, trazendo-o pelas viagens ordinarias, já varias vezes mencionadas n'estas notas, até ao fundo do Golfo Persico por um lado, ou até ao fundo do mar Vermelho por outro. D'ali seguia por terra a Constantinopla, a Acra, a Tripoli ou a Alexandria; e, d'estes portos, os navegadores do Mediterraneo, principalmente genovezes e venezianos, iam conduzi-lo ás suas cidades italianas, ou ás do littoral da França e da



Hespanha. Esta especiaria, a mais oriental como procedencia, fazia assim uma viagem que era quasi a semi-circumferencia do globo, embarcada e desembarcada dezenas de vezes, vendida e revendida, passando dos juncos chins aos navios dos arabes, d'estes ás caravanas que atravessavam lentamente as interminaveis planicies da Mesopotamia e os infindos areiaes da Syria, d'estas ás embarcações mediterraneas que navegavam por conta dos ricos mercadores de Veneza, ou da grande casa commercial dos Bardi de Florença, ou do poderoso negociante francez Jaques Cœur, ou de varios outros de menor nomeada.

Em vista d'estas demoradas e perigosas viagens, comprehende-se facilmente por que altos preços seria vendido na Europa, sobretudo levando em conta a procura das especiarias, aquelle valor dado a estas substancias aromaticas e ardentes, o qual em parte resultava da sua origem exotica e um tanto mysteriosa. Effectivamente o preço do *cravo* era altissimo. No livro de despezas caseiras da Condessa de Leicester, do anno de 1265, vem notada a libra de *cravo* como custando de dez a doze shellings. E nas contas da execução do testamento de Joanna de Evreux, rainha de França, no anno de 1372, vem avaliada a libra (de 16 onças) de *girofle* em uma libra do tempo. Esta libra tinha, pelos preços do marco de prata, um valor intrinseco de um pouco mais de 9 francos da moderna moeda franceza. Mas o valor *effectivo* da moeda, isto é, a relação dos metaes preciosos com as mercadorias e com as necessidades da vida, foi na ultima parte da idade media seis vezes maior do que actualmente. A libra corresponderia, portanto, a 56 francos actuaes conta redonda, ou sejam 10<sup>0</sup>080 réis<sup>1</sup>, que tanto custavam 16 onças de *cravo*. Para bem fixar desde já a significação d'este preço, notemos que nas Molucas — como melhor veremos adiante — um *bahar* de *cravo*, isto é, 18 arrobas e 19 arrateis, devia custar o maximo por aquelles seculos 27<sup>0</sup>160 réis, ou o equivalente a 12<sup>0</sup>960 réis de hoje. O mesmo peso, posto em Londres ou París, computado o arratel em 10<sup>0</sup>000 réis, custava 5:450<sup>0</sup>000 réis<sup>2</sup>. Como se vê, a oscillação era enorme, e só se pôde explicar pelas difficuldades, demoras e perigos na viagem a que antes nos referimos, e pelos grandes ganhos de numerosos intermediarios.

Segundo se deduz de alguns documentos citados nas paginas seguintes, não ha motivo para suppor, que o preço do *cravo* baixasse consi-

<sup>1</sup> Veja-se Leber, *Essai sur l'appréciation de la fortune privée au moyen age*, 22 e 95. O preço do 10 a 12 shellings em Inglaterra vem citado por Flückiger e Hanbury (*Pharmac.*, 251) e é extrahido de *Manners and household expenses in England*. Supponho que se querem referir ao shelling actual, e mesmo assim, tomando o preço mais baixo, 10 shellings, ainda é superior ao de França no seculo seguinte, sendo de 2\$200 réis, equivalente a 13\$200 de hoje. Se se referissem ao shelling do tempo, seria muito mais elevado.

<sup>2</sup> Em numeros redondos, tomando o preço da *livre* em 10\$000 réis, e não fazendo a redução da *livre* ao arratel portuguez.



deravelmente durante o xv seculo, e até ao começo do xvi. Podemos, pois, admitir, que, no momento em que Vasco da Gama dobrou o cabo da Boa Esperança e navegou para Calicut, um certo peso de *cravo*, o *bahar*, valia nas Molucas 12 mil e tantos réis, digamos 13.000 réis; e que esse mesmo peso em casa de um mercieiro ou droguista de Londres ou de París, valia proximamente 6.000.000 de réis. Este simples facto mostra bem qual era a importancia commercial do novo caminho descoberto pelos portuguezes.

Quando Vasco da Gama chegou a Calicut, forneceram-lhe especarias para o carregamento das suas naus, e entre ellas *cravo*. Era pessimo; muito cheio de *bastão*, como diz Gaspar Corrêa: «o cravo todo era pão». O capitão mór dissimulou, e acceitou-o, com o que os mouros e os gentios ficaram persuadidos de que os nossos pouco entendiam do negocio, e eram gentes «bestiaes». No entanto, os portuguezes durante a sua curta demora no grande porto do Malabar, reuniram algumas informações commerciaes interessantes. Souberam, por exemplo, que todo o *cravo* vinha de «Melequa» (Malaca); isto era um erro, semelhante ao que dois seculos antes commettêra Marco Polo, sómente em lugar de Java apparece-nos agora Malaca, que posteriormente a Marco Polo se havia tornado um dos portos mais importantes d'aquelles mares, e *por onde* vinha effectivamente o *cravo* das Molucas. Souberam tambem, que o *bachar* (bahar) de *cravo* valia em Malaca 9 cruzados; e, como informação comparativa, o auctor do *Roteiro* accrescenta, que valia em Alexandria o quintal de *cravo* 20 cruzados. Em Malaca estavam em uso dous *bares*, mas aquelle que servia no peso do *cravo*, chamado *bar de Dacheim grande*, tinha 14 arrobas e 10 arrateis; e este peso, como acabámos de ver, valia 9 cruzados, ou sejam 19.440 réis em valor intrinseco da nossa moeda, que em valor ou poder effectivo seria seis vezes superior<sup>1</sup>. Deduzindo do valor do *bahar* o do quintal, para obtermos numeros comparaveis, chegámos proximamente aos seguintes resultados:

—um quintal de *cravo* valia em Malaca 5.600 réis, ou em poder effectivo da moeda o equivalente a 33.600 réis.

—o mesmo peso valia em Alexandria 43.200 réis, ou o equivalente a 259.200 réis.

—como termo de comparação recordaremos, que devia valer em París o equivalente a 1.280.000 réis, admitindo que o preço não havia baixado sensivelmente no xv seculo.

<sup>1</sup> Tomando o valor do *cruzado* de D. Affonso V a D. Manuel em 2.160 réis (Aragão, *Descr. das moedas*, II, 237). O valor *effectivo* da moeda, comparado com o actual, conservava no começo do xvi seculo as relações de 6 para 1, que tivera durante parte da idade media (Leber, l. c.).



Damos estas informações do *Roteiro*, sem insistir sobre a sua exactidão. E parece-nos provável, que o preço de Alexandria fosse um pouco inferior á verdade. Pelo contrario, o preço de Malaca deve ser proximoamente exacto, e é confirmado até certo ponto pelas informações de Duarte Barbosa, citadas adiante. O *Roteiro* não falla do preço do *cravo* nas Molucas, porque nem da existencia d'aquellas ilhas os portuguezes tiveram noticia na sua primeira viagem. É esse preço, que nós vamos agora procurar.

As informações de Duarte Barbosa são n'este caso preciosas, porque são, como sempre, lucidas e completas, e alem d'isso se referem a um periodo especialmente interessante, o que vae do anno de 1510 ao de 1516 proximoamente, em que o seu *Livro* foi escripto. N'esse momento, os portuguezes estavam já de posse do commercio de parte da India, mas não intervinham ainda muito directamente no das Molucas, onde, por consequencia, se deviam conservar antigos preços e antigos habitos. Duarte Barbosa diz-nos, que o bahar de *cravo* valia nas Molucas de um a dois *ducados*, conforme o numero de compradores que ali affluíam; valia em Malaca de dez a quatorze ducados, segundo o numero de encomendas; e valia em Calicut de quinhentos a seiscentos *fanões*, e sendo bem limpo até setecentos. O *ducado* de Duarte Barbosa, se acaso elle escreveu esta palavra, póde considerar-se equivalente ao *cruzado*<sup>1</sup>. O preço nas Molucas era, portanto, em valor intrinseco da nossa moeda, de 250 160 a 400 320 réis; e, em valor ou poder effectivo, de 120 960 a 250 920. Em Malaca era de 210 600 a 300 240 réis, ou, em valor effectivo, de 120 600 a 181 440 réis<sup>2</sup>. Duarte Barbosa dá-nos os preços de Calicut em *fanões*, e diz-nos que o *fanão* valia um *real de prata*. Tomando o valor intrinseco do *real* em 80 réis, que teve no reinado anterior de D. João II, teremos o preço do bahar em Calicut de 40 000 réis, 48 000, ou 56 000 réis, ou, em valor effectivo, de 240 000, 288 000 e 336 000 réis. Adoptámos o valor do *fanão* dado pelo proprio Duarte Barbosa;

<sup>1</sup> Digo se acaso escreveu esta palavra, porque a parte do *Livro* onde se encontra a informação falta no manuscripto portuguez, publicado pela Academia, e só se conhece pela versão de Ramusio, sendo bem possível que o traductor adoptasse a palavra *ducado*, mais familiar aos ouvidos italianos. O *ducado de ouro* de Veneza, ou *Zecchin*, valia, no valor actual do ouro, 11 francos e 82 centesimos (Cibrario, *Pol. econ. del med. ev.*, III, 228), bem proximo do valor do *cruzado*, 250 160 réis (Aragão, *Descr. das Moedas*, II, 237). Alem d'isso, parece que os proprios *ducados* corriam na India, sob o nome de *venezianos*, pelo valor dos *cruzados*. Diz Antonio Nunes: «E venezianos, soltanis e abrahemos valem 7 tamgas, que são 420 réis. E cruzados d'ouro de portugal da ley nova valem 420 reis, que são 7 tamgas» (*Livro dos Pesos*, 32).

<sup>2</sup> Note-se que um dos preços de Duarte Barbosa de 10 ducados, ou cruzados, concorda com o do *Roteiro*, de 9 cruzados, havendo apenas um pequeno augmento, aliás natural.



mas devemos advertir que é muito baixo. No negocio da *pimenta* consideravam-se 19 fanões equivalentes a um cruzado, o que desde logo o eleva a mais de 110 réis; e ainda teve valores mais altos<sup>1</sup>. Estes numeros relativos a Calicut devem, pois, considerar-se abaixo dos verdadeiros. Note-se tambem, que o bahar das Molucas era muito superior ao de Malaca e de Calicut, o que contribuia para que os lucros na conducção do *cravo* fossem superiores aos que deduziríamos da simples inspecção dos numeros não rectificad. Mas não pára aqui. Os reis e chefes das Molucas eram quasi selvagens, com todas as phantasias e appetites de creanças e de selvagens; e os tratantes —tomo a palavra no bom sentido— de Java e de Malaca especulavam com essas phantasias. Não compravam o *cravo* a dinheiro; recebiam-n'o a troco de outras mercadorias. Levavam cobre, azougue, pannos de Cambaya, porcelanas, sinos de metal de Java «tamanhos como grandes alguidares, dependuram-nos pelas bordas ... e aly dão com qualquer cousa para os fazerem soar...» —os famosos *gongs* de Java. Os chefes das Molucas davam tudo por estas curiosidades: ... «por um bacio de porcelana que seja grande daom vinte e trinta quintaes d'ele» (*cravo*), por «um sino daom vinte baares de cravo». E Duarte Barbosa termina, dizendo: «asy que de Malaca pera aquy ha muyto groso ganho».

Tal era a situação, quando no primeiro quartel do seculo os portuguezes começaram a negociar regularmente com as Molucas—n'aquellas ilhas preços quasi nominaes, na India já bastante elevados, e na Europa um valor ainda exorbitante da especiaria.

Nos primeiros tempos, os nossos portuguezes seguiram as praticas estabelecidas. Segundo diz Gaspar Corrêa, D. Tristão de Menezes dava «hum panno azul de cambaya, que valia hum cruzado, por hum bar de cravo, que erão quatro quintaes, que saya a cem reis o quintal de cravo»<sup>2</sup>. Depois, como fosse necessario assegurar o fornecimento da especiaria, assentaram uma especie de contrato com os reis das Molucas, marcando um preço fixo ao *cravo*. Este preço era pago em pannos e tecidos, as *roupas del Rey noso senhor*, que vinham da India, de Cambaya ou de Coromandel, e eram avaliadas antes de serem entregues. Por cada bahar de *cravo* davam «roupas» no valor de 3 *pardãos*, ou no equivalente de 3:000 *caixas*. Estes tres *pardãos* representavam

<sup>1</sup> Todo o systema monetario da India, já portuguez, já islamita ou indiano, é muito complicado, e comquanto estudado em trabalhos valiosos, como é a *Descrição das moedas*, de Aragão tomo III, o *Lyvro dos Pesos* de Antonio Nunes e *tabellas* de Goes, ou as *Contrib. to the study of Indo-portuguese numismatics* de Gerson da Cunha, está longe de ser perfeitamente claro.

<sup>2</sup> Perdão, saía a menos, porque o bahar tinha quatro quintaes e meio e mais alguma cousa.



aproximadamente 47626 réis<sup>1</sup>, que deveremos multiplicar por seis ou por quatro para obtermos o poder effectivo da moeda, o qual por estes annos de que vamos fallando já devia ir em decrescimento. Compararem-se estes preços com os de Calicut, note-se que o bahar das Molucas tinha um quintal mais que o d'aquelle porto, advirta-se que na avaliação das *roupas del Rey noso senhor* deviam ir envolvidas differenças vantajosas, e ficará bem claro que o negocio do *cravo* dava lucros enormes—*muyto groso ganho*, como dizia Duarte Barbosa.

O negocio era monopolio do estado, ou do rei—como então se dizia; mas a cobiça de tomar parte n'elle, clara ou clandestinamente, tornou-se intensissima. E é certo, que d'essa cobiça nasceram quasi todas as dissensões, intrigas, violencias e assassinatos, que ensanguentaram e deshonraram o nosso dominio nas Molucas. A cobiça chegou a tal ponto, deu logar a tantas fraudes, que não foi possível manter o monopolio. Os moradores «*por se não poderem suster sem tratarem*» fizeram muitos requerimentos, a que os Governadores tiveram de ceder. No tempo de Nuno da Cunha estabeleceu-se um novo systema, um tanto complicado, mas que, conforme o explicam Simão Botelho no *Tombo do Estado da India*, e Antonio Nunes no *Lyvro dos Pesos*, parece ter consistido no seguinte. O governador ou capitão das Molucas, os seus officiaes e os moradores negociavam livremente no *cravo*, comprando-o na terra pelo menor preço por que o podiam obter, e embarcando-o depois. Sómente, ao embarcar, quando estava «*debaixo da verga*», cediam ao estado um terço do cravo pelo preço antigamente estipulado de tres pardãos por bahar. Quando o *cravo* vinha nas naus do estado, pagavam alem d'isso de frete ou *chuquel* até Malaca 30 por cento dos dois terços que lhes pertenciam<sup>2</sup>. De modo, diz Antonio Nunes, que de «cada dez bares que se embarcão, de terços e chuqueis á dita rezam acima vem a Sua Alteza 5  $\frac{1}{3}$  bares, e fica á parte 4  $\frac{2}{3}$  bares». De Malaca para a India pagava-se novo frete, que era variavel, mas orçava por tres cruzados por bahar de Malaca. Por este modo, entregue a

<sup>1</sup> Nada mais difficil do que fixar o valor do *pardão*, que variava consideravelmente. Tomámos o valor intrinseco do cruzado em 2\$160 réis, e notando que esse cruzado equivalia a 7 tangas, e o *pardão* de 300 réis (o que se usava em Maluco) equivalia a 5 tangas, deduzimos este valor do *pardão* de proximamente 1\$542 réis. Sir H. Yule, guiando-se por outras comparações, chega a estabelecer que o *real* do principio do seculo xvi era um pouco mais de cinco vezes superior ao actual; o *pardão* de 300 réis teria pois um valor superior a 1\$500 réis, o que exactamente concorda com o nosso resultado (Cf. Antonio Nunes, *Lyvro dos pesos*; Yule e Burnell, *Glossary no Suppl. palayra Pardão*).

A *caixa* era uma moeda infima, de cobre, furada pelo meio para se enfiar em cordeis, e que os nossos escriptores dizem vir de Java, mas era provavelmente de origem chinesa.

<sup>2</sup> Simão Botelho não diz exactamente isto, mas a relação de Antonio Nunes é mais clara e deve ser verdadeira.



compra aos particulares, obtinham-se carregações completas, o que antes era difficil, porque muito saía clandestinamente. O lucro do estado consistia nos *chuqueis*, e em obter o terço de *todo o cravo* por um preço infimo. Simão Botelho, que era um zeloso administrador da fazenda publica, approvava o systema: «em que o dito nuno da cunha ffez muito serviço a sua Alteza». Todos os annos ía uma nau ás Molucas levar munições, roupas de Cambaya e Bengala com que se pagavam os terços do *cravo*, e outras cousas necessarias; na volta trazia o *cravo*. Para occorrer ao pagamento dos ordenados, soldo de duzentos homens pouco mais ou menos, custo dos terços do *cravo* a 3 pardãos por bahar e outras despesas miudas, a nau devia levar em fazendas o valor de 8:000 pardãos, e mais algumas moedas de bilhão, ou *baçarucos*. Estes 8:000 pardãos representam-nos mais de 12:000\$000 réis em valor intrinseco, e, suppondo que o poder effectivo se conservava por aquelles tempos na rasão de 4 : 1, approximadamente 48:000\$000 réis da nossa moeda. Indo esta somma, Simão Botelho entendia que as cousas estavam bem reguladas. Vinham os terços por inteiro, e havia abundancia de *cravo*; quando, porém, se mandava menor somma, vendia-se nas Molucas uma parte dos terços, e depois era necessario comprar *cravo* na India para completar a carga das naus do Reino, «em que sua Alteza recebe muyta perda».

Em um dos mais interessantes capitulos das suas *Decadas*, Diogo do Couto, tratando das cousas das Molucas, calcula o *cravo* saído d'aquellas ilhas, uns annos por outros, em 6:000 bahares, sujos de *bastão*, que deviam dar uns 4:000 bahares limpos. Se admittissemos, que todo elle safa nas condições antes expostas, deveria ficar nas mãos do governo portuguez, em terços e chuqueis, um pouco mais da metade, digâmos metade, ou sejam uns 9:000 quintaes, calculando o bahar das Molucas em quatro quintaes e meio, o que está abaixo da verdade. Suppondo, que todo esse *cravo* era comprado a 3 pardãos o bahar, o que tambem não é exacto, porque o dos chuqueis se não pagava, teriamos que o custo dos 9:000 quintaes andaria por 9:252\$000 réis proximamente, ou sejam 37:000\$000 de réis ao poder effectivo da moeda de 4 : 1 e em conta redonda. Tal seria, pouco mais ou menos, e antes menos do que mais, a somma empregada na compra do *cravo*.

Vejamos agora o que esse *cravo* podia valer na Europa. Os preços no xiv seculo, antes citados, eram proximamente de 10\$000 réis por arratel; e temos dito, que esse preço não devia ter baixado consideravelmente no seculo seguinte e primeira metade do xvi. Eis a rasão em que nos fundavamos. Em um edito de Francisco I, datado de 20 de abril do anno de 1542, vem fixados os preços correntes de diversas mercadorias, para por elles regular o pagamento de alguns impostos. Ali encontrâmos o preço do *cravo*, que — segundo as correccões indicadas por Leber — seria o seguinte: a libra de 16 onças de *cravo* custava



3 libras, no valor intrinseco de 11 francos, e no valor representativo de 44 francos, ou sejam 7\$920 réis. Isto daria para o quintal de *cravo* o valor approximado de 1:000\$000 de réis<sup>1</sup>. E chegaríamos assim a concluir, que os 9:000 quintaes, comprados nas Molucas por 30 e tantos contos de réis, davam na Europa 9:000:000\$000 de réis.

Esta conclusão é evidentemente falsa, e o negocio do *cravo* nunca representou no commercio de Portugal uma quantia igual ou mesmo proxima áquella. Necessitaríamos introduzir no nosso calculo varias correcções para nos approximarmos um pouco da verdade. Em primeiro logar os 4:000 bahares —admittindo como certo o numero de Diogo do Couto— não passavam todos pela mão dos portuguezes; e apesar das rigorosas prohibições, os malaioes e javanezes fizeram sempre algum commercio clandestino com as Molucas, e d'ali trouxeram em todos os tempos bastante *cravo*. Depois d'isso, o *cravo*, embarcado nos navios portuguezes, não vinha todo para a Europa; vendia-se parte em Calicut, consumia-se na India e outras terras do Oriente, e necessariamente se realisavam n'esta parte menores lucros. Por ultimo, é claro que os preços, marcados no edito de Francisco I, eram preços de venda a retalho nas villas e cidades interiores da França, e muitissimo diversos dos que podia obter o governo de Portugal. Este vendia por grosso na Casa da India de Lisboa, ou nas feitorias de Flandres e outras<sup>2</sup>. De tudo isto resultavam consideraveis diminuições n'aquella elevadissima somma de 9:000 contos a que chegámos a principio, e que evidentemente está muito distante e muito acima da verdade. Mas emquanto importavam essas diminuições, é o que nos não atrevemos a calcular, nem mesmo grosseiramente, pois nos faltam os dados para o fazer. A unica cousa, que nos parece licito affirmar em vista dos factos apontados, é que, feitas largamente todas as deducções, cerceando os lucros no trato do *cravo* por todos os motivos antes expostos, levando em conta as despesas elevadas das lentas viagens do tempo, tendo em attenção as perdas de naus e de cargas nos sinistros frequentes, ainda assim as enormes differenças de preço davam margem para grossos ganhos. E se o *cravo* não teve nunca, na historia commercial da India portugueza do xvi seculo, a importancia capital que teve a *pimenta*, teve pelo menos um dos primeiros logares, e talvez logo o segundo depois d'aquella especiaria.

---

<sup>1</sup> Daria 1:013\$760 réis; mas a *livre* franceza era maior do que o arratel, e feita a redução teríamos para o valor do quintal portuguez uma quantia proxima a um conto, e mesmo inferior.

<sup>2</sup> Apesar dos meus esforços, não me foi possível encontrar noticia das contas d'estas feitorias, e comtudo estou convencido de que devem existir em algum dos nossos Archivos.



Antes de terminar esta curta notícia sobre o que foi o commercio do *cravo* nas mãos dos portuguezes, devemos chamar a attenção para um elemento de incerteza, que tira parte do valor a alguns dos calculos que fizemos. Tomámos a relação entre o valor intrinseco e o poder effectivo da moeda, que foi de 6 : 1 nos fins da idade media, e passou depois a 4 : 1, 3 : 1 e 2 : 1 no correr do seculo xvi, e admittimos arbitrariamente, que essa relação se dava no Oriente como se dava na Europa. Isto, para mim, está longe de se achar provado. Aquella relação foi deduzida por Leber, por Cibrario e por outros escriptores, do estudo paciente de muitos factos economicos, peculiares á Europa. Esses factos, ou parte d'elles, variavam singularmente nas terras orientaes. As condições da vida, a distribuição do trabalho, a abundancia dos metaes preciosos, o valor relativo da prata e do oiro, toda a organização social e economica, differiam profundamente do que se dava no nosso Occidente. Aplicar ao Oriente a regra economica, deduzida do estudo dos factos observados na Europa, foi claramente um processo de raciocinio, arbitrario e fallivel. Mas esse processo era-nos imposto pela nossa ignorancia; não tínhamos noticia de trabalho algum, em que se estudassem estas questões na sua applicação ás regiões orientaes, e evidentemente não tínhamos nem meios nem competencia para as estudar directamente. Unicamente, pois, podíamos fazer o que fizemos—admittir empiricamente uma relação, que nos servia para tornar alguns numeros mais facilmente comparaveis, e deixar consignada esta nossa duvida.

(Cf. *Pharmac.*, 251; Yule, *Cathay*, 305; Dymock, *Mat. med.*, 328; Yule, *Marco Polo*, II, 254; Major, *India*, 17; *Lendas*, I, 102, II, 711; *Roteiro*, 111 e 115; Duarte Barbosa, *Livro*, 372 e 383; *Subsidios*, no *Lyvro dos pesos*, 40, e no *Tombo*, 112; Couto, *Asia*, IV, VI, 9; etc.)

A historia posterior do commercio do *cravo* interessa-nos menos directamente, e póde resumir-se em breves palavras. No começo do xvii seculo, Portugal, então unido á Hespanha, perdeu o dominio das Molucas, que passaram para a posse dos holandezes. Estes substituíram ao antigo monopolio um monopolio diverso e mais apertado. Emquanto os portuguezes haviam concentrado na sua mão o commercio do *cravo*, deixando a cultura e colheita á gente da terra, os holandezes fizeram-se cultivadores. Desenvolveram as plantações, que já encontraram estabelecidas em Amboyna e ilhas proximas, e mandaram expedições ás Molucas propriamente ditas, para ali destruir as arvores do *cravo*. O resultado d'este systema não foi muito feliz; a exportação de Amboyna e outras ilhas decresceu nos seculos seguintes, e tanto, que na ultima metade do nosso o monopolio da cultura pelo estado foi abandonado.

Por outro lado, alguns pés de *Caryophyllus* haviam sido introduzidos na ilha franceza da Reunião, e nas ilhas africanas de Pemba e Zan-



zibar, onde a cultura se desenvolveu bastante; mas onde não tem prosperado muito nos ultimos annos.

Hoje o *cravo* do commercio vem principalmente d'estas tres regiões: Amboyna, por via de Java; ilha da Reunião; costa africana de leste, por via de Bombaym. Mas a sua importancia tem diminuido muito, e já não é a famosa e procurada especiaria de outros tempos.

(Cf. Rumphius, l. c.; Crawford, l. c.; Pharmac., l. c.; Wallace, *The malay archipelago*, 305.)



## INDICE\*

Privilegio para a impressão dos Coloquios.....	3
Dedicatória do auctor a Martim Affonso de Sousa.....	4
Soneto do auctor a Martim Affonso de Sousa.....	6
Ode de Luiz de Camões ao conde de Redondo, Viso-rey da India	7
Prologo do licenciado Dimas Bosque.....	10
Carta do licenciado Dimas Bosque, ao doutor Thomaz Rodrigues, lente da Universidade de Coimbra.....	12
Epigramma de Thomé Caiado a Garcia da Orta.....	14
COLOQUIO PRIMEIRO—Introducção.....	19
COLOQUIO SEGUNDO—Do Aloes.....	23
COLOQUIO TERCEIRO—Do Ambre.....	45
COLOQUIO QUARTO—Do Amomo.....	59
COLOQUIO QUINTO—Do Anacardo.....	65
COLOQUIO SEXTO—Do Arvore triste.....	69
COLOQUIO SETIMO—Do Altith, Anjuden, Assa fetida e Anil.....	75
COLOQUIO OCTAVO—Do Bangue.....	95
COLOQUIO NONO—Do Benjuy.....	103
COLOQUIO DECIMO—Do Ber, e dos Brindões, dos nomes e apellidos dos reys d'estas terras.....	117
COLOQUIO UNDECIMO—Do Calamo aromatico, e das Caceras.....	141
COLOQUIO DUODECIMO—De duas maneiras da Camfora, e das Ca- rambolas.....	151
COLOQUIO DECIMO TERCEIRO—Do Cardamomo, e das Carandas....	173
COLOQUIO DECIMO QUARTO—Da Cassia fistola.....	194
COLOQUIO DECIMO QUINTO—Da Canella, e da Cassia lignea, e do Ci- namomo.....	201
COLOQUIO DECIMO SEXTO—Do Coquo commum, e do das Maldivas	235
COLOQUIO DECIMO SETIMO—Do Costo, e da Colerica Passio.....	255
COLOQUIO DECIMO OCTAVO—Da Crisocola, do Croco Indiacco, e das Curcas.....	277
COLOQUIO DECIMO NONO—Das Cubebas.....	287
COLOQUIO VIGESIMO—Da Datura, e dos Doriões.....	295
COLOQUIO VIGESIMO PRIMEIRO—Do Ebur ou Marfim, e do Elephante	303
COLOQUIO VIGESIMO SEGUNDO—Do Faufel, e dos Figos da India....	325
COLOQUIO VIGESIMO TERCEIRO—Do Folio indo.....	343
COLOQUIO VIGESIMO QUARTO—Da Galanga.....	353
COLOQUIO VIGESIMO QUINTO—Do Cravo.....	359

---

\* Os indices alphabeticos serão publicados com o segundo volume.

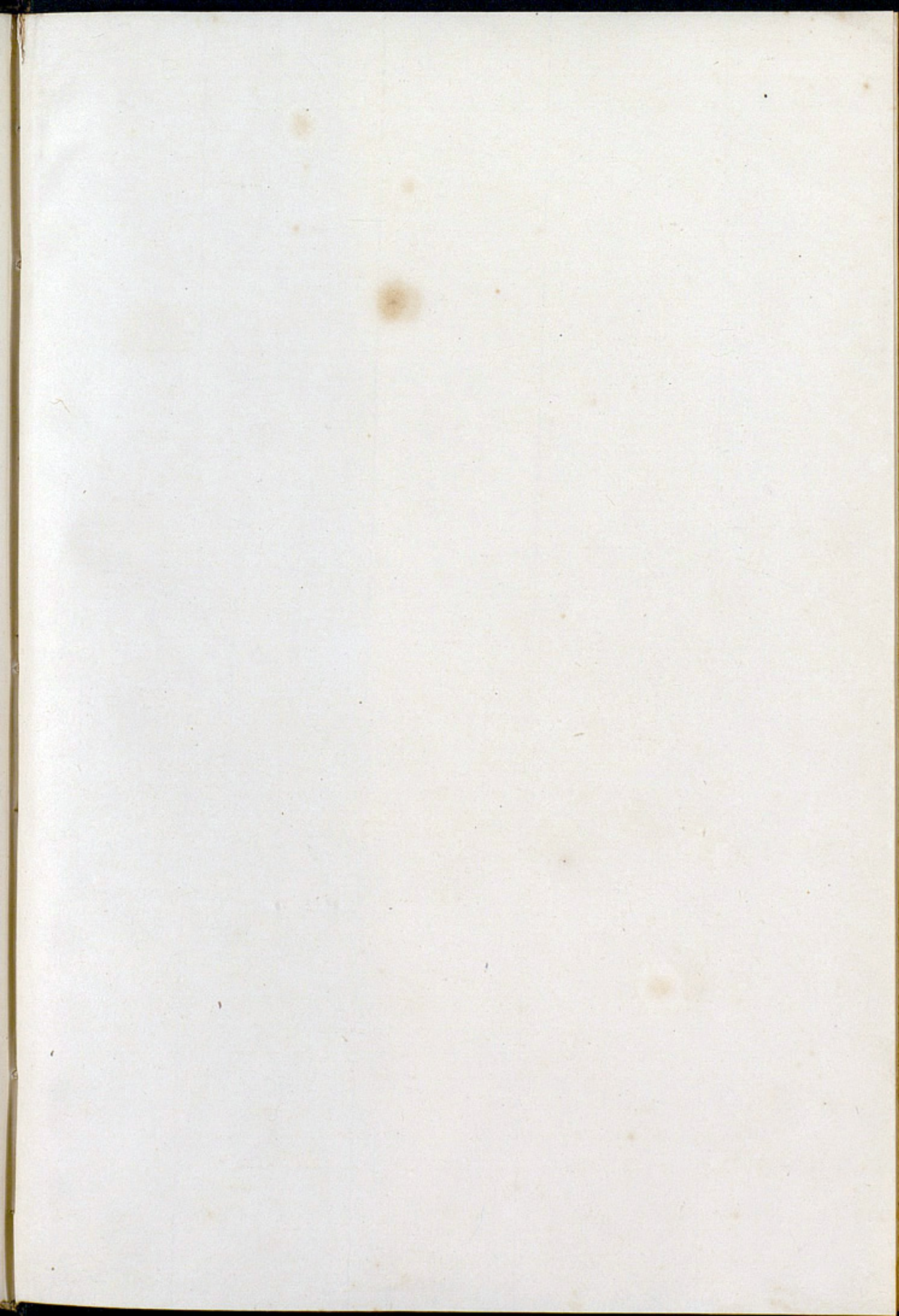


# ÍNDICE

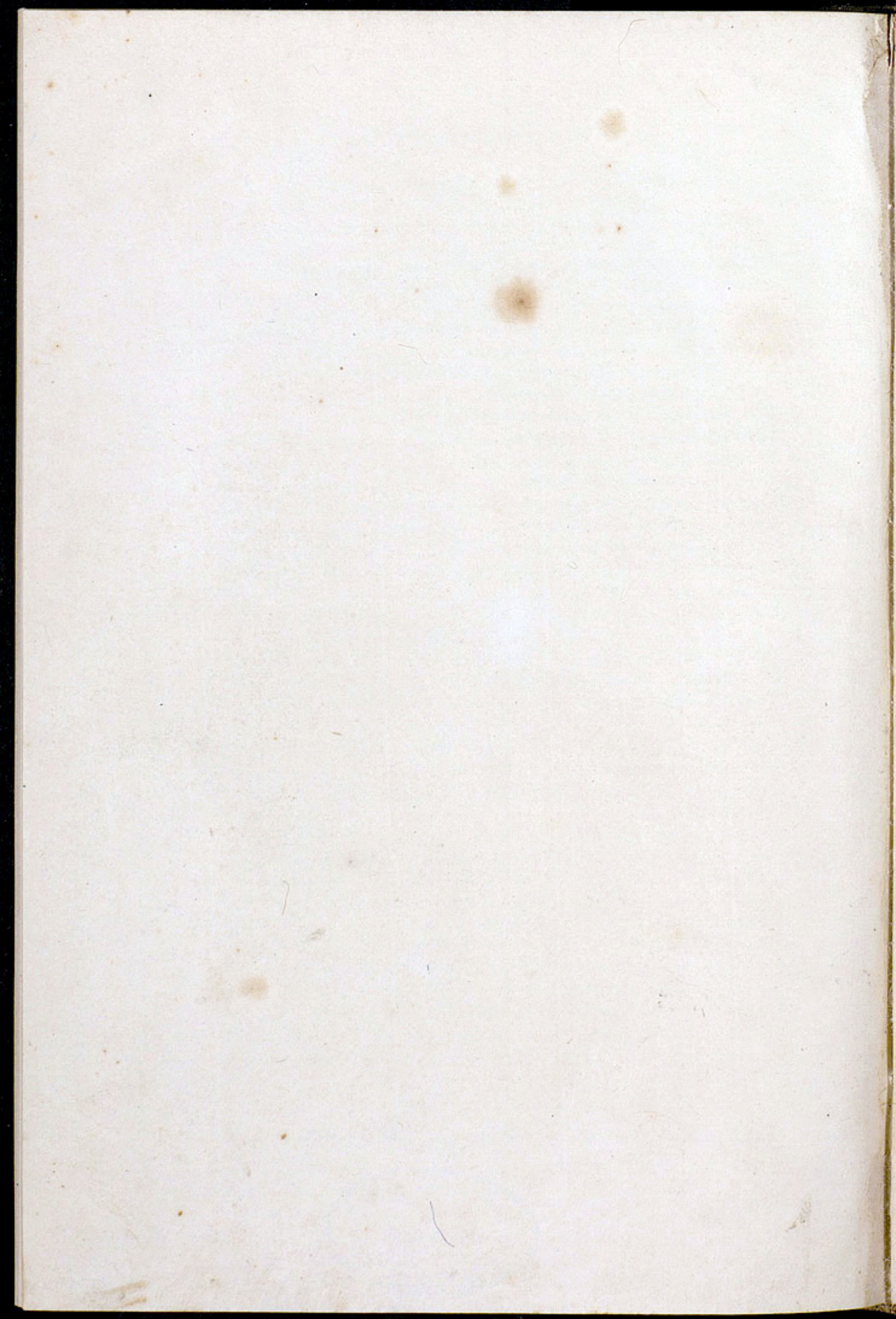
1	Introdução
2	Objeto e finalidade da obra
3	Metodologia
4	Revisão bibliográfica
5	Revisão de literatura
6	Revisão de literatura
7	Revisão de literatura
8	Revisão de literatura
9	Revisão de literatura
10	Revisão de literatura
11	Revisão de literatura
12	Revisão de literatura
13	Revisão de literatura
14	Revisão de literatura
15	Revisão de literatura
16	Revisão de literatura
17	Revisão de literatura
18	Revisão de literatura
19	Revisão de literatura
20	Revisão de literatura
21	Revisão de literatura
22	Revisão de literatura
23	Revisão de literatura
24	Revisão de literatura
25	Revisão de literatura
26	Revisão de literatura
27	Revisão de literatura
28	Revisão de literatura
29	Revisão de literatura
30	Revisão de literatura
31	Revisão de literatura
32	Revisão de literatura
33	Revisão de literatura
34	Revisão de literatura
35	Revisão de literatura
36	Revisão de literatura
37	Revisão de literatura
38	Revisão de literatura
39	Revisão de literatura
40	Revisão de literatura
41	Revisão de literatura
42	Revisão de literatura
43	Revisão de literatura
44	Revisão de literatura
45	Revisão de literatura
46	Revisão de literatura
47	Revisão de literatura
48	Revisão de literatura
49	Revisão de literatura
50	Revisão de literatura
51	Revisão de literatura
52	Revisão de literatura
53	Revisão de literatura
54	Revisão de literatura
55	Revisão de literatura
56	Revisão de literatura
57	Revisão de literatura
58	Revisão de literatura
59	Revisão de literatura
60	Revisão de literatura
61	Revisão de literatura
62	Revisão de literatura
63	Revisão de literatura
64	Revisão de literatura
65	Revisão de literatura
66	Revisão de literatura
67	Revisão de literatura
68	Revisão de literatura
69	Revisão de literatura
70	Revisão de literatura
71	Revisão de literatura
72	Revisão de literatura
73	Revisão de literatura
74	Revisão de literatura
75	Revisão de literatura
76	Revisão de literatura
77	Revisão de literatura
78	Revisão de literatura
79	Revisão de literatura
80	Revisão de literatura
81	Revisão de literatura
82	Revisão de literatura
83	Revisão de literatura
84	Revisão de literatura
85	Revisão de literatura
86	Revisão de literatura
87	Revisão de literatura
88	Revisão de literatura
89	Revisão de literatura
90	Revisão de literatura
91	Revisão de literatura
92	Revisão de literatura
93	Revisão de literatura
94	Revisão de literatura
95	Revisão de literatura
96	Revisão de literatura
97	Revisão de literatura
98	Revisão de literatura
99	Revisão de literatura
100	Revisão de literatura



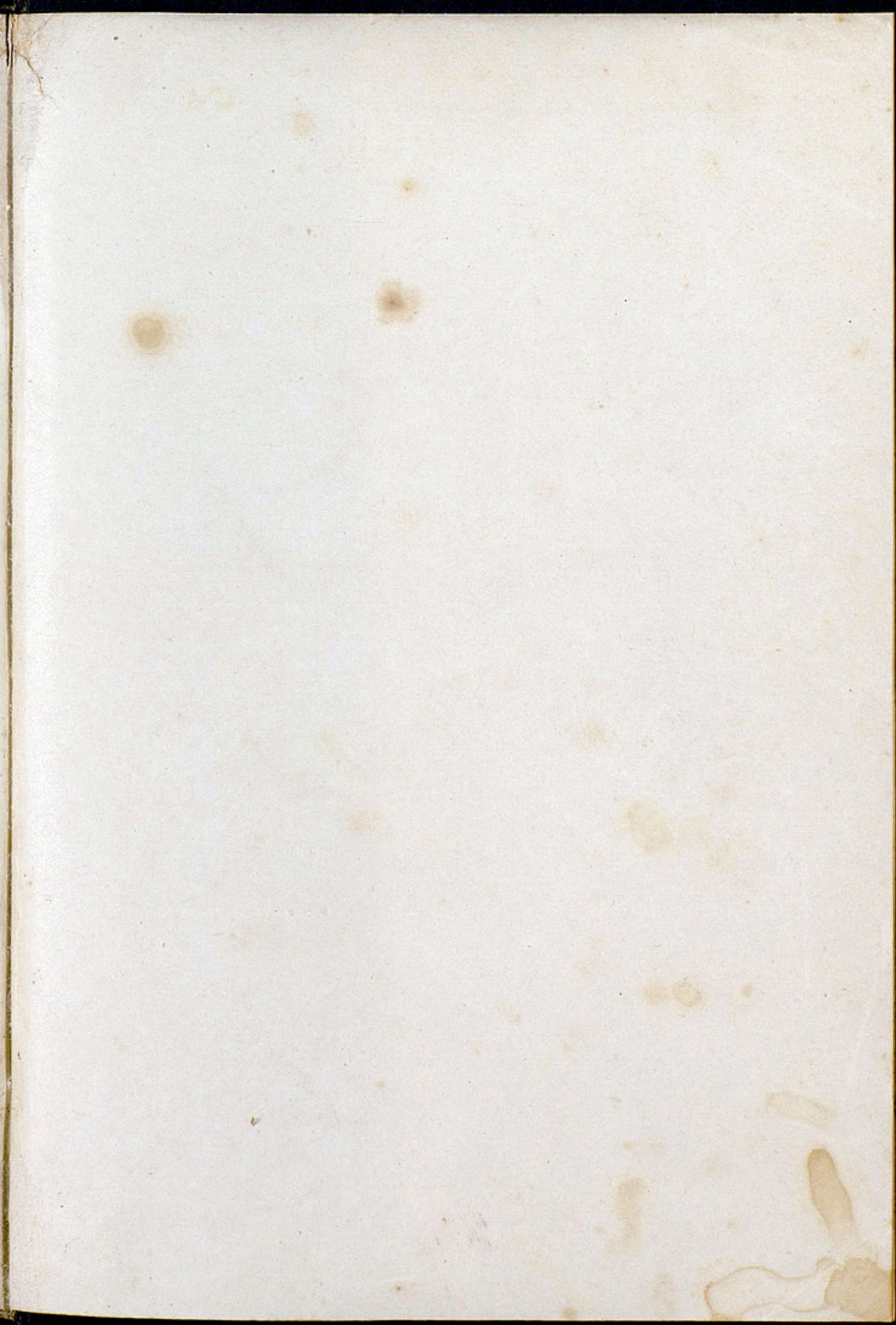




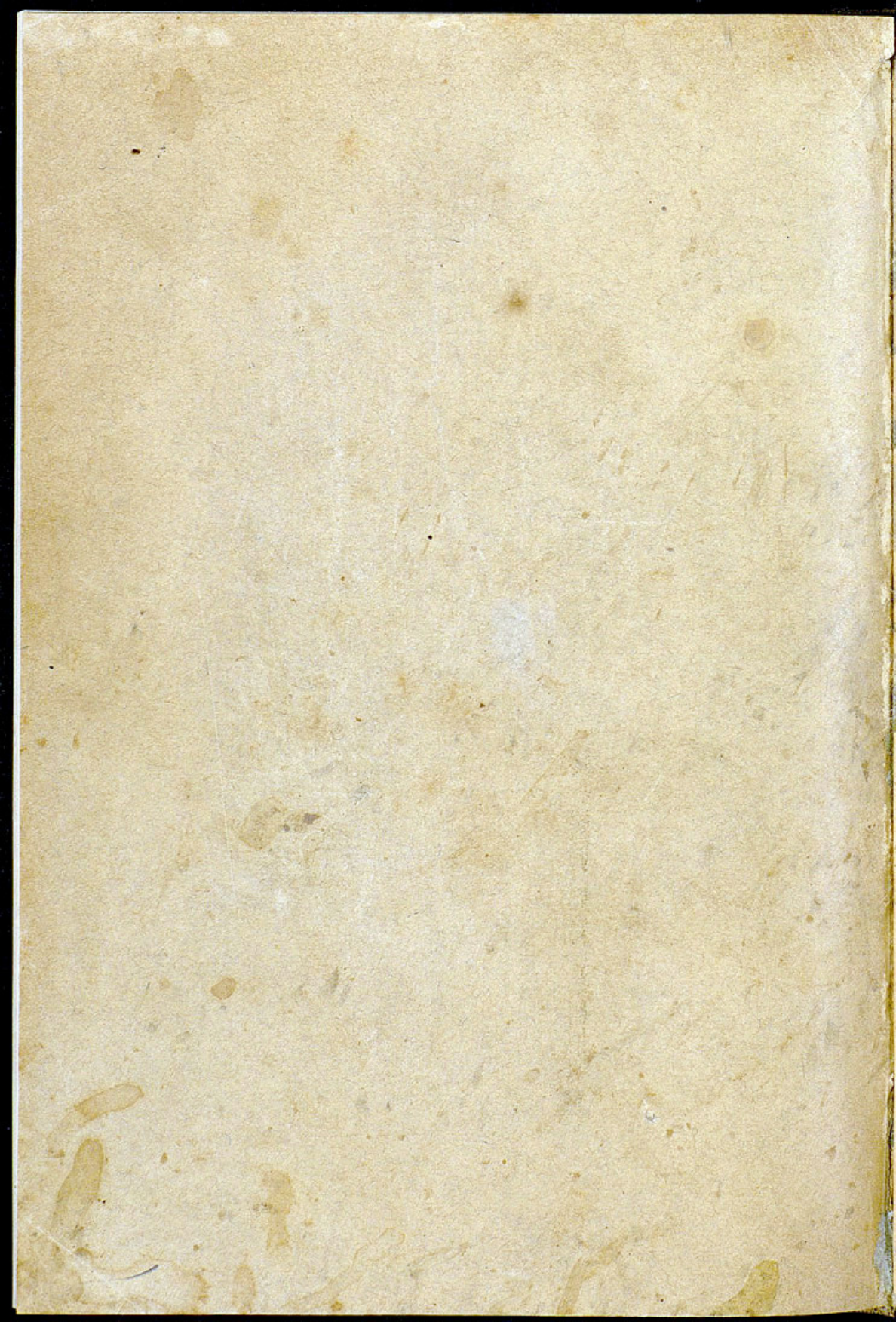




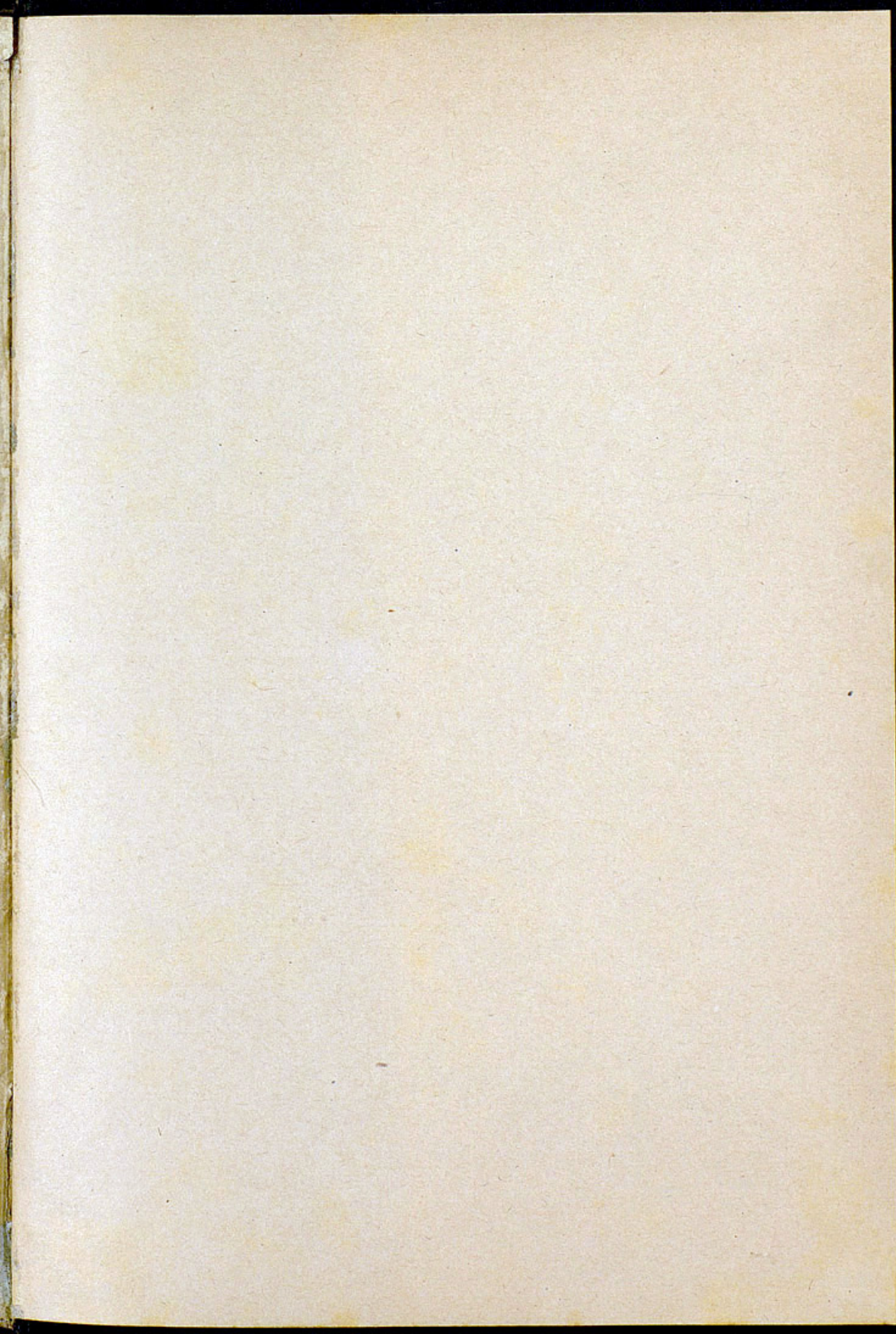




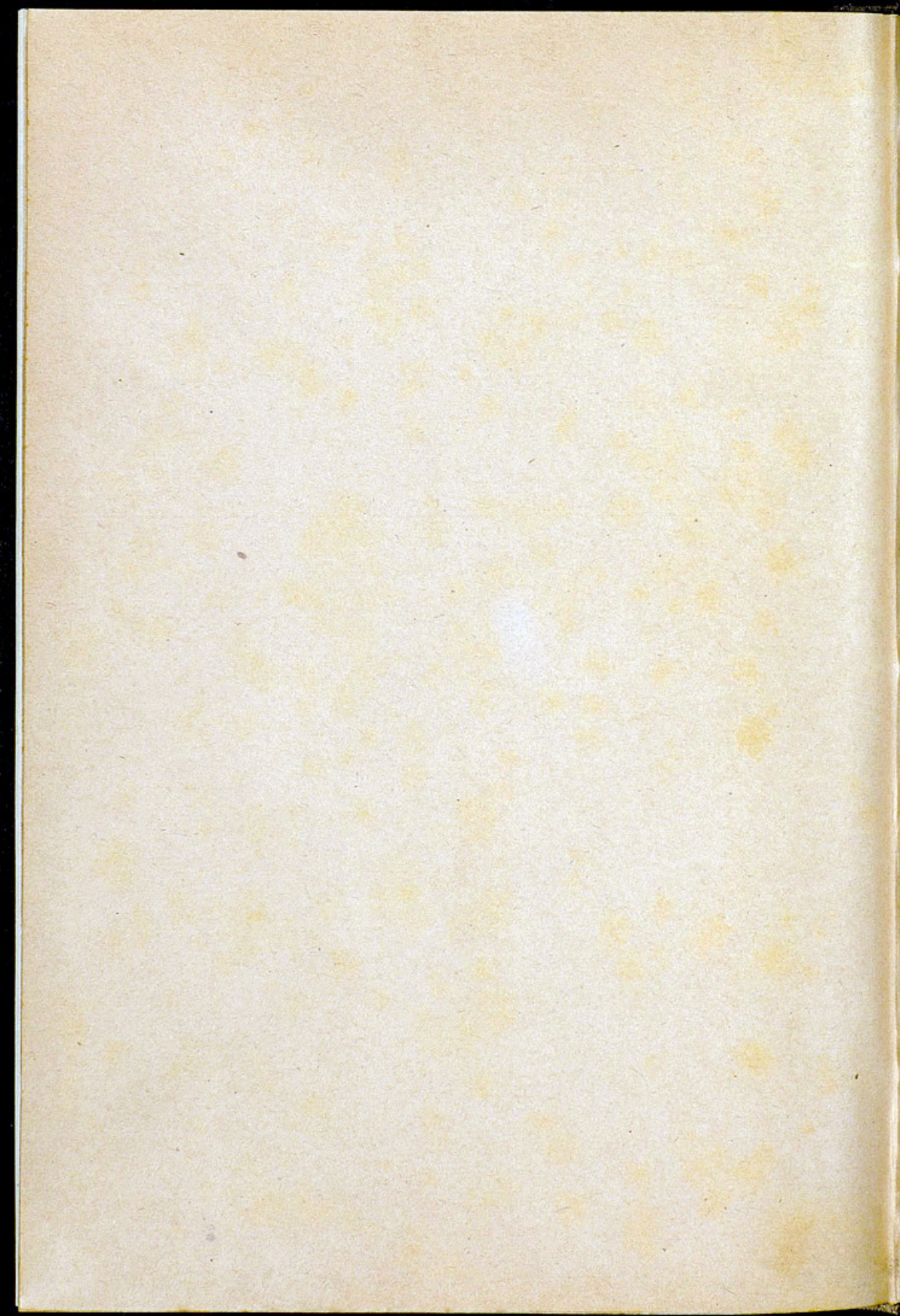




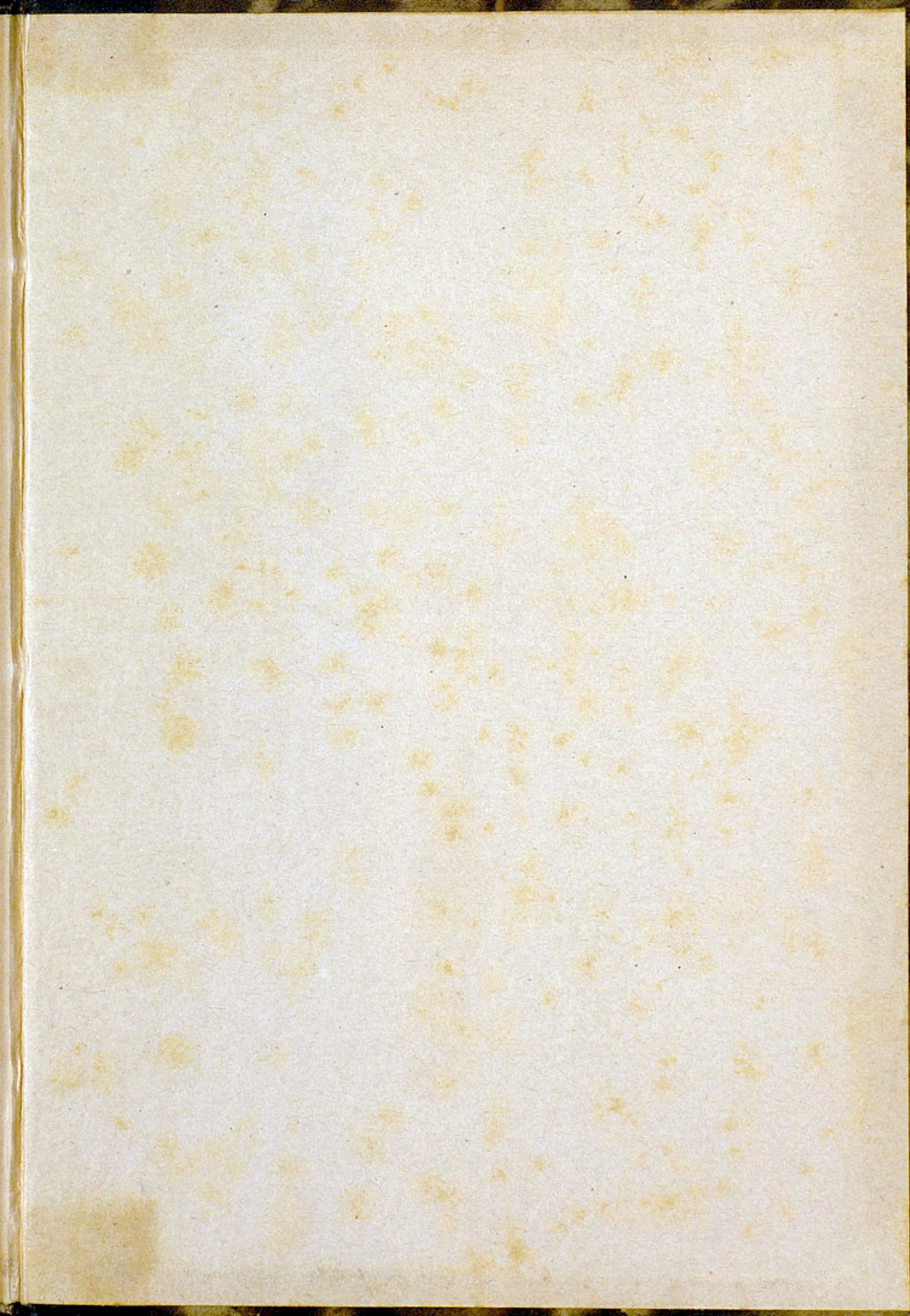
















UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Departamento de Botânica



1322508089